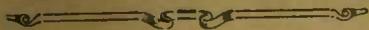


AFFONSO D'E. TAUNAY



NO BRASIL IMPERIAL



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1922

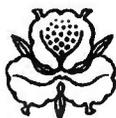
NO BRASIL IMPERIAL.

AFFONSO D'E. TAUNAY



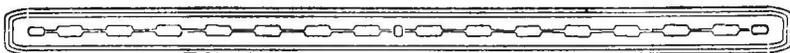
T/4/19

NO BRASIL IMPERIAL



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL
1922

*SEPARATA do vol. 141 da "Revista do
Instituto Historico e Geographico Brasileiro"*



NO BRASIL IMPERIAL

- I. A formação intellectual de d. Pedro II. — II. Tradições militares. —
III. D. Pedro I e seus mercenários. — IV. Extrangeiros ao serviço
do Brasil. — V. Uma princeza brasileira desconhecida. — VI. Um
album de Elisa Lynch

I

A FORMAÇÃO INTELLECTUAL DE D. PEDRO II

“De todos os monarchas do mundo era o nosso o unico sabio !” exclamava, a cada passo, um dos mais ferventes admiradores que jámais contou d. Pedro II, o bom frei Antonio da Conceição Gomes de Amorim, beneditino velho, antigo capellão da Armada, que no Mosteiro de S. Bento, no Rio de Janeiro, conheci.

Mais soldado do que padre, entre parenthesis, navegara annos e annos, sobretudo na *Niteroi*, fragata de que contava maravilhas; bombardeara Paisandú e forçara Tonelero, fizera cruzeiros innumerados e não sei mesmo si não dera a volta ao mundo. Contava com muita animação, e certa graça, innumerados casos de sua longa capellania naval e tirava a maxima ufania do titulo de prégador imperial, com que o condecorara o imperador, ao se reformar e recolher-se ao seu cenóbio.

Com os annos lhe crescera a já enorme admiração pelo monarcha. Nelle via um sabio, mais sabio que os septe da Grecia, e no seu enthusiasmo fazia-nos embasbacar, avançando peremptorio e solenne: “perço do nosso imperante, saibam vocês, que os outros reis do mundo eram uns ignorantes ! uns analphabetos !”

Funda impressão nos causava, a nós rapazes, a affirmativa que não supportava contradicção, do bom monge, tal a convicção, o respeito com que a lançava. Ia um pouco longe

frei Amorim, mas não ha hoje quem, de boa fé, pretenda negar quanto foi d. Pedro II um dos homens de mais vasta cultura geral que jámais houve, servido por bellissima intelligencia e formidavel memoria, continuamente aprimorada pela obtenção de novos elementos, pois jámais, tambem, houve ledor insaciavel que lhe tenha levado vantagem. Lia e annotava á margem, quasi sempre, os livros que lhe caíam ás mãos. A' Bibliotheca Nacional está incorporada a maior parte da sua immensa e valiosissima livraria particular. Em milhares de volumes avultam as suas notas de leitor assiduo e attento como raros, movido por invencivel curiosidade scientifica e litteraria.

E esta feição de intellectualismo robusto teve-a desde os primeiros annos o glorioso Bragança.

Sabem todos que, nascido a 2 de Dezembro de 1825, viu-se o magnanimo monarcha privado, desde o berço — tinha um anno e seis dias apenas — dos carinhos de sua mãe, fallecida a 11 de Dezembro de 1826. E que mãe! uma criatura feita de ternura e rectidão de espirito, refeita de grandeza moral, acrysolada pelo infortunio e a dignidade no soffrer de resignação e pundonor!

Apresentado á Côrte, no proprio dia do nascimento, pelo brigadeiro Francisco de Lima e Silva, o futuro regente do Imperio, foi o pequenino d. Pedro de Alcantara confiado á guarda dedicadissima de d. Marianna Carlota de Verna Magalhães, mais tarde condessa de Belmonte, então nomeada sua aia. Baptisado com a maxima pompa a 9 de Dezembro, e na Imperial Capella, pelo bispo capellão-mór, teve uma laldainha de nomes terminada por *Miguel Gabriel Raphael Gonzaga*, tradicionaes na casa de Bragança. Era pouco depois, apresentando a Nossa Senhora da Gloria a 2 de Janeiro de 1826, em outra festividade de grande gala.

Teve d. Pedro II como ama de leite uma suíssa robusta, vinda entre os colonos recém-contractados para a fundação de Nova Friburgo, certa Maria Catharina Equey, que durante dous annos o amamentou. Durante toda a vida contou a ama com a protecção do imperial "filho de leite", que grato lhe deu pensão e morada no Paço da Cidade.

A 26 de Agosto de 1826 era o pequerrucho, por acto solenne, reconhecido herdeiro presumptivo da corôa do Brasil.

Poucos mezes depois via-se o menino príncipe imperial, pelo braço do camarista Andrade Pinto, levado a abraçar sua desventurada mãe, que dava o último "beija-mão", cercada de suas excellentissimas damas, vestido o seu cadaver de grande gala, estirado no leito de Estado sob uma riquissima colcha da China, côr de perola, e encostado em duas almofadas de seda verde ouro.

Nada poderia certamente comprehender o pequenino Pedro II da scena, em que no entanto, de accôrdo com a pragmática, era o mais notavel figurante, ausente como se achava d. Pedro I, no Rio Grande do Sul.

Ao osculo que o fizeram dar á mão da desditosa mãe, seguiram-se os de suas quatro ermãzinhas: a rainha de Portugal e as princezas d. Januaria, d. Paula, d. Francisca, cada qual conduzida por um veador. A todos cortou o coração tão pungente scena. Tinha a mais velha das princezas, a rainha d. Maria da Gloria, apenas septe annos; d. Januaria, cinco; d. Paula, tres, e d. Francisca, dous.

No seu estylo gravibundo, relata o *Diario Fluminense*:

«Si não temessemos tocar tão penetrante ferida, mencionaríamos agora a dor que mostrava a Senhora Rainha, sufocada pelo seu vehementissimo soffrimento, e logo rompendo em soluços significativos da sua consternação, merecendo a ternura de sua alma innocente e a idéa de sua perda irremediavel á sisuda reflexão da idade. Esta não abafava tambem as demonstrações de suas augustas ermãs, que parecião ainda duvidar da sua desgraça de que as desenganava a ausencia daquelle meigo carinho com que erão agasalhadas pela mais extremosa das mães.»

Pobre d. Maria II! Muito haveria ainda esta digna ermã de d. Pedro II chorar na curta e attribulada vida de soberana, esposa e mãe.

Menino, a principio debil e doentio, tendo soffrido muito com a dentição, era o futuro d. Pedro II, em 1827, uma criança "magrinha e muito amarella", no dizer do visconde de Barbacena.

Em 1830, já aprendia os rudimentos do catecismo, sob a direcção da condessa de Belmonte que, para tal fim, es-

crevera pequeno compendio. Fora ella quem, tambem, lhe ministrara as primeiras lettras, inexcedivelmente dedicada como lhe era. Pouco depois se dava o 7 de Abril, e passavam o pequenino principe imperial e suas ermãs para a tutela de José Bonifácio, o antigo, conselheiro inspirador, adversario e inimigo de seu pae, por este deportado e, no momento da infelicidade, o amigo certo nas cousas incertas, chamado a ser o titor de seus filhos, por um dos mais nobres documentos de que rezã a História universal.

Ouvi do cõde d'Aljezur, o velho e fidelissimo gentil-homem da casa de d. Pedro II, que, ao alvorecer de 8 de Abril, partiu o patriarchã para S. Christovam, em demanda dos filhos de seu perseguidor de 1823. Chegando ao Paço, e sabendo que os principezinhos estavam absolutamente agonizados com o que viã e bñviam, espavoridos pelo tumulto do dia e afflictissimos pela ausencia do pae e da madrastra, correu-lhes ao encontro. Ao ver o pequeno d. Pedro II, suspendeu-o nos braços, commovidissimo, e exclamou: "Meu imperador e meu filho!"

Conta Raffard que para fazer socegar os principezinhos, mandou o grande santista lhes fossem entregues todos os lindos brinquedos que possuíam em quantidade. Observou-lhe uma das camaristas que tal não era possível: havia uma escala diaria determinada pela imperatriz d. Amelia, para a distribuição de brinquedos afim de que ss. aa. não os estragassem rapidamente. Quasi á valentona, exigiu o patriarcha a entrega e não houve remedio sinão obedecer-lhe.

Dentro em breve, enthusiasmadas com tal liberdade, estavam as quatro criancinhas entretidas, e ausentes ás desgraças do dia.

Parece que com o auxilio da condessa de Belmonte, pôde d. Pedro II traçar a cartinha enviada ao pae, ainda no porto do Rio, a 12 de Abril, e contestada pela tão delicada e conhecida resposta cuja primeira linha é: "Meu querido filho e meu imperador".

Confirmada pelas Camaras a escolha de José Bonifácio, para tutor do pequeno soberano e suas ermãs, principiou este activamente a tractar da educação do seu "imperador e filho". A 7 de Agosto de 1831, tomava para mestre de es-

cripta, primeiras letras e Geographia, dos seus augustos pupillos a Luiz Aleio Boulanger, o habilissimo calligrapho, desenhista e gravador, a quem immenso deve a nossa Iconographia.

No dia 3 de Novembro, recebia d. Pedro II a primeira lição de Geographia, e, dentro em pouco, escrevia suas cartinhas ao pae, que lh'as contestava sempre carinhoso e gentil.

Mostrava o pequenino imperador surprehendente vocação para o Desenho; herdara-a da imperatriz d. Leopoldina habil aquarellista. Em Maio de 1832 mandaram a d. Pedro I um *croquis* "bem acceitavel", que do Mosteiro de S. Bento fizera. Em 1833 já o imperadorzinho entendia bastante do francez e respondia umas phrases em inglez ao ministro Fox, que lhe apresentava credenciaes. Estudava francez com o conego Boiret; Desenho com o distincto pintor portuguez Simplicio Rodrigues de Sá. Ensinara-lhe a dança Lourenço Lacombe, Musica Fortunato Maziotti e inglez Nathaniel Lucas. Quanto ao latim, quem lhe ministrava os primeiros rudimentos era o dr. Roque Schuch, austriaco illustrado, antigo bibliothecario da imperatriz d. Leopoldina.

Graves defeitos se irrogam a d. Pedro I, mas uma qualidade notavel se lhe não pôde negar: o amor á sua prole. Tão forte era este sentimento, que o repartia pela descendencia legitima, legitimada e illegitima. No seu testamento contemplou, e com boas sommas, diversos bastardos, que suppunha fructos de algumas das suas mil e uma aventuras.

Dé longe, no meio das agruras da longa e tremenda guerra sustentada contra o ermão d. Miguel, jámais se esqueceu dos filhos que no Brasil deixara, desgraçado mas sempre honrado pae. A miude escrevia, pedindo noticias delles. A morte da princeza d. Paula fe-lo chorar muito e muito. Correspondia-se assiduamente com as damas do Paço, que o informavam do progresso do pequeno imperador e das "meninas". E frequêntemente se carteava o optimo pae com os muito queridos filhos.

Provocaram as luctas crueis da Regencia a destituição da tutoria de José Bonifacio, substituido, como se sabe, em Dezembro de 1833, pelo marquez de Itanhaém, fidalgo do

character integro, mas de mediocre intelligencia e cultura limitada.

Pouco antes estivera d. Pedro II, então menino de 8 annos, á morte, de uma febre cerebral.

A seu respeito dizia o tutor á Assembléa: "Sua majestade lê e escreve bem, traduz as linguas ingleza e franceza, applica-se, além disto, á Geographia, Musica, Dança e Desenho; nisto, principalmente, faz progressos admiraveis, por ser o estudo que mais o deleita. Apesar de applicar-se a muitos ramos, não é fatigado pelos mestres, que exigem licções com a parcimonia, que as fôrças e idade do augusto discipulo permittem"

Orpham de pae, a 24 de Septembro de 1834, viveu d. Pedro II sob a carinhosa e austera solitudine do marquez de Itanhaém, que a politicagem fizera substituto do genial Andrada.

A 2 de Maio de 1835, eram officialmente apresentados á Assembléa escriptos seus, para que os parlamentares avaliassem do seu adeantamento.

Menino precocissimo, cheio de docilidade e submissão", como disse um dos seus biographos, sua infancia já fazia entrever o "homem inclinado á verdade e ao bem". Complicava-se-lhe o plano de estudos com o decorrer dos annos. Adoecendo Simplicio, ficara em seu logar, como mestre de Desenho, Felix Emilio Taunay, depois barão de Taunay, então director da Academia Nacional de Bellas-Artes. Mais tarde lhe haveria de tambem ensinar a Historia universal e a das artes, Litteratura antiga e grego. Tomou-se um pedagogo encarregado de fiscalizar continuamente a educação do monarcha, e a escolha recaiu sóbre o sabio carmelita frei Pedro de Sancta Mariana, mais tarde bispo de Chysopolis, lente jubilado de Mathematicas.

Já então tocava o menino soberano "bem regularmente o piano e adeantava-se na equitação e na dança".

Aos dez annos e meio, tinha d. Pedro II uma instrucção absolutamente rara para um menino de sua idade, e para a epocha, demonstrando, além de tudo, pouco vulgar criterio.

Em 1837, informava o marquez de Itanhaém "fallava e escrevia o francez, pouco deixando a desejar, lia e traduzia

com a maior facilidade o inglez, embora claudicasse na Orthographia; já sabia muita cousa de Historia, e no latim apresentava sempre progressos; em Arithmetica, era sabedor da práctica, mas não conhecia ainda a parte philosophica”

Em 1838, falla-se que o imperador fizera grandes progressos em latim e Litteratura, mostrando decidido amor pela Historia e pelos assumptos heroicos”. E estudava com prodigioso afinco: “Desde que foi confiado aos cuidados dos mestres** diz monsenhor Pinto de Campos, “teve esta criança comportamento viril. Nunca foi necessario chama-lo para o estudo; talvez antes se julgasse algumas vezes prudente recommendar-lhe a abstenção de applicação tão prolongada”.

Muitas vezes frei Pedro de Sancta Mariana, sendo já adeantada a noite, se transportava ao aposento do menino, e achando-o sôbre os livros, lhe representava que a sua idade tenra não comportava semelhante assiduidade, com que a saude e até a natureza, se lhe podia prejudicar. Convidava-o a recostar-se e apagava-lhe a luz algumas vezes voltando, passada meia hora, ou uma hora, tornava a achar o estudantezinho sôbre seus livros, tendo por si mesmo reaccendido as luzes!”

Em 1839, começa o imperador, com Schuch, o estudo do allemão, e Araujo Vianna (o futuro marquez de Sapucahi), nomeado seu professor de Litteratura e Sciencias prácticas dá, do seu saber, as mais lisongeiras informações. Em latim, verte prosa com facilidade, compõe sem erros, traduz versos com desembaraço, estuda a Grammatica comparada entre o portuguez e a lingua mãe, prepara-se para o estudo philosophico da Historia, lê, traduz, escreve e falla facilmente o francez e o inglez; adeanta-se no allemão, progride na Musica, no Desenho e já mostra firmeza e agilidade na Esgrima, em que o dirige o futuro duque de Caxias. Revela enorme desejo de saber, docilidade e talento. Em 1840 enceta o estudo da Philosophia e da Rhetorica, continúa a aprofundar-se na Historia e na leitura dos classicos latinos e portuguezes.

Em Julho, ainda de 1840, como todos sabem, ficava d. Pedro II maior, graças ao golpe de Estado dirigido pelos Andradas..

Acaso teriam estes dous grandes homens ousado tomar tal responsabilidade, si não soubessem que o menino de quatorze annos e meio, proclamado imperador inconstitucionalmente, amadurecera no estudo sobremodo, a ponto de se tornar já notavel entidade, dotado de intelligencia profunda e criterio superior, servido por aquella memoria estupenda, deante da qual ficavam boquiabertos todos os que lhe percebiam a extensão, a segurança e a minúcia dos factos lembrados ? ”

Uma vez investido dos poderes majestaticos, não existem mais indicações officiaes acêrca dos estudos de d. Pedro II.

Ninguem ignora, porém, que continuou fervorosissimo amigo dos livros, a ponto de adquirir a mais vasta e intensa illustração geral.

Era-lhe notavel o pendor pela Philologia. Assim, depois de empossado do poder, continuou com o estudo do grego, em que por muitos annos foi discipulo de Felix Emilio Tauxemay, e encetou o do hebraico e sanscripto com um erudito linguista allemão, por muito tempo residente em S. Christovam, o dr. Koch, em cujo tumulo, feito do seu bolsinho, mandou inscrever o disticho — *Ao amigo*.

A Archeologia tambem muito apaixonou d. Pedro II, sobretudo no tocante ás antiguidades egypcias. Manteve assidua correspondencia com Brugsch e Mariette Bey. Coube-me o prazer de traduzir e divulgar o *Diario da viagem ao alto Nilo*, da sua lavra, de que, infelizmente, só se achou a primeira parte, num dos moveis da bibliotheca de S. Christovam. Escripto em francez, quiçá para que os egyptologos seus amigos o pudessem ler, é interessante, singello, absolutamente despretençioso, intimo. De sua leitura se infere quanto era o imperador versado em Egyptologia.

Enfim, insistir em lembrar a illustração de Pedro II torna-se verdadeira impertinencia. Quem ignora a célebre saudação de Victor Hugo — “Sois, Senhor ! o neto de Marco Aurelio ! ? ” Recordarei, aqui, apenas, a titulo de curiosidade, pouco conhecido depoimento sôbre a impressão immediata causada pela cultura do imperador, depoimento da mais su-

bida importancia por partir de um dos mais justamente célebres dos nossos contemporaneos: Frederico Nietzsche.

Estava o famoso creador do super-homem, numa pequena estação da Austria, quando passou o trem em que devia embarcar, para fazer pequeno percurso. Enganando-se, foi ter a certo vagão de luxo. Verificado o erro e notando que o carro estava occupado por alta personalidade acompanhada de grande sequito, quiz retirar-se o pensador, mas teve logo o mais amavel convite do illustre viajante a que se sentasse. Não tardou que este o interpelasse e dentro em pouco, estivessem os dous em cerrada conversa. Uma hora mais tarde, descia Nietzsche na estação do seu destino e absolutamente entusiasmado indagava da identidade do interlocutor. Soube então, surpreso, que se tractava do imperador do Brasil. Muito e muito fallou acêrca do imprevisto encontro, literalmente fascinado pelo espirito do soberano, impressionado, ao último ponto, com o que d'elle ouvira.

Longos annos após a morte de d. Pedro II trouxe este facto a público o conde de Prozor, o conhecido e entusiasta propagandista da obra de Ibsen. Ouvira da viuva de Nietzsche a narrativa do curioso caso.

Foi ainda este relêvo, logica consequencia de uma vida intensa de cerebral desde os seus mais tenros annos, que, no momento do embarque, no *Alagôas*, causou a mais intensa preocupação ao monarcha recém-deposto.

Viram-n'o, a familia e os companheiros do exilio, absolutamente desassocegado, a indagar, afflicto, da sorte de certas caixas. Quando as teve a bordo, serenou inteiramente. Via perto de si os livros que escolhera para a travessia e o destêrro, os seus queridos livros...

Foram elles os fieis acompanhadores dos derradeiros dias, dizem-n'o as cartas do exilio, os grandes consoladores dos dous annos ultimos de tristeza. Ao tão constante amigo retribuirám o affecto do longo apêgo. Fortaleceram-lhe aquella feição d'alma, entre todas grandiosa, graças á qual, jámais se lamentou do rigor da iniqua sorte, por mais cruel que fosse e sem piedade arrancando-lhe o throno e a majestade, quando estava a dous passos só da morte...

II

TRADIÇÕES MILITARES

Apaixonado do nosso passado militar, dentre os que ultimamente o têm evocado com maior felicidade está o sr. Gustavo Barroso, cuja contribuição anecdótica é das mais interessantes.

Nada mais util do que essa reconstrucção dos *à côté* da nossa Historia, toda ella por fazer, por fixar, como aliás tanta nossas éras coloniaes? Nada, ou, quando muito, quasi nada.

E realmente que resta da parte anecdótica dos annaes das nossas éras coloniaes? Nada, ou, quando muito, quasi nada.

Faltam-nos por completo as *Memorias*, as reminiscencias, até as que podiam reportar-se a epochas recentissimas. Não se coaduna tal genero ao feitiço de nossa gente, dirão alguns. Julgamos mais exacto affirmar que esta feição litteraria só póde medrar em meios de elevada cultura, num nivel superior ao do Brasil de antanho. Não é em ambientes rudes que o documento humano viceja.

E isto o prova o desenvolvimento que o genero entre nós tem tido, ha umas duas ou tres decades. E, entretanto, não se póde dizer que as anedotas sejam escassas em nosso paiz, onde, como no resto do mundo, o gôsto pelo mexerico, o espirito de critica e a maledicencia se mantêm, digna e razoavelmente, pelo mesmo padrão.

O que não tem havido é quem se haja dado ao trabalho de colleccionar as contribuições da tradição oral, de modo a lhes impedir a deturpação e ao mesmo tempo fazer-lhes a attribuição exacta, firmando-lhes a authenticidade.

Anedotas espirituosas e brejeiras, salgadas e salgadissimas, heroicas e arrebatadoras, contam-se ás centenas em nossas tradições militarês. Transmittem-se de bocca em bocca, transformam-se ás vezes por completo, geralmente perdendo a primitiva graça fina para se carregarem de chalaça. E á medida que as gerações passam vêm-se attribuidas a uma série de grandes vultos diversos.

Quantas dellas, a principio ligadas aos nomes de Lecor, Labatut e Soares de Andréa, foram mais tarde postas no activo de Caxias, Osorio e Porto-Alegre, para afinal correrem hoje presas á memoria de Diodoro e Floriano?

Na nossa Litteratura militar uma unica obra conhecemos recheada de excellentes documentos humanos, capazes de orientar o observador acêrca da mentalidade das nossas fôrças na campanha do Paraguai: as *Reminiscencias* do general Dionysio Cerqueira, páginas de tão amena quanto empolgante leitura. Não se tracta no entanto de um livro soldadesco.

Muito embora houvesse o seu auctor aos quatorze annos deixado a casa paterna para se alistar entre os que iam combater a tyrannia lopezca vivido cinco rudes annos em campanha e passado dezenas de outros annos sempre nos meios subordinados á carreira que constituia a paixão de sua existencia, nada da liberdade das casernas e acampamentos conseguira diminuir-lhe o visceral recato da linguagem, dos modos e tendencias de espirito.

E era tão encantador, quanto curioso, ver-se o cuidado com que aquelle bravo, coberto de feridas, citações e medalhas, se intimidava a olhar para a direita e para a esquerda e a fallar baixo quando, por exemplo, queria contar que "vivia alguém amasiado".

Ninguem, portanto, espere encontrár no seu bello livro o *gros sel* apaixonadamente amado pela maioria dos seus companheiros de armas.

Fóra das *Reminiscencias* do general Dionysio Cerqueira, conhecemos os contos militares do coronel Azevedo Pimentel, bravo voluntario da Patria, mas mediocre escriptor, cujas narrativas têm muito fraco valor evocativo.

Quanta cousa interessantê poderíamos saber dos velhos e heroicos soldados brasileiros, si incomprehensivel inercia e indesculpavel preguiça os não houvessem, e aos seus contemporaneos, afastado da penna!

Poucos dos nossos grandes chefes tiveram o espirito do general Osorio, homem de réplicas e espontaneidade de uma exactidão extraordinaria, de character encantadoramente affavel, prazenteiro e communicativo. Não lhe houvessem os filhos e os netos piedosamente recolhido parte de sua extensa e curiosissima "ana", e estaria perdida para os posteros a collectanea interessante dos seus excellentes dictos e phrases.

Cuidadosamente procurou meu pae anotar a parte anedotica relativa aos grandes acontecimentos, que de perto acompanhou,

Não lhe ficaria bem intercala-la num livro de feição épica, como *Retirada da Laguna*. Reservou-a para as suas *Memorias*, até hoje inéditas, como é geralmente sabido, pois só de 1943 em diante poderão ser desvendadas ao público.

E, aliás só depois da retirada, ou durante a campanha das Cordilheiras, é que lhe veio o ensejo de conhecer e frequentar muitos dos nossos paladinos, Osorio, João Manuel Menna Barreto e tantos outros, além de centenaes de heróes mais humildes, os "cavallarianos" rio-grandenses, os soffredores infantes do Norte, os velhos tarimeiros, veteranos das guerras da Independencia, Ramollots intrepidos e infatigaveis, ignorantes quanto possivel, capazes, porém, dos maiores sacrificios, a todos alegrando com a sua bonhomia e ingenuas calinadas. Em contacto com estas categorias de homens tão diversos que de todos os cantos do Brasil tinham corrido a desaffrontar o pavilhão auri-verde das tresvariadas injúrias do tyranno paraguaio, recolheu elle enorme seára de observações e anedotas, e com certeza, os que lerem as suas *Memorias*, hão de assistir á ressurreição do espirito que animava o soldado brasileiro no Paraguai, através de um sem número de episodios interessantes, dizendo respeito não só aos mais altos titulares da gerarchia militar, como aos simples subordinados dos primeiros postos.

Várias destas historias delle ouvi, que aqui reproduzo, como esta anedota inédita e encantadora, referente ao heróe de 24 de Maio, muito characteristica do espirito natural do paladino, sempre bondoso e cheio de phrases e attitudes paternaes:

«Fôra, certa noite, meu pae levar-lhe uma carta do conde d'Eu. Encontrou-o só, deitado em uma rêde, a ler. Apenas o viu, disse-lhe: — Olha! tu que és "bacharel" debes entender disto. Toma lá este livro e traduz-me este diabo de inglez, que está "duro de roer", devéras.

(Comecei a faze-lo narrava o improvisado traductor). Mas, confesso que me puz a gaguejar deploravelmente. Havia no trecho grande número de termos technicos com que jámais me avistara, de modo que a cada passo me via em apuros. — "Está bem! vai bem!" dizia-me o general, rindo-se.

No fim de algum tempo notei que adormecera profundamente, e retirei-me sem fazer o menor ruido.

No dia seguinte, apenas me viu, interpellou-me alegremente: — Então, *seu safadinho*, foste hontem saíndo á franchezza heim ? ! — Mas, si v. ex. estava dormindo profundamente ! — E' verdade ! é que somno delicioso ! cheio dos sonhos os mais agradaveis. Imagina tu ! sonhei que estava traduzindo corrente e perfeitamente aquelle inglez todo, incomparavelmente melhor do que tu, que és bacharel formado ! »

Outra anedota me ficou do grande Herval :

«Em conselho de guerra discutia-se como tomar certa posição occupada, creio que em Acurra, pelas fôrças de Lopez. Queria o conde d'Eu contorna-la, opinando Osorio por um ataque de frente. — Mas isto, sr. visconde, observou-lhe o príncipe, é o que se chama atacar o touro pelas aspas ! — Qual touro, alteza ! nem meio touro ! redarguiu-lhe o general. Já foi touro ; hoje não passa de vacca velha ! »

Um homem tive o prazer de conhecer, que possuia um repertorio prodigioso de anedotas militares, interessantissimas. Era o conselheiro dr. Luiz Pedreira de Magalhães Castro, antigo e brilhante official de artilharia, engenheiro militar, com cinco annos da campanha do Paraguai, citado em ordem do dia e varias vezes condecorado, mais tarde demissionario do Exercito e lente cathedratico de Chimica Mineral na Eschola Naval.

Tão culto quanto intelligente, engraçado como poucos, sociavel como raros, possuidor de enorme memoria, sabia as mais attraentes historias sôbre os nossos homens de guerra. Contava-as com o maior espirito e, como este pendor pela anedota o tivesse visceral, elle o levará a apprehender dos velhos companheiros de armas uma infinidade de tradições dos nossos velhos soldados da Independencia e das guerras platinas.

E eram anedotas de toda a especie, de campanha e de quartel, dictos de espirito dos nossos grandes cabos de guerra, opiniões da tropa sôbre commandantes, enfim, um repositorio interminavel que lhe armazenara uma memoria assombrosa absolutamente artaxerxica.

Muitas e muitas vezes lhe pedi que escrevesse as suas memórias, procurando convence-lo de que iria produzir um livro unico no genero no nosso paiz. Ria-se, depreciava o valor dos seus casos, repetia o proverbio francez do jogo e da candeia, dizia que tinha preguiça, e assim morreu sem jámais se dar a tão curioso e prestimoso trabalho. Do muito que lhe ouvi, algumas historias conservei. Era, infelizmente, então, um rapazola, e por muito que me interessassem as anedotas do conselheiro Magalhães Castro não lhes attribua ainda o devido valor.

HERÓES DE ANTANHO

Não ha quasi quem entre nós não tenha ouvido fallar da *artilharia-revólver* do coronel Emilio Mallet, barão de Itapéví, a verdadeira determinante, talvez, da nossa grande victoria de 24 de Maio, pois foram as 24 boccas de fogo do nosso primeiro regimento de artilharia montada, commandado pelo heroico official francez ao serviço do Brasil, que estancaram o impeto das terriveis cargas de Marcó e Diaz, e lhes aniquilaram os esforços heroicos e desesperados.

Acêrca do illustre chefe da nossa artilharia contava seu commandado, o conselheiro Magalhães Castro, uma série de anedotas altamente elogiosas, pois pela sua memoria professava a maior veneração.

De uma me lembro, pois me causou funda impressão:

«Não havia no Exercito (relatava o meu informante) quem não admirasse o modo de viver do coronel Mallet e seus filhos, a amizade que os ligava, baseada no respeito e na ternura.

Chegava a ser enternecedora tanta affeição, confiança e liberdade entre o velho guerreiro e os seus rapazes. Discipulos fieis de tão notavel mestre, enchiam-n'o os moços de motivos do mais justo desvanecimento: João Nepomuceno, official do nosso regimento, e seus dous ermãos, Pedro e Julio, officiaes de cavallaria, um dos quaes ajudante de ordens do pae.

Quero crer que o velho Mallet tivesse uma ligeira predilecção pelo João — o que acabou marechal e ministro da Guerra. Em todo o caso, si predilecção havia, era pouco perceptivel.

Quando, na madrugada de 24, os Paraguaioes tentaram surprehender-nos, e o nosso regimento tomou posições, coube-me servir na guarnição da peça, que estava ao lado da do João Mallet. Rompemos logo o fogo contra o inimigo, correndo infatigavelmente o velho Mallet, de peça em peça, a dirigir a acção. Era a fumarada infernal, e só percebiamos a chegada do coronel, ouvindo-lhe, já de longe, os chamados pelo filho: — João ! João ! ó João ! Bravos ! meu filho !

Havia um tal tom de angustia nestas interpellações daquelle pae, que era de apertar o coração.

Sereno e imperturbavel, dirigia o João Mallet, magnificamente, o fogo do seu canhão, replicando aos chamamentos do pae, que lhe recommendava isto ou aquillo, unicamente para ouvir a voz do filho querido, a responder-lhe: — Vou bem, papae !

A horas tantas, observou-me um dos companheiros de bateria: — Seu Magalhães ! a cousa está ficando negra; o velho Mallet já está fallando francez e a chamar o filho de Joãozinho ! Prestando attenção ao facto, verifiquei que realmente era isto verdade. "*Bravo, mon enfant !*", dizia o coronel, a applaudir a maestria do seu Joãozinho. "João ! Joãozinho ! ó Joãozinho !" ouvia eu de vez em quando ! Era o velho Mallet que voltava para perto de nós.

Algumas horas mais tarde, quando todos os chefes das fôrças alliadas entusiasticamente cumprimentavam o director do terrivel fogo, que quasi anniquilára duas das columnas assaltantes, não havia parabens que lhe valessem o prazer infindo de se achar juncto dos filhos, a constatar que se haviam batido como os mais bravos soldados do Exercito.

Era cousa de commover ás lagrimas tanta felicidade daquelle pae e dequelles filhos.

E das impressões da campanha, raras me deixaram tão fortes reminiscencias como estas scenas de 24 de Maio.

Ainda hoje ouço os chamamentos afflictos do velho Mallet, de longe a gritar: — João ! Joãozinho ! e a fallar francez nos momentos difficeis, em que parecia imminente a chegada da infantaria paraguaia sobre nós, e não posso conceber expressão mais exacta da angustia e do carinho paterno do que estas do heróe, no fragor da refrega. Era si

parva licet, uma passagem a lembrar o famoso episodio da historia de França do Pae ! olha á direita ! Pae ! olha á esquerda”, do pequeno Philippe, o ousado, procurando resguardar a vida do pae, o rei João, o Bom, na batalha de Poitiers. »

Dos veteranos da Independencia e da Cisplatina, dos velhos officiaes portuguezes passados ao serviço do Brasil, dos poucos allemães de Schäffer persistentes nas nossas fileiras, sabia o conselheiro Magalhães Castro as mais divertidas historias. Muitas dellas, absolutamente irreproduziveis, só podem ser repetidas em meios de ouvidos “callejados”, si a expressão é possivel, nas rodas em que todos os apparatus auditivos estejam á prova de canhão, conforme a pittoresca compañação franceza.

Assim conhecia numerosas anedotas referentes a uma das nossas mais pittorescas figuras militares: a do general Soares de Andréa, barão de Caçapava, cujo nome tão intimamente se liga ás desordens dos tempos regenciaes, de que foi o energico, implacavel e intelligente repressor em tantas circunscriptões brasileiras.

Muitas dessas historias são tradicionaes no nosso Exercito: as *boutades*, tão frequentemente felizes no imprevisto do seu real espirito e excentricidade, os modos de agir por vezes extravagantes do general, enfim uma série de casos constantemente lembrados, como, por exemplo, o tão conhecido da notificação, a um official, da morte de seu pae, por um ordenança encarregado de lhe dizer de dez em dez minutos: “sr. capitão, o sr. brigadeiro manda dizer-lhe que acaba de saber que o pae de v. s. adoeceu ! que o pae de v. s. está gravemente enfermo ! que o pae de v. s. está em estado desesperador !” e assim por deante.

Naturalmente corre hoje por conta do general Andréa uma infinidade de anedotas inventadas e melhoradas á medida que os annos se passaram. Relatava o conselheiro Magalhães Castro que no Exercito, em seu tempo, era ainda muito viva a tradição da amizade mantida entre o espirituoso brigadeiro e um seu auditor de guerra ou secretario, não sei bem, certo Sousa Barradas, gaiatão de marca.

Além da correspondencia official, mantinham os dous

reservadamente, outra muito menos arida. Dentro dos officios, enviava o auditor papagalos, onde em alegre e vivaz versalhada, informava e commentava os requerimentos endereçados ao seu superior e opinava desta ou daquella fórma sobre o seu despacho.

Respondia-lhe Andréa geralmente em quadrinhas tão incisivas quanto soldadescas, a dirimir o que lhe era submettido ás decisões dictatoriaes.

Nada mais popular no nosso exercito do Paraguai do que certo "caso de João Beltrão", contava o conselheiro Magalhães Castro. A' porfia se repetiam as bregeirices salgadas da informação do malicioso Sousa Barradas e o despacho categorico, á antiga portugueza", do general, em uma quadrinha que nos é de todo impossivel, infelizmente, aqui reproduzir, pois de seus versos se pôde dizer, o que da crueza do latim affirmou o poeta da *Arte Poetica* e do *Lutrin*.

Dos veteranos da Independencia e dos estrangeiros do tempo do primeiro Imperio, ficados ao serviço do Brasil, tambem me lembro de haver ouvido da mesma fonte alguns casos curiosos. Assim, por exemplo este, relativo a d. Pedro I e um major allemão, dos das levas do retinadissimo patife, alliciaador de mercenarios, dr. Schäffer, talvez; anecdotas de que já por vezes ouvi a confirmação, partida de velhos militares:

«Tinha o tal major, sobretudo quando se exquecera dos dictames da temperança, o que lhe era frequente, a mania innocentissima e arraigada de repetir a seus subordinados: Si eu morre, o imperador jorre muito ».

Mostrava-lhe o monarcha realmente ligeira sympathia e nomeara-o, em certa occasião, commandante de um batalhão, em commissão, facto que tanto envaidecera o pobre major, que quasi o allucinara.

Um bello dia acudiu-lhe á inflammada e alcoolizada mente a extravagantissima idéa de pôr á prova os sentimentos do tão amado dynasta a seu respeito, e assim ordenou a um de seus officiaes que fosse a S. Christovam notificar-lhe a sua morte subita.

Partiu o subordinado no desempenho da commissão. Achava-se o imperador em um dos seus peores dias; quiçá enfurecido com as noticias de novas tranquiBernias do

Mano Miguel em Portugal, ou as novas do seu tão demorado quanto difficiloso segundo noivado na Europa, talvez arrufado sériamente com a sua Domitila ou indignado com as audacias da opposição liberal. Certo é que estava a pedir um pretexto qualquer para explodir. Ao ouvir o communicado, respondeu em um desabafo injustissimo dos nervos: — Ah, morreu ! Que tenho eu com isto ? ! Pois que vá feder para longe ! »

Imagina-se como teria ficado o fiel e confiante servidor — anciosissimo pela resposta, que antevia balsamica e deliciosamente remuneradora da tão apregoada affeição — ouvindo do veridico mensageiro a fiel reproducção do recado imperial: “Sua majestade o imperador manda dizer a v. s. que vá feder para longe !”

Foi o pobre diabo para a cama sériamente enfermo de traumatismo moral, relatavam os narradores, consoante a tradição do Exército.

Era o caso de lhe offerecer o seu pastor evangelico, como assumpto de meditação naquelles dias longos, o texto biblico, amargamente repetido pelo conde de Strafford, ao marchar para o cadafalso, inauditamente abandonado que fôra, por seu amo Carlos I: Aprendeí a confiar nos principes !

HISTÓRIAS DE VETERANOS

Um typo curioso, desaparecido do Exército, era o do official dos nossos primeiros annos de vida autonoma, do veterano das guerras platinas e da Independencia, vindo dos primeiros postos e no genero daquelles marechaes da antiga França, em cuja mochila de soldado existira o bastão marchalicio — si nos é permittido reviver este qualificativo neologico esdruxulo, já hoje como que obsoleto e, ha oito annos atrás, a cada passo empregado nas refregas da campanha presidencial de 1910.

Pela bravura e o espirito soffredor, o patriotismo e o amor á carreira, quanta simples praça de *pret* não viera a galgar os differentes postos da hierarchia militar, attingindo os do officialato superior, e mesmo, por vezes, os do officialato general ?

E o mesmo se dava ou se dera recentemente, nos maiores exercitos do globo. Quantos marechaes napoleonicos, quantos generaes da Revolução não usaram a gravata de couro, e dentre elles quantas revelações do genio das batalhas não haviam surgido? E repetiam-se factos identicos entre Prussianos, Russos, etc.

Assim, no nosso minusculo exercito de antanho, ao lado da officialidade instruida nos collegios militares, juncto ao generalato, onde brilhavam os velhos nomes da aristocracia luso-européa e americana, appareciam, os humildes *rouitiers* promovidos por merecimento, os tarimbeiros, recrutados frequentemente a laço, rudes e quasi analphabetos, mas bravos, dedicados e fidelissimos. “Já no tempo da campanha do Paraguai”, contava o conselheiro Magalhães Castro, “escasseara o typo. Mas ainda o havia abundantemente representado pelos velhos *coronelões* e brigadeiros, broncos e desbocados, mas cobertos de serviços e de gloria, retalhados de cicatrizes, muitos delles mutilados, fallando como negros minas, mas contando o que haviam visto nas luctas da Independencia e da Cisplatina, nas guerras civis e nas campanhas platinas. Ao mesmo tempo em que fundamente admiravamos estes soldados desaffrontadores dos aggravos da Patria no extrangeiro obstaculos á desaggregação do Brasil em tempos regenciaes, a malicia inseparavel do homem fazia que nos divertissemos, e muito, em contar as ingenuas e innumeradas calinadas, as historias do *arco da velha*, repetidas por uma série de gerações militares, e cujos heróes eram esses rudes veteranos analphabetos. Assim, a cada passo se repetia o célebre grito lancinante de impaciencia, com que o brigadeiro X verberava a lentidão de seus auxiliares: — *Senhores! facilitem-me tudo! não me prostreguem as operações!*”

Assim tambem a reprehensão do brigadeiro Y, ao joven official, a quem dictava aponciamentos para uma parte: “Da columna inimiga tres terços, pelo menos, foram anniquilados. — Mas, sr. general, então ninguem escapou! — Escreva o que eu digo e deixe-se de *geographias!*”

De um major reformado, veterano da Independencia, era popularissimo em todo o Exercito o seguinte caso:

«Velho e alquebrado, dera-lhe o Ministerio da Guerra a guarda de um desses muitos fortins coloniaes, do genero da Barra de Santos, á entrada de um porto secundario qualquer, creio que na Victoria.

Juncto a um muro quasi em ruinas, encostava-se alguma colubrina, contemporanea de Vasco Fernandes Coutinho, donatario por el-rei d. João III, nosso senhor, da capitania espirito-sanctense.

Eis a que se reduzia o forte Ese; no dorso da terrivel peça se estampavam as quinas e os castellos; em sua alma, desde tempos immemoriaes, haviam tido o primeiro contacto com a luz meridiana inumeras ninhadas de nédios pintos.

Inutil é dizer que o nosso veterano immediatamente fizera cessar taes *abusos incubatorios*.

Assumindo o commando da praça — cuja guarnição se compunha de algum sargento ou cabo de rancho estropiado e duas ou tres praças “perrengues” ao último poncto, — de tal modo se compenetrara elle, que suppunha ter sob a guarda algum Gibraltar.

Do posto dos signaes aos navios que demandavam o porto, encarregara o sargento Vieira; este, um dia, esbaforido, relata ao seu commandante que um navio de guerra inglez não attendia aos chamamentos de explicação que lhe fazia o mastro semaphorico. Ia penetrar na bahia desobedecendo á fortaleza!

Correu o major ao baluarte e, instantes depois, fazia-se ouvir a colubrina trisecular, cuja voz em éras quinhentistas e seiscentistas tanto aterrorizara os Tupiniquins, e retrucara, bravamente á dos falconetes, pedreiros e bombardas dos inglezes de Cavendish e dos batavos de Piet Heyn.

Imediatamente estacara a nau britannica, vaso da divisão do Atlantico, que se occupava em policiar os mares contra os negreiros.

Arreado um escaler, não tardara que um *midshipman*, fallando o portuguez, cortezmente explicasse ao veterano o succedido.

Distrahido, não percebera o official de quarto os signaes do forte.

Sombrio ouvia o velho soldado de Labatut e Barbacena as

desculpadas reparadoras do agravo feito á soberania das aguas territoriaes do Brasil, ao Imperio, ao sr. d. Pedro II, á sua fortaleza, a elle major ! Era a primeira vez ! Os *bifes* mereciam uma resposta atravessada e elle a daria...

Amavel, accrescenta o parlamentar: que a bordo da fragata vinha um plenipotenciario, com instrucções especiaes de lord Liverpool, para a assignatura do novo tractado de commercio entre o Brasil e a Inglaterra.

Impavido e trovejante, retrucara-lhe então o terrivel major, a hater enfurecido com o punho direito no peito e a aponctar para o seu "inexpugnavel" baluarte: — Diga ao seu commandante que nesta barra não ha lord Liverpool, nem meio lord Liverpool, não ha sinão eu... e bala ! »

Rezava segunda versão deste antigo *bateau*, nascido da imaginação de algum remoto gaiato do Exercito, que o iracundo e brioso veterano mandara transmittir o recado a sua majestade britannica em pessoa, si assim o entendesse, e exclamara: "Não ha aqui sinão lord Mim... e bala !"

Ainda sôbre as nossas fortalezas primevas "poderosamente" artilhadas e municiaes, como a de Santos, na praia do Góes, cujo commandante, como é tão conhecido, não pudera, á passagem de d. Pedro I, salvar, por innumerados motivos, o último dos quaes era não ter na occasião um unico grão de polvora nos paiões, — relatava o conselheiro Magalhães Castro, uma anecdota engraçada. Não é o caso, aliás, como para as demais, de lhe esquadrinharmos a authenticidade:

« A um forte do porto de certa capital de provincia commandava um veterano tarimbeiro, cujo logar-tenente era um tenente ou capitão Palha, rapaz instruido, official de carreira, por quem o seu superior professava incondicional admiração. "Seu Palha ! seu Palha !" ouviam-n'o chamar a todo o instante a consulta-lo para as minimas cousas.

Certa occasião estava a entrar no porto um navio, a cujo bordo vinha o novo presidente da Provincia. Anunciado o paquete, azafamado e nervoso, gritava o commandante: — Vamos salvar já, seu Palha, vamos salvar ! — Com que, sr. major ? Não recebemos ainda a polvora pedida, ha tanto tempo. — Mas como é que o sr., seu Palha, não a pediu ha mais

tempo ! — Já o fiz ha tres mezes, pelo menos, e várias vezes. — Bom, seu Palha ! E' isto ! recolha-se preso. — Bem, sr. commandante ! recolho-me preso. — Mas numa occasião destas é que o sr. me abandona, seu Palha ? — E' boa ! o sr. manda que me recolha preso, portanto obedeço. — Oh seu Palha, nunca pensei que o sr., num momento de apuros como este, deixasse só o seu velho commandante e amigo ! Com effeito, seu Palha. — Está bem, sr. major, então não o abandono. — Invente alguma cousa que nos salve, seu Palha ! — Vamos saudar o presidente com a bandeira, várias, muitas vezes e depois iremos logo a palacio explicar a nossa innocencia. — O sr. é um homem extraordinario, seu Palha, tem recurso para tudo...»

E assim proseguia o dialogo, interminavel, commentava o informante, tomando a historia as proporções do “Vamos atrás da serra, calunga !

Era questão terem os narradores imaginação e loquacidade e a praxe de nunca deixar de pôr o “seu Palha nas diversas apostrophes do velho major.

PALADINOS E RAMOLLOTS

Num livro publicado ha talvez cêrca de trinta ou trinta e cinco annos, creou o humorista francez Charles Leroy um typo litterario, caracterizador do official tarimbeiro do antigo exercito francez: o do coronel Ramollot. Em oito ou dez capitulos de inexqueciveis *charges*, hyperhilariantes, firma-se inconfundivel e inapagavel a feição desse estupendo Calino militar, resmungão eterno, indesmuntavelmente desembaraçado, mettediço e auctoritario, pontificante e taralhão, saído da fileira pela bravura e a antiguidade para attingir já velho o coronelato de infantaria.

Extinguia-se o typo; era uma raça a findar-se essa dos Ramollots, ante as condições dos exercitos e da guerra moderna, que não podem mais admittir soldados com aspirações aos altos postos, pela deficiencia do pesado preparo hoje exigido dos officiaes de todas as armas. Assim, teve Leroy a feliz idéa de o fixar e o fez de modo inxcedivel, a poncto de logo suggestionar a varios e desazados imitadores, a quem se deve uma litteratura tão forçada quanto indigesta, como

essa do auctor do *Colonel Ronchonnot*, si não nos trahe a memoria.

Das historias e pilherias de Leroy, ficaram muitas popularissimas em França, como os casos de "Ramollot no theatro", "Ramollot na exposição de pintura", e assim por deante.

Para nós, uma das faces mais interessantes da figura do *bravo tolo* é, porém, a sua feição de instructor dos commandados, as explicações que á sua soldadesca dá sôbre assumptos religiosos ou historicos.

Acode-nos flogo á memoria a impagavel allocução em que, a fallar das campanhas napoleonicas e a narrar a batalha das Pyramides, explica: "Foi então que o grande imperador lançou uma das suas mais famosas ordens do dia, aquella em que disse: — Soldados! contemplaes as Pyramides! durante quarenta seculos!"

Ramollots houve-os, e não poucos, no nosso exercito; ficaram alguns lendarios, cujas phrases até hoje circulam, provocando o riso.

Dentre elles o mais celebrado, talvez, haja sido certo brigadeiro, a cujo activo se averbavam as mais estapafurdias e asnaticas invenções. Tão bravo quanto estúpido e ignorante, tudo quanto lhe attribuiam, immediatamente, adquiria os foros da verosimilhança e da verdade.

A seu respeito narrou-me o general Dionysio Cerqueira duas interessantes anedotas:

Havendo em certa occasião apprehendido volumoso material telegraphico, escrevera ao marquez de Caxias, que toda a presa, infelizmente imprestavel para o serviço do Exercito, se achava contudo em excellente estado de conservação.

Intrigado de similhante contradicção, interpellara-o o marquez: — "Como assim? — Certamente, não vê v. ex. que só nos transmittiria telegrammas em guarani?"

Em outra occasião, succedendo desabar sôbre o acampamento brasileiro formidavel trovoadas, vira-se o pobre brigadeiro, aphorismadissimo, mandar aos seus ordenanças que a toda a pressa varressem o soalho do grande commodo, onde se alojava o quartel-general de sua brigada e a gritar — Que

perigo ! com esta trovoadas ! mas que perigo ! E, como um official indagasse da causa de tão estrambolica providencia, respondera-lhe o nosso Ramollot, escarnecedora e superiormente: "Homem ! o senhor nem parece um moço de estudo ! Então nada sabe sôbre o poder e o perigo das pontas em electricidade ? ! E' simplesmente pasmoso !"

E assim preleccionando ao ignaro interlocutor embasbaado apontava-lhe o novo e digno professor de Electrologia o chão litteralmente coalhado de pontas de cigarro..

Em alguns dos rascunhos que a meu pae serviram para a redacção de suas *Memorias*, entregues á guarda do Instituto Brasileiro, encontro uma série de interessantes calinadas attribuidas ao mesmo general, personagem lendario no nosso *folk-lore* militar, si tal expressão é cabivel.

Contava-se que a seu secretario, dictando um dia a parte official de certo combate que dirigira, exclamara arroubado: "Olhe, tenente ! não exqueça mencionar que no fim os Paraguaios debandaram, possuidos de um *terror pandego*" Diziam tambem que, ao voltar, estrompado de um reconhecimento, declarara sentir os *pés intransitaveis*; por varias vezes se mostrara deslumbrado com o *luxo asinatico da China*, tal, sustentado por um official superior; ao chegar a uma villa abandonada pelo inimigo, escolhera para o seu quartel general uma casa de *genealogias verdes*... E assim por deante, pois no Exercito havia muito quem vivesse a attribuir ao pobre general quanta imbecilidade se podia inventar.

Nos rascunhos a que alludi tambem se me deparam algumas anedotas bastante curiosas, referentes aos capellães militares que acompanhavam o nosso Exercito no Paraguai e em Matto-Grosso. Uma vou reproduzir, por me parecer typicamente soldadesca.

Entre esses capellães abundavam os Capuchinhos, geralmente italianos, zelosissimos curadores da alma e defensores dos corpos, mas, geralmente tambem, muito pouco instruidos.

Excepções havia e honrosas; assim, dentre taes padres soldados, é muito conhecido, por exemplo, frei Fidelis Maria de Avola, morto ha uns vinte annos, no Rio de Janeiro, coronel honorario do nosso Exercito, illustrado sacerdote e abnegado servidor do Brasil nos campos de batalha, nos hospitaes

de sangue e nos de cholericos, onde durante annos continuamente arriscou a vida.

Coubera-lhe, a pedido, a missão perigosissima de procurar convencer aos restos da guarnição de Humaitá refugiada no Chaco que capitulasse; tenaz, insistira em parlamentar, quando numerosas vezes o receberam saraivadas de balas. A homenagem prestada a seus serviços, consignada por Pedro Americo no grande e conhecido quadro da *Batalha de Campo Grande*, é a mais justa. Vê-se-o, á extrema direita do primais abominavel sermão, cujo exordio fôra: "Ha muitos an-official brasileiro mal ferido, a quem dá a absolvição.

Dentre os capellães capuchos um havia, optimo padre, mas detestavel e ignaro prégador, com quem mantinha constante, antiga e grosseira turra um official, summamente antipathico, aggressivo e insolente.

Num dia de missa campal prégara o bom Franciscano o mais abominavel sermão, cujo exordio fôra: «Ha muitos annos, quando em França reinava d. Manuel III...»

Finda a cerimonia, estava o nosso prégador a conversar num grupo de amigos, quando d'elle se acercou o official, seu, aliás gratuito desaffectedo, que num tom de desprêzo e chacota, sem tir-te nem guar-te, lhe foi logo desfechando...

— Que historia é esta, padre ? Si em França jámais houve d. Manuel II, onde foi o senhor buscar esse d. Manuel III ?

Ficou o pobre Capucho a estourar de ira e confusão, mas ainda se conteve e humildemente replicou: — " Este pormenor não tem grande importancia. O que vale é o facto relatado e de que desejava tirar as approximações que o senhor ouviu. Si não era d. Manuel, seria d. Antonio ou d. José..."

— " Tambem não os houve em França, redarguiui o reparador do modo mais escarninko e atrevido".

Ahi, perdendo o resto da paciencia, disse-lhe o padre exasperado:

— "Seria então d. Pedro ou d. Paulo, ou dom vá plantar batatas ou dom vá para o diabo que o carregue !"

Relatava o auctor das *Memorias*, que o mofador teve de bater em célere retirada sob a estrondosa assuada de risos e applausos dos circunstantes, nascida da terrivel réplica ultra-soldadesca do capellão, cujas apostrophes finaes me vi na contingencia de pudicamente paraphrasear.

CAVALLARIANOS E PIÁS

Foram sempre os officiaes de fazenda e os aprovisionadores de viveres dos corpos armados, em todos os exercitos do mundo, o alvo das pilherias e gaiatadas dos seus companheiros de armas. Sôbre as vivandeiras antigas e os *feijões* dos nossos dias, por exemplo, existe um *folk-lore* abundante, onde quer que seja, em qualquer paiz.

E' immensa a collectanea de aneddotas e cantigas francezas, que sôbre as *cantinières* versam.

Umaz brejeiras, outras maliciosas, outras irreproduzíveis ainda, celebrando a feição, os actos e gestos desses como que androgynos appendices dos regimentos.

No nosso exercito, quero crer, a instituição nunca floresceu. Jámais ouvi a tal respeito a minima referencia; em compensação, abundam as historias sôbre os *feijões*.

De uma dellas me recordo, bastante curiosa, que se liga, segundo o narrador, a um dos nossos mais illustres paladinos do Paraguai, cuja bravura corria parellas com o arrebatamento e as explosões de cholera furiosa.

Encarregara este general a um official graduado de fazenda da installação do seu quartel-general e, agastado com a excessiva demora do cumprimento de ordens, viera a interpellar-lo sôbre o caso. — "Está quasi tudo prompto, respondera-lhe o arguido, homem pretencioso, birrento, mesquinho, por todos antipathizado, *ranzinza* como poucos, como se diria hoje, e além de tudo muito grosseiro e atrevido.

Todos lhe temiam a meticulosidade insupportavel e pequenina, as manias e a obstinação inconcencivel. — Por estes dias, desde que compre mais alguns pertences indispensaveis, entreguei a casa, promettera.

Dias e dias decorreram, porém, sem que a situação se alterasse.

Irritado ao ultimo ponto, voltara o general a syndicar das causas da interminada espera, mandando afinal, por uma ordenança, laconico *ultimatum* ao implicante correspondente.

— Mande-me pelo portador as chaves da casa!"

Não se fez esperar a resposta. — "Com todo o gôsto o faria, si já houvesse podido comprar o que ainda me falta;

escarradeiras de louça, de que se acha actualmente o *commercio* desprovido

Lufureceu-se o general, mas, contendo-se ainda, redarguiu-lhe de torna viagem. — “ Em tempo de guerra, cospe-se pelas janellas, ou mesmo, si não houver outro meio, no chão. Mande as chaves — Isto poderão fazer v. ex. e os porcos ’, retrucou-lhe valentemente o *feijão*, traçando a sua bella calligraphia burocratica por baixo dos rudes garranchos do guerreiro.

Pela terceira vez, dahi a minutos, veio-lhe o bilhete ás mãos; renovando o episodio de Waterloo fazia o nosso paladino de Cambonne a apostrophar o general inglez intimidador da sua rendição. — “ Como retrucar a semelhante bruto? Meditando sôbre o caso, achou melhor o *feijão* não descer da sua dignidade; tudo tinha a ganhar, conservando uma serenidade que suppunha olympica, ao discutir com o *tarimbeiro*.

— Neste terreno não posso acompanhar v. ex., a quem mandarei ainda hoje os meus padrinhos.” — Não seja bobo! Mande as chaves em vez de padrinhos, e mais uma vez... (aquí se inseria novamente a phrase waterlooniana do heroico commandante da Guarda Imperial Franceza). — “ Cedo ante tanta violencia, mas saiba v. ex. que, já que recusa bater-se, de tudo informarei a s. ex., o sr. visconde do Herval, afim de o pôr ao facto dos processos pelos quaes v. ex. tracta officiaes graduados, no cumprimento exacto dos seus deveres.”

Assim, a correspondencia encerrando com esta ameaça de escandalo, que antevia fatal ao contestante, ficou o digno duellista recusado certo de que o assustaria seriamente.

Mal imaginava elle que o desfecho da questão seria o verdadeiro frouxo de riso provocado ao heroe de 24 de Maio pela narrativa do pouco oloroso incidente. Imagine-se como se teria retirado da audiencia o pobre e plangente *feijão*, sequioso de justiça e reparação e recebedor de tão pouco austero acolhimento, desmoralizador de sua compostura e gravibundez. Si ao menos isto o corrigisse...

Que authenticidade terá a historia? E’ o que me não atrevo a discutir, repetindo-a como a ouvi, a titulo de tradição recolhida, de aliás excellent fonte.

Typo pittoresco e inconfundivel, por excellencia, porém, no nosso Exercito reunido no Paraguai, era o do *cavallariano*

rio-grandense, quer o dos officiaes, improvisados militares de linha, saídos da Guarda Nacional da provincia, quer o dos simples *piás*, seus commandados, tão differentes dos demais brasileiros, *barrigas verdes*, *biribas* e *bahianos*, a fallar um portuguez acastelhanado, repleto de locuções e figuras hippicas, de *potrilhadas* e *potranquices*, *haraganos* e *buenachos*.

Era-lhes o prestigio enorme, quer pela reputação tão merecida da bravura, quer pelo valor dos seus principaes chefes. Basta dizer que o grande Andrade Neves, barão do Triumpho, saíra das fileiras dessa brava milicia. E, com elle quantos mais, temiveis adversarios, dentre o exercito partido do Rio Grande do Sul com Osorio, Porto Alegre, João Manuel Menna Barreto, São Borja e outros illustres cabos de guerra!

Do que valia realmente essa Guarda Nacional, haviam os Paraguaioes, desde os primeiros dias da invasão do Rio Grande, tido conhecimento, quando em Butuhí lhes derrotara forte columna a bisonha, pequena e pessimamente armada Primeira Brigada, a que commandava o coronel Antonio Fernandes de Lima, socundado por logares-tenentes, como os bravos Juca Doca, commandante dos clavineiros; Chico Tico, do 23° provisorio de cavallaria, e outros humildes e estranuos defensores do sólo brasileiro, ás pressas convocados para enfrentar o vandalico invasor.

No Paraguaí proseguira a epopéa dos cavallarianos do Sul, illustrada pela passagem do Passo da Patria, pela carga de 24 de Maio, pela insania épicamente admiravel de Curupaití e tantas outras.

Cheios de feições originaes, aos *cavallarianos* do Rio Grande distinguiam, geralmente, a simplicidade absoluta, a ingenuidade por vezes rudissima das observações, o pittoresco das comparações na sua meia lingua portugueza fronteiriça, repleta de phrases onde as approximações com o genero de vida pastoril a cada passo surgiam, sobretudo as que se re-ortavam ao cavallo, a franqueza tão frequentemente inconvenientissima das expansões, emfim, toda a série de manifestações da alma recta e leal desses homens, quasi todos muito rudimentarmente instruidos.

Haviam alguns de taes antigos soldados das luctas de Cisplatina, das correrias de Chico Pedro e mais caudilhos no Estado Oriental, dos longos annos de combate da guerra dos

Farrapos, das campanhas contra os Rosistas e os Blancos, realizado como que a encarnação do typo de sua gente.

Assim, por exemplo, entre tantos mais, esses Manduca Cypriano e Amaral Ferrador, popularissimos no Exercito, cujos dictos, facecias e franquezas tinham a maior circulação.

Amigo velho de Caxias, desde os dias em que o illustre guerreiro andara no Rio Grande a bater-se e a congraçar Farrapos e Legalistas, professava Manduca Cypriano o maior devotamento, quasi idolatrico, pelo vencedor de Itororó e Avahi.

Estavam, contava o conselheiro Magalhães Castro, desde muito as operações de guerra paralyzadas, naquelle longo periodo de reorganização, decorrido da chegada do inelyto condestavel do Segundo Imperio ao acampamento brasileiro, aos dias da famosa marcha de flanco.

Sabe-se geralmente quanto os mais notaveis procéres do Partido Liberal, então senhor da situação politica, hostilizavam o grande homem pelo facto de ser um dos maiores vultos da aggremação a elles politicamente adversa. Não lhe poupavam as mais acerbas criticas e os mais duros doestos, pela imprensa e pela tribuna parlamentar, ao *sargentão*, como tantos chamavam ao Pacificador.

Era então a rua do Ouvidor o poncto de reunião, onde diariamente e do modo mais animado se discutiam as questões estrategicas da campanha paraguaia entre os especialistas e technicos, a que o gavrochismo carioca tão feliz quanto vingadoramente alcunhara: *os generaes da rua do Ouvidor*. Ao patriotismo destes tacticos, politicões, officiaes *embusqués*, gente de toda a especie, bem cabia a ironia terrivel da famosa caricatura contemporanea de Forain: a que representa dous burguezões, millionarios e obesos, a chuchurrear *cock tails* na varanda de um hotel de Nice, observando um delles ao amigo: "Mas que vergonha! Ha tres mezes que nós não progredimos na frente occidental"

Ao acampamento brasileiro chegavam os échos da virulencia, com que os taes *generaes da rua do Ouvidor* atassalhavam a honra e os serviços do grande Caxias. A alguns de seus admiradores ferventes, fóra dos gonzos punham infamias.

« Em certa occasião, contava o conselheiro, ao auge attingiram as insolencias e despropositos desses estrategistas, quasi

sempre formados em S. Paulo e Olinda, ou então autodidactas rabiscadores de artigos, ou ainda chronicos e fosseis militares, cujo debil estado de saude afastava do theatro da guerra, onde nunca pisara a maior parte de taes generaes de espada virgem e marechaes por antiguidade absoluta.»

Entre aquelles, a quem mais enfureciam estas injúrias, estava um dos phanaticos de Caxias, o estimadissimo coronel rio-grandense Manduca Cypriano. « Si o velho deixasse, dizia elle, ia-me daqui para a Côrte com meia duzia dos meus *piás* — era quanto bastava ! e varriamos a tal rua e os taes *generaes* a rebenque, que não ficaria cara sem marca, para sempre.»

E certamente o faria o terrivel, o impavido cavallariano.

De dous caudilhos do seu estofo ouviu meu pae curiosas réplicas, characteristics quanto possivel da singelleza rude e ingenua dos guascas heroicos daquelle tempo.

Estivera um delles no Rio de Janeiro, onde se lhe deparou o ensejo de conhecer a mulher de alta patente do Exercito. Apenas de volta ao acampamento fôra ter com o general, marido da senhora em questão, a quem gentilmente deu boas noticias da familia, concluindo pela seguinte *amabilidade*, nascida de uma approximação hippica, altamente gaúcha: “Tive a honra de conhecer a mulher de v. ex. Meus parabens ! V. ex. está *bem montado* !”

Em determinada occasião perguntou, a um segundo desses centauros, certo general titular, então commandante chefe das nossas forças e cuja pudicicia era no Exercito proverbial: — Coronel, quantos filhos tem o sr. ? — Nenhum. Minha mulher é como a de v. ex., é *machorra* — Machorra ? redarguiu-lhe imprudentemente, quiçá abstracto, o interpellante. Que vem a ser machorra ? — Egua que não dá cria, explicou tranquillamente o rio-grandense, ao passo que o curioso, rubro como uma lagosta, a custo disfarçava o constrangimento, e os circunstantes mal podiam suster o riso provocado pelo comico da imprevista e pittoresca situação.

III

D. PEDRO I E SEUS MERCENARIOS

Entreteve Portugal, constantemente, no nosso paiz, effectivos militares muito mais fortes do que os exercitos do

Brasil independente, si attendermos ás proporções entre a população colonial e a da nação livre. Assim, epochas houve em que o militarismo luso chegou ao poncto de se tornar verdadeiro flagello para a grande colonia sul-americana. Sobre-tudo para as regiões fronteiriças como a Capitania de São Paulo, nucleo de resistencia aos Castelhanos, numa epocha em que o Rio Grande do Sul se achava ainda deserto. Numa de suas eruditas e interessantes memorias demonstrou Antonio Piza, que na segunda metade do seculo XVIII havia em S. Paulo seis mil homens em armas, e isto quando a população da Capitania pouco excedia de cem mil almas. Era como si a nossa garbosa e modelar milicia estadual em vez de dez ou onze mil praças constituísse um exercito de cento e oitenta mil homens.

E' preciso notar, porém, que de S. Paulo irradiavam naquella epocha soccorros para a defesa das campinas rio-grandenses e do Sul de Matto Grosso. Dahi a subordinação do presidio de Iguatemi ao govêrno paulista.

Seja como for, era por demais pesado o tributo imposto ás populações brasileiras pelo Governo da Metropole, sob a fórma da manutenção de grandes effectivos militares aquartelados nas principaes regiões do paiz.

Com a vinda de d. João VI, em cuja companhia tantos militares deixaram Portugal, augmentou e muito o total do exercito luso-brasileiro, agora encabeçado por volumoso estado-maior de officiaes generaes e superiores.

Deste exercito numerosas tropas se recolheram ao reino, quer antes do 7 de Setembro, quer após os acontecimentos das campanhas da Independencia. Assim se deu com as divisões de Jorge de Avilez, no Rio de Janeiro, e os pequenos exercitos capitulantes de Pinto Madeira na Bahia e d. Alvaro de Sousa de Macedo, em Montevidéo.

Varios corpos do antigo exercito do Reino Unido adheriram á nova ordem de cousas, e é verdade; numerosos officiaes de todos os postos, quer no Exercito, quer na Marinha, com toda a lealdade e desinteresse de sentimentos lusitanos acceitaram servir o paiz em que já se achavam.

Dentre esses Portuguezes recém-incorporados á nação fundada por d. Pedro I, basta citarmos os nomes de Lecor,

Cunha Mattos, Soares Andréa, Bellegarde, Alinecourt, entre os officiaes generaes, para que se attem estes sentimentos de profunda lealdade e dedicação ac Brasil, por parte destes filhos adoptivos. Milhares de homens, porém, officiaes e soldados, haviam deixado as bandeiras, pondo o joven imperador em verdadeira difficuldade para a organização do seu exercito e sua armada. E isto numa epocha cheia de difficuldades e apprehensões, em que a auctoridade imperial se via ameaçada pelos sentimentos de forte republicanismo latente em todo o paiz, e contra a integridade do Imperio conspiravam os Hispanhóes do Prata.

Para as campanhas da Independencia angariara Pedro I para a Marinha forte nucleo de excellentes officiaes estrangeiros, inglezes, sobretudo, como os gloriosos lord Cochrane, Norton, Parker, Greenfell, Taylor, Jewett, ao lado de velhos e optimos servidores de ordens, Theodoro de Beurepaire, etc.

Dos exercitos reaes lhe haviam ficado outros não menos fieis e uteis como o conde de Beurepaire, o conde d'Escragnoille, entre varios.

Ao inglez Cochrane commetteu, como todos sabem, o bloqueio naval da Bahia, em 1823, enquanto o francez Labatut era posto á testa das fôrças de terra que combatiam as unidades do exercito portuguez de Pinto Madeira.

De prompto — desorganizadas como haviam ficado as fôrças de terra e mar do Brasil — não pudera o monarcha recorrer a serviços mais conspicuos do que os desses guerreiros, muitos dos quaes formados na longa eschola das campanhas napoleonicas e então disponiveis, graças ao apaziguamento geral do mundo após a queda do vencido de Waterloo.

Foram estes marinheiros e estes soldados que, ermãmente ligados aos nossos officiaes, prepararam os excellentes discipulos, graças aos quaes tantos louros cobriram o pavilhão auri-verde nas campanhas libertadoras do Segundo Imperio.

Composta a officialidade dos nossos regimentos quasi exclusivamente de Portuguezes, e abertos nos quadros enormes claros com a retirada dos elementos lusos, após 7 de Setembro, viu-se Pedro I forçado a recrutar officiaes de todas as nacionalidades. Tanto delles precisava quanto de soldados, e como preferisse poder dispôr de tropas compostas de

européus — cujo aguerrimento tinha outro *training*, que não os contingentes brasileiros — pela Europa espalhou agentes recrutadores de mercenários. Desejava, sobretudo, uns dous ou tres milhares de soldados-germânicos, e assim com afincó procurou arregimentar este *quantum*.

Determinara tal preferéncia, além do facto da imperatriz ser austriaca, a circumstancia de, desde séculos, se constituírem habitualmente os paizes allemães em viveiro de mercenários. E realmente, desde os reitros e lansquenets das guerras religiosas de França, dos bandos ferozes de devastadores da Italia, como os de Furstenberg no século XVI, das tropas acaudilhadas dos grandes *condottieri* protestantes e catholicos, da guerra de Trinta Annos, typo Mansfeld ou Wallenstein, das companhias de aventureiros empregadas pelos Hollandezes nas suas expedições ultramarinas, eram os paizes teutonicos considerados como *inexgotaveis* fornecedores de mercenários. Ainda em fins do século XVIII não haviam os pequenos príncipes do Rheno acudido ao govérno britannico com milhares de soldados destinados á repressão da revolta das colonias da Nova Inglaterra, de onde haveria de surgir a Confederação Norte-Americana?

Desses agentes de d. Pedro I o mais conhecido é o dr. Jorge Schäffer, o "excellente Schäffer", como lhe chamava a imperatriz d. Leopöldina, o amigo, o confidente do coração maguado pelas infidelidades do marido e a sua rudeza, pelas agruras de uma vida de humilhação constante, desde que a marquezia de Santos por completo empolgara os sentidos do ardente Pedro I.

A 12 de Junho de 1824 escrevia-lhe — naturalmente autorizada pelo marido —, recommendando que despachasse "mais tres mil homens, todos moços e solteiros", além do numero fixado anteriormente, oitocentas praças. A 15 de Março de 1825 contava-lhe que o imperador estava extraordinariamente satisfeito com os primeiros soldados vindos da Allemanha. Recompensava-o, nomeando-o official do Cruzeiro e "*chargé d'affaires*" do Brasil juncto ás cidades hanseaticas. Mandasse elle, o mais rapidamente possivel, dous mil novos engajados".

A 10 de Maio de 1826 relatava a soberana ao seu sempre excellente Schäffer que d. Pedro I fazia votos para que o seu agente houvesse contractado alguns milhares de homens” E pouco depois partia-lhe da alma um grito de dôr causado pelo triumpho da favorita. E assim mesmo não precisava o caso, apenas, vagamente, alludia á acção “de mulheres infames, como si fossem Pompadour e Maintenon” Acaso recearia que a carta ao fiel correspondente se extraviasse e fosse ter ás mãos do marido brutal ?

Ao mesmo Schäffer chamava d. Pedro I — “Meu Schäffer” em 13 de Junho de 1824, agradecendo-lhe muito reconhecido a remessa de mercenarios e pedindo-lhe mais gente. Não queria colonos casados, e sim rapaziada solteira. Não fizesse caso das recommendações do visconde de Cachoeira, ministro de Extrangeiros, que lhe ordenara o sustamento das remessas.

«Mande, mande e mande, pois lhe ordena quem o ha de desculpar e premiar, pois he seu Imperador.»

Pela intimativa se vê quanto interesse ligava Pedro I aos mercenarios, que desejava arrolar para a defesa do seu throno ainda pouco estabilizado.

No decorrer de 1825 chegavam ao Rio de Janeiro fortes contingentes de soldados teutões, angariados pelo excelente Schäffer.

Mais tarde, talvez para contrabalançar o poder desses pretorianos, procedeu-se ao engajamento de Irlandezes. Ao remper a campanha cisplatina muitos desses mercenarios partiram para as fileiras do exercito do marquez de Barbacena e em Ituzaingo bateram-se muito bem.

A LITTERATURA DOS MERCENARIOS

Teve d. Pedro I aborrecimentos innumerados com os seus mercenarios allemães e irlandezes. Delles não se podia, certamente, esperar grande cousa, aliás.

Bastava a qualidade de vendilhões de sangue para que pouco se avaliasse de sua dignidade e condição. Manda porém a justiça se accrescente que muitos de taes emigrados ao Brasil haviam vindo absolutamente illudidos, pretendendo apenas melhora da miseravel condição, como se empregarem na Agricultura ou no Commercio. Numerosos os que com verdadeiro

desespêro viram quanto haviam sido engodados, delles apenas se desejando o serviço militar.

Fôra o Schäffer dos irlandezes certo coronel Cotter, homem de escrupulos frouxos, dizem-no depoimentos dignos de credito, e um desses alliciadores de rebanhos humanos, que nada mais enxergam sinão o *quantum* a ganhar por cabeça.

Havia a escolha dos mercenarios sido geralmente muito má, como era de esperar, tanto em relação aos allemães quanto aos irlandezes.

Turbulentos e intemperantes, foi preciso submete-los a uma disciplina ferrea. Entregou-se o commando dos batalhões de estrangeiros a officiaes conhecidos pela energia, commissão aliás summamente desagradavel a muitos desses militares.

Sendo nomeado commandante do Primeiro de Extranjeiros, representou o conde d'Escragnolle ao então ministro da Guerra, marquez de Lagêes, quanto lhe era penosa a incumbencia. Assim pedia licença para della declinar.

Respondeu-lhe o ministro, " para lhe desvanecer as idéas pouco favoraveis, assegurando-lhe quanto era honrosa a nomeação; fôra da escolha directa de sua majestade, quando se hesitava na escolha de um official benemerito para tal fim. Além de tudo tivesse alguma paciência, pois o Governo esperava breve poder substitui-lo por um official especialmente contractado na Europa e a chegar ".

Si os mercenarios se comportavam mal, fôrça é convir que muito graves queixas podiam articular contra o passadio e o tractamento recebidos no Brasil, summamente diversos daquelles com que lhes acenaram os engajadores.

Dahi o seu descontentamento e, afinal, a grave sedição, que em Junho de 1828 ensanguentou as ruas do Rio de Janeiro, causando ao imperador e seus ministros as mais graves apprehensões e receios.

Já haviam os allemães sido ludibriados nas suas esperanças, fugindo o Governo ás promessas solennes de seus agentes, quando chegaram os Irlandezes, diz o padre Galanti.

A estes se acenara, além da gratuidade da passagem, o salario de um shilling por dia, e o fornecimento gratis de alimentos e vestuario, durante certo prazo.

Passados cinco annos de serviço militar, teria cada soldado uma concessão de quarenta geiras de boas terras.

«A primeira impressão ao desembarcar foi horrível de parte a parte, nota o historiador italiano. Eram uns tres mil colonos, a maior parte solteiros, mal vestidos, descalços, macilentos, feios, manifestando extrema miseria e prostração physica. As massas infimas da sociedade apuparam esses infelizes, como hordas de bandidos, enquanto do cães passaram para os quartéis, onde o Governo os recebeu, por não ter feito, com antecedencia, os preparativos convenientes.

Desgostosos, portanto, os colonos por não acharem as felicidades que esperavam, começaram a clamar que os reconduzisse para a sua terra natal. Fez o Governo que as familias se recolhessem á Praia Vermelha e de lá, quanto antes, para o interior, onde quer que apparecessem terras devolutas para a colonização. Aos solteiros propoz o serviço militar, offerecendo-lhes premios adeantados. Recusaram a principio esse serviço, cedendo apenas quando viram não haver outro remedio para os seus males.

Levantou-se um brado geral de indignação, que echoou em todo o Imperio e fóra d'elle, contra similhante systema de contractar colonos. O coronel Cotter desmoralizara, diziam, a colonização, que ainda pretendesse dirigir-se para o Brasil; o Governo, por seu lado, compellindo esses infelizes a assentar praça, concorrera poderosamente para augmentar a indignação delles, que mandaram publicar na Europa repetidas e amargas queixas, pintando o Brasil como um paiz selvagem.»

Nada mais natural portanto do que a rebellião dessa pobre *chair à canon*, toda ella, além de tudo, muito mal escolhida, relatam unanimes os chronistas.

Revoltaram-se os tres batalhões de estrangeiros, dous de allemães e um de irlandezes, num total de dous mil homens, entre os quaes avultaria certamente o *gibier de potence* da feliz expressão franceza, os candidatos á força.

Assassinaram os Allemães aquartelados na Praia Vermelha o major Benedicto Theodulo, que procurava conte-los, e começaram o saque do bairro, imitando-os os Irlandezes ao terem conhecimento de taes factos.

Precisou d. Pedro I requisitar das divisões navaes ancoradas no porto do Rio, franceza e ingleza, o desembarque de

fôrças, sendo o palacio de S. Christevam guarnecido por seiscentos marinheiros anglo-francezes.

Em tres pontos da cidade travou-se renhida batalha entre os mercenarios e a tropa brasileira de linha e de policia auxiliada por milicianos e cidadãos armados.

Renderam-se os Allemães após terem umas cinquenta baixas, e os Irlandezes pouco depois, havendo perdido cêrca de septenta homens. Quarenta e tantos mortos tiveram as nossas fôrças.

Foi a repressão severa; a um dos cabecilhas fuzilaram, recebendo muitas praças severos castigos.

Desgostoso e assustado, dissolveu d. Pedro I os corpos de mercenarios. Dos Irlandezes, trezentos foram enviados para a Bahia, e dos Allemães, seiscentos para o Rio Grande do Sul, como colonos. O resto regressou á Europa ou foi enviado ao Canadá, a pedido da legação ingleza.

O contracto de mercenarios foi, pois, um dos maiores vexames e vergonhas, dos mais desastrados para o govêrno de Pedro I.

Não é das mais avultadas a bibliographia referente a esses episodios da nossa Historia. Alguns dos Allemães escreveram a seu respeito; entre os Irlandezes, ninguem, ao que nos conste traçou as reminiscencias pouco agradaveis de sua estada no Brasil.

O que da "litteratura dos mercenarios" sabemos cifrava-se a poucos volumes: *Os dez annos no Brasil*, de Carlos Seidler, official do 27º de caçadores; *Minha viagem ao Brasil no anno de 1826*, de Mansfeld, e *O Brasil como imperio independente*, de Schäffer.

Deparou-se-nos o ensejo de conhecer um quarto livro, não mencionado, aliás, nem no monumental catalogo de Ramiz Galvão, base da nossa Bibliotheca, nem na opulenta documentação com que Alberto Rangel alicerçou o seu *D. Pedro I e a Marquiza de Santos*.

Encontrámo-lo na bibliotheca do Museu Paulista e lhe percorremos as páginas, graças a uma excellente traducção do sr. dr Vicente de Sousa Queiroz, que lhe consagrou uma parte dos seus lazares de erudito e incançavel ledor. Vertendo-o do modo mais fiel, fê-lo com a melhor vernaculidade e verdadeira elegancia e respeito absoluto á pureza do texto.

Traz a folha de rosto do livro, volume de 300 páginas in-16°, aliás inesthetico quanto possível, ou antes feissimo — uma série de longos dizeres, muito ao sabor dos auctores teutonicos: Quadro alternados de viagens maritimas e terrestres. Aventuras e Successos, Golpes de Estado, Descrição dos usos e costumes dos povos durante uma viagem ao Brasil e uma permanencia no mesmo paiz de dez annos, de 1825 a 1834, com informações ácerca da sorte dos allemães emigrados para o Brasil .

Impresso em Hamburgo no anno de 1836 pelos editores Hoffman e Comp., assigna-o Eduardo Theodoro Bösche, ex-official do Exercito brasileiro.

E' este livrinho, hoje, summamente raro, informou-nos o sabio Capistrano de Abreu, que lhe tem os depoimentos em alta conta, pela sinceridade e veracidade das informações. Obra de um desilludido e de um despeitado, contém fundas queixas, amarissimas recriminações, severas criticas e apreciações acêrca das cousas e dos homens do Brasil. E' contudo quasi sempre interessante; da sua narrativa resalta nitidamente a impressão da verdade. O azedume com que o auctor falla do Brasil, onde declara haver soffrido mil e uma calamidades, não lhe oblitera o sentimento da justiça; assim é que, acêrca dos compatriotas, emitta opiniões sobremaneira severas e frequentemente encontra o que elogiar do Brasil e dos Brasileiros (1).

AVENTURAS DE EDUARDO THEODORO BÖSCHE

Nascido na cidade de Hannover, em 1807, rapaz de imaginação precoce e ardente, viu-se Eduardo Theodoro Bösche, aos 17 annos de idade, sériamente desilludido acêrca do futuro. Em sua patria, superpopulada, carreira alguma se lhe antolhava capaz de o conduzir a feliz futuro. Pobre e sem posição, embora instruido e intelligente, em nada o podia ajudar a familia. Assim, pensou em emigrar e, como soubesse que em Hamburgo se angariavam colonos para o Brasil, resolveu emprehender uma viagem á America do Sul. Leituras di-

(1) A traducção deste curioso livrinho já foi publicada no tomo 83º da nossa *Revista*. — Da Direcção.

versas que sôbre o nosso paiz fizera — representando-o como uma terra de promessa — haviam-lhe sobremodo inflamado a mente. Nessa terra tão rica e balda de gente ainda, certamente lhe sorriria a vida, tanto mais quanto não só se sentia forte e intelligente, como dispunha de real instrucção.

Em Dezembro de 1824, abandonava a cidade natal, della se desprendendo contudo a chorar e a appellar para todas as suas energias.

Em Hamburgo, pediram-lhe várias pessoas benevolas e sympathicas, que do intento desistisse, presagiando-lhe tetrico futuro. *Alea jacta erat*, porém.

Apresentou-se então ao agente do governo de d. Pedro I o dr. Schäffer, personagem avelhantado, cujo aspecto lhe causou muito má impressão pela fealdade, o *facies* typico de alcoolatra e os ares charlatanescos.

Tinha muita labia, porém, o alliciador de colonos, e facti- lhe foi com meia duzia de chavões convencer ao rapazinho de que deveria partir para o Rio de Janeiro.

Seguisse com a leva de colonos embarcada no transporte *Wilhelmine*, ancorado no porto de Hamburgo, já alistado como official do Exercito brasileiro. Nada sabia Bösche dos antecedentes do representante do Governo imperial, juncto ás cidades hanseaticas; si o soubesse não se teria talvez deixado embelezar pelos discursos fallazes de tão dubia personalidade.

E, com effeito, não passava o confidente, o amigo fiel da boa imperatriz Leopoldina, de formidoloso velhaco e refalsado tratante, cuja parolagem impudente conseguiu embarcar a soberana, personificação da boa fé e de lealdade.

Aventureiro sem escrúpulos, intrigante audaz, é o que de Schäffer diz Adalberto de Chamisso, o illustre escriptor francez, germanizado, e até certo ponto *pendant* do allemão francisado que foi Henrique Heine.

Durante tres annos, de 1815 e 1818, viajou Chamisso á volta do mundo, no brigade *Rurik*, do commando do illustre navegante e explorador russo Kotzebue.

Ao aportar nas ilhas de Hawai, soube que em todo o archipelago sandwichiano forte agitação reinava, devido ás manobras de um allemão, dr. Jorge Antonio Schäffer, me-

dico do navio russo *Suwaroff*, cujo capitão era certo Lazareff.

Em 1815 chegava Schäffer a uma das Sandwich, a ilha de Sitcha, dizendo-se delegado por Baranoff para colheita de material scientifico naquella zona do Pacifico. Mais tarde se fizera o representante de uma empresa russo-americana. Angariara a sympathia e a protecção do rei Kamehaméa e percorrera então o archipelago hawaiano. Nesta occasião dous navios russos, ancorados na ilha de Oahu, apossaram-se desta terra, içando o seu pavilhão, em signal de posse.

Reagiram os Canacas, apoiados e dirigidos por alguns Europeus, "sendo os arrogantes estrangeiros obrigados a embarcar" "Não se sabe ao certo", accrescenta o conde de Chamisso, "a parte que o dr. Schäffer coube nestes factos. Contra elle existia, contudo, entre os naturaes grande indignação".

Não desanimara o intrigante, contudo, com este primeiro fracasso. Passando a visitar a parte occidental do archipelago, conseguira, com as suas manobras, que o chefe Tamari se revoltasse contra o seu soberano, collocando-se sob a protecção da bandeira russa.

Ainda desta vez foi infeliz. Em 1817, ao passar de nova a expedição Kotzebue por Hawai, soube-se que o chefe rebelde expulsara o aventureiro, submettendo-se a Kamehaméa.

A branda indole dos Canacas lhe poupou a vida. Partiu então para S. Petersburgo, onde tentou conseguir do czar Alexandre I a annuencia a uma série de planos e projectos de aventuras, objectivo aliás não alcançado, pois o soberano, não só lhe não prestou ouvidos, como não quiz dar-lhe a recompensa pedida em allegação de suppostos serviços á coroa moscovita. Desapontado, mas não resignado a abandonar o genero de "negocios" em que jurara fazer fortuna, soffrego voltou-se para o Brasil, certo de que no novo Imperio exotico muito melhores ensanchas encontraria para os seus empreendimentos, tanto mais quanto muito mais largo campo se lhe abria ás façanhas e trampolinagens.

A d. Pedro I offerecendo os "valiosos prestimos", teve dentro em breve a satisfacção de os ver pressurosamente

acceitos. Em 1824 conseguia do facil monarcha uma missão de agente secreto e o titulo de encarregado dos negocios do Brasil nas cidades hanseaticas e Saxonia baixa, ducados de Mecklemburgo e Oldemburgo. Nomeado pouco depois agente de colonização e recrutamento, obteve ainda o posto nonorifico de major da Imperial Guarda de Honra. De tal modo haveria o intrujão de captar as boas graças dos soberanos brasileiros, que por decreto de 9 de Abril de 1827 conseguia enorme distincção. Fazia-o d. Pedro I representante do Brasil junto á Dieta da Confederação Germanica, arbitrando-lhe vencimentos de quinhentas libras annuaes.

Taes os acontecimentos e traços biographicos principaes do velhacaz formidavel, que conseguira empolgar a confiança pouco esquiva dos nossos imperantes.

Impostor eximio e desabusado charlatão, como sabia ser, pomposamente se condecorara — como reminiscencia e em honra do pouco brilhante passado de proezas oceanicas — com o titulo altisonante de “navegador mundial”.

A's tranquibernias desse aventureiro iam milhares de seus compatriotas dever longa série de misérias e o nosso paiz avultados males.

Desde os primeiros dias de 1825, passou Eduardo Bösche a viver a bordo do *Wilhelmine*, cuja partida para o Rio se differia de semana para semana, á espera dos colonos e dos futuros soldados do Brasil, que lentamente vinham chegando. Afim de acalmar os impacientes, de vez em quando surgia Schäffer a bordo, muito avinhado, titubeante e vermelhaço, a arengar ás massas e conter-lhes a irrequietude. Ficava Bösche muito mal satisfeito com o aspecto da maioria dos companheiros de viagem “operarios vadios e andrajosos, vagabundos brutaes e beberrões, verdadeiro refugio da sociedade”.

Quaes, porém, não foram a sua indignação e desgosto, quando viu encaminhar-se para o *Wilhelmine* a sinistra theoria de cem calcetas, algemados e acorrentados!

Despejavam-se as cadeias e presídios do Mecklemburgo para o Brasil, havendo o alliciador conseguido que lhe cedessem os habitantes para refôrço do seu pessoal de colonos! Imagine-se a satisfação das auctoridades ducaes ao con-

eluirem o optimo negocio, graças ao qual se desembaraçavam de semelhante corja, e o pesar com que a acolheram a bordo do *Wilhelmine* os poucos colonos honestos, angariados pelo trampolineiro !

Assim, em pleno seculo XIX, se mantinha a tradição que do Brasil fazia uma terra de degredo. Já não era mais Portugal que lhe enviava presidiarios. Graças ao excellente "Schäffer, libertava-se o pequeno ducado teutonico da quintessencia da flor de sua gente", segundo a expressão consagrada pela nossa gíria eleitoral do segundo Imperio.

Afinal, em principios de Fevereiro de 1825, partiu o *Wilhelmine*, para, com excellente viagem, chegar ao Rio de Janeiro a 14 de Abril seguinte.

No navio, apinhado, vinham mais de novecentas pessoas, umas sôbre as outras, dormindo oito e nove homens em camarotes, onde mal cabiam quatro.

Felizmente nenhuma epidemia ocorrera nem desordem grave, salvo no dia da festa da passagem da linha, em que os grilhetas mecklemburguezes pretenderam provocar perigoso conflicto, felizmente dominado pelos elementos sãos de bordo e terminado por tremenda pancadaria nos ex-presidiarios.

A Bösche permittira a longa travessia familiarizar-se com os seus companheiros de armas. Teve do futuro commandante von Ewald, official dinamarquez, a mais desagradavel impressão. Salvo duas ou tres excepções, o mesmo desgosto lhe causou o contacto com a officialidade, em geral ignorantisima, estúpida, grosseira e abrutalhada, além de apaixonada do jogo e do alcool.

Causou-lhe a entrada no Rio de Janeiro verdadeiro deslumbramento, mas a esta feliz sensação logo se contrapoz outra muito penosa: a da chegada a bordo de alguns soldados allemães, das primeiras remessas de Schäffer, cujo aspecto doentio e miseravel, cujos olhares sombrios e vacillantes trahiam a tristeza, o desespero, provando de modo cabal quão sua sorte era pouco invejavel .

Começou o moço emigrante a suspeitar quanto fôra ludibriado pelo agenciador de rebanhos humanos "a tanto por cabeça", o beberão sem escrúpulos, a cujas promessas mirabolantes ia dever alguns annos de penosa existencia.

Nas suas arengas em Hamburgo constantemente apontava Schäffer aos seus alliciados, como sendo a de um pro-homem, a personalidade do nosso primeiro imperador, a quem, entre baforadas de alcool, e es tropos de uma eloquencia facil, mas barata, só chamava "Pedro, o grande". Assim, foi com vivissima curiosidade que todos os Allemães acolheram a chegada a bordo do par imperial brasileiro, algumas horas após a ancoragem do *Wilhelmine*. A Bösche produziu Pedro I fulgurante impressão. Não era uma figura apolinea, mas achou-o absolutamente masculino, typo fortissimo de irradiação de energia. revelando á primeira vista a incontrastavel feição do conductor, do senhor de homens.

Vestido com a maior simplicidade, elegante e distincto porém, pareceu-lhe a perfeita exteriorização do homem de raça, do dynasta procedente de longa fila de autocratas, e encarnando a realização do voluntarioso por excellencia. A imperatriz, esta, dos pés á cabeça, era Habsburgo. Tinha bondosa feição e brando aspecto. Não pôde, porém, o malicioso observador que era o hannoveriano, fugir ao prurido da maledicencia: ao lhe referir a vermelhidão da tez: "similhante colorido attribuiam alguns ao clima e outros ao uso de liquidos, que nem sempre eram a agua crystallina"; avança elle.

Lançada a perfida e calumniosa insinuação á illustre princeza, tão generosa e boa e tão infeliz, narra Bösche quanto lhe pareceu seu trajo estapafurdio e desmazelado.

Davam-lhe o chapéo redondo, as polainas, a tunica, as botas de montar com pesadas esporas, um todo masculino, tirando-lhe toda a graça e attractivos, pelos quaes unicamente domina a mulher".

Mais um depoimento, comprobatorio das palavras de Jacques Arago nos seus *Souvenirs d'un aveugle* e explicativo dos triumphos da marquezia de Santos.

A CHEGADA AO RIO E ÀS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Ao joven hannoveriano causou a attitude de d. Pedro I a impressão de que se achava satisfeitissimo com a chegada dos mercenarios angariados pelo seu "caro Schäffer

"Estes", talvez pensasse intimamente, "não se deixarão seduzir pelas gritarias dos Andradas e mais opposicionistas, e

saberão defender o meu throno precario dos assaltos de republicanos e nativistas”

E quiçá — fosse mais instruido — por associação de idéas se lembrara da satisfação com que á Italia transportara o seu antepassado longinquo, o imperador Frederico II de Hohenstaufen, grande inimigo dos papas, chusmas de mouros e cana-lhas de sarracenos, porque a estes não faziam móssa os inter-dictos, os desligamentos e as excommunhões simples ou *vitandae*, que fossem.

Assim, servindo-se da imperatriz como interprete, ia de grupo em grupo, a fazer perguntas aos recém-chegados. Quando avistava alguém com quem sympathizara, chamava d. Leopoldina, dizendo-lhe: “Senhora! faça o favor! ao que tola e extravagantemente, commenta Bösche: esta é a fórmula usada no Brasil por qualquer negro, quando se dirige á preta de sua predilecção”!

Antes de se retirarem os soberanos, entregou o commandante do *Wilhelmine* ao imperador o retrato de Schäffer, ricamente emmoldurado, presente que o alliciador fazia ao seu tão admirado amo.

A proposito do que entende ser verdadeiro despropósito do aventureiro, a amostra do seu descommunal topete, esta offerta da reproducção do “repellente focinho a uma pessoa majestatica — expande Bösche a sua atrabilis, maltractando de rijs o ex-conquistador sem sorte das Ilhas Hawai.

Fôra o passadio na viagem soffrivel, mas logo ao desembarcar tiveram os Allemães a maior desillusão.

Numerosos dentre elles, emigrados sob a insophismavel promessa de concessão de terras, foram á força engajados nos regimentos de linha. Elle proprio Bösche, a quem Schäffer garantira a graduação de cadete, viu-se violentamente arrolado como simples cabo de esquadra!

E o peor era que o Governo Brasileiro não cogitara dos meios de aquartelar a grande massa de soldados recém-affluida ao Rio de Janeiro.

Majesticamente dirimindo as difficuldades, decidiu o imperador que os Allemães se aboletariam na abbadia dos Benedictinos. Que se apertassem os monges ou se arrumassem alhures! E assim para o morro de S. Bento partiu o corpo

de mercenários. Nas cellas monacaes alojaram-se os officiaes e nos pateos e corredores a soldadesca.

Imagine-se a alegria, com que os viram chegar os Benedictinos "As hordas dos bandidos de Wallenstein podiam ser qualificadas de brilhantes, comparadas com a coorte teuto-brasileã", observa o hannoveriano.

Deram-se na abbadia inenarraveis scenas de desordens e indisciplina, formidaveis bebedeiras e pancadaria rijissima. Desanimados e descrentes recorreram varios soldados ao suicidio. "Tudo", diz o narrador, "provinha da pessima officialidade do corpo recrutada entre a ralé européa e composta, salvo raras excepções, de fidalgos arruinados e devassos, vagabundos e jogadores"

Em commum bebiam superiores e inferiores, frequentemente succedendo que estes espancassem aquelles!

Numerosas bacchanaes houve, terminadas por terriveis rixas, coroadas por assassinatos numerosos e ferimentos graves.

Nada tambem mais curioso e heterogeneo do que a composição do regimento, onde se contavam aventureiros de profissão ao lado de ideologos, grilhetas e cavalheiros de industria a par de curiosos irrequietos e amadores de sensações, *ratés* desclassificados e amalucados ao pé de méros amigos de viagens e novidade, vigaristas consummados contrapondo-se a pessoas honestas, da melhor boa fé e das melhores intenções, gente enfim, de todas as categorias.

Si num grupo de soldados só se contavam boçaes e analphabetos, noutros se viam "individuos conversando em latim classico", ou "personagens discutindo as nebulosidades dos systemas philosophicos, ou ainda os mysterios da Historia", antigos professores, militares, funcionarios demittidos, ex-actores, falcatrueiros, gentishomens indesejaveis, enfim; um aggregado complexo de destroços da vida.

Eram todos lutheranos ou incréos, e um divertimento que a vizinhança dos Benedictinos lhes impoz foi o arremédo insultuoso das ceremonias do culto catholico.

A principio limitaram-se a cantar "córos anti-papistas" e afinal acabaram organizando uma procissão, que pelo mosteiro circulou, e em que num andor se carregava um cão, urrando

os assistentes immundos estribilhos bacchicos e obscenos em tom de ladainha.

Sobremaneira exasperaram estas scenas aos poucos monges, que ainda residiam no Mosteiro. Resolveu-se novamente, e em desespero de causa, o energico abbade frei Francisco de Santa Teresa Machado a representar ao imperador contra tão insupportaveis escandalos, antes de, de vez, abandonar á desenfreada soldadesca a sua secular abbadia.

A' cêrca deste prelado tivemos ensejo de ouvir alguns dos religiosos da antiga Congregação Brasileira varias anedotas interessantes, que ficaram tradicionaes na Ordem.

Entre ellas, esta, que se refere á estada dos mercenarios no Mosteiro, relatada pelos saudosos frei Antonio da Conceição Gomes de Amorim e frei José de Sancta Rita Durães.

A reiterar numa audiencia imperial — a principio paciente e afinal justamente indignado — o pedido da retirada dos soldados, acabou o abbade, exaltando-se, por acerbas recriminações. Estava Pedro I num de seus peores dias. Tomado de uma de suas choleras furiosas de impulsivo, subitamente ihe intimou a berrar: "Não me aborreças mais! Não tiro os soldados! Si alguém tiver de sair, será a tua fradaria! Ponho-a no olho da rua!" E assim por deante... Corajoso, redarguiu-lhe então o abbade: "Póde vossa majestade e manda! Enxote-nos, pois, de nossa casa para que, de nossas janellas, não o vejamos algum dia sair barra a fóra, repellido pelo povo, de cujos direitos tão pouco caso faz!"

Ajuneta a tradição benedictina que a severidade e a justiça da apostrophe muito concorreram para que se encurtasse o prazo da occupação do convento pela insupportavel soldadesca.

Do mesmo abbade Machado, que durante largos annos regeu — e de modo notavel — a abbadia fluminense, relatavam os velhos Benedictinos outras demonstrações da feição energica e pouco paciente em relação á tolerancia de abusos.

Hospedara-se no Mosteiro certo *monsignore*, empregado da Nunciatura, pessoa cujas relações diplomaticas constantemente faziam com que a porta do Convento se conservasse aberta, varias horas após o toque de silencio claustral. Advertido numerosas vezes, afinal, como não ligasse a minima importancia aos avisos, mandou o abbade que lhe trancassem

a porta. Vendo-se certa noite despachado pelo porteiro, enfureceu-se o diplomata, ameaçando aos berros o abade de lhe fazer em Roma uma "boa cama" com um relatorio eloquente de suas faltas.

A horas tantas abriu-se a portaria do Mosteiro, e já o *monsignore* prelibava a doçura do seu triumpho, quando o abade — homem robustissimo e aliás prelado irreprehensivel — saiu ao pateo, onde lhe applicou uns pares de arrazadores sopapos, ao lhe dizer tranquillamente: "Ponha mais isto no seu relatorio!".

Era homem, pois, a enfrentar as iras de Pedro I, diante de cujas explosões tremiam todos, mesmo os mais poderosos. Tanto mais quanto frequentemente manifestava especial agrado pelo emprêgo do rebenque e a distensão dos biceps e dos triceps femuraes sob a fórmula de formidaveis bofetadas e murraças, e não menos vigorosos pontapés, fortissimo como era.

Assim, de uma feita, fizera doze leguas a galope para applicar tremenda surra de chicote ao tristemente célebre Felicio Pinto Coelho de Mendonça, o primeiro marido da sua querida Domittila, isto pelo facto do pobre desavergonhado, a quem empregava na feitoria imperial de Periperí, recusar-se a assignar uma petição de divorcio. É o que nos relata Alberto Rangel, desvendando a correspondencia do barão Marschal, embaixador no Brasil de Sua Majestade Apostolica.

Nem exqueçamos, incidentemente, que, apesar de monarcha constitucional, não se affizera d. Pedro I bastante á idéa de que deixara de ser um autocrata.

Nem os seus contemporaneos, nascidos e creados no sagrado respeito de sua majestade, a quem Deus guardasse, se tinham habituado ainda a ver no seu soberano alguem, a quem se houvesse cerceado o uso do quer, posso e mando, prerogativa illimitada dos seus avós, os senhores reis de Portugal e ainda, havia tão poucos annos, latamente exercido por seu Augusto pae, dynasta brando, bonachão e paciente, apesar de absoluto.

"CHAIR Á CANON"

Mal alimentados, mal alojados, começaram os soldados germanicos a adoecer em grande número, sendo então entre

elles muitos os fallecimentos, tanto mais quanto, dia a dia, redobravam os excessos bacchinos. "O rancho", diz Bösche, "era o que se póde imaginar de peccr, apenas a fome o tornava supportavel" Os exercicios pesadissimos esfalfavam os homens não acostumados aos nossos calores, e o soldo pagavam-no miseravelmente, sobretudo para uma cidade de vida carissima, como o Rio de Janeiro.

Continuavam os veleiros a despejar novas levas de mercenarios enviadas por Schäffer. Organizaram-se então tres batalhões de Allemães, sendo Bösche nomeado para o terceiro de granadeiros, cujo commando assumiu o major von Ewald, official dinamarquez e cavalleiro do Danebrog.

Logo depois saíra o batalhão de S. Bento, indo aquartelar na fortaleza da Praia Vermelha.

De Edwald traça o seu commandado o mais desfavoravel retrato. Cruel, como raros, para com os soldados, a quem mandava espancar, a poncto de os deixar sem falla, era o mais vil dos aduladores do imperador; e tão despudorado, que nem siquer mudou de attitude depois da sova de chicote que certo dia lhe applicou o imperial amo, descontente com os seus processos de commando.

Tal a barbaria do dinamarquez, que muitas praças ficaram estropeadas e várias morreram. Pessimos os alojamentos na Praia Vermelha. Dormiam os soldados no chão, sôbre esteiras, e literalmente devorados pelas pulgas, percevejos, muquiranas e pernilongos. Continuavam os exercicios cada vez mais pesados, e uma das cousas que mais irritou o corpo foi a imposição da assistencia á missa dominical, quando todas as praças eram protestantes.

Embora casado, amasiou-se Ewald com uma rameira de baixa esphera, chegando-lhe a impudencia a poncto de leyar todos os domingos o batalhão á praia de Botafogo, para desfilar em frente ás janellas da sua querida.

Houve muitas deserções; os fugitivos, porém, por ignorancia da lingua, quasi sempre foram capturados e reenviados ao quartel, onde pereceram varios sob o calabrote. Recrudescu, então, entre os soldados a mortalidade pelo suicidio, natural consequencia dos horriveis tractos.

De vez em quando apparecia o imperador na Praia Ver-

melhá e fazia manobras o batalhão, com extraordinaria mestria, aliás.

« Executava magistralmente todos os exercicios, diz o hannoveriano, obrigando soldados que tinham estado ao serviço de dez paizes a confessar que nunca haviam visto pessoa mais exímia no manejo das armas. Era, porém, destituído de maneiras, e sem sentimento algum das conveniencias.»

A este proposito relata o auctor um episodio absolutamente inacreditavel sôbre o desplante do monarcha, que certo dia não trepidara em fazer o batalhão desfilar deante de si, quando satisfazia uma necessidade natural.

Ouvia Pedro I as queixas dos soldados, mas não lhes ligava importancia.

Em todo caso, ao fim de algum tempo, substituiu o perverso Ewald pelo coronel irlandez William Cotter, que se mostrou incomparavelmente mais humano. “Uma das causas da demissão de Ewald fôra”, diz Bösche, “o facto de se atrever a mandar suspender á haste da bandeira do batalhão uma das ligas da sua Duclinéa! e isto no dia em que se realizou a grande parada annual, fixada para 12 de Outubro, data do natalicio imperial.

Pairava a liga de d. Gertrudes, a aspasia do commandante, acima da bandeira brasileira! Chegado o corpo ao campo da Acclamação, teve, porém Ewald de tirar a tal jarreteira, á vista de todo o batalhão, por imposição de um official general” Factos de tal ordem nos parecem, porém, muito pouco verosimeis.

“Admiravel o espectaculo da revista”, afirma Bösche. Tropa numerosa, luzida, muito bem fardada, estados maiores coruscantes nos seus riquissimos uniformes, boa cavallaria, magnificamente montada; muita artilharia, sumptuoso desfile dos coches da Córte e sobretudo soberbo aspecto das ruas percorridas pelos batalhões e regimentos. Casas ricamente engalanadas, janellas apinhadas de beldades.

Desfaz-se o escriptor em elogios á formosura das Brasileiras: quando conta que “pelas sacadas se viam todas as formosuras do Rio de Janeiro, com os seus vestidos theatraes e seductores, armadas com as armas irresistiveis da belleza,

da graça e do encanto, ameaçando a tranquillidade de todos os corações”.

Magnifico tambem o aspecto da récita de gala desse dia. Infelizmente, ao sair do theatro, punha-se o imperador, affirma o mercenario, a percorrer as ruas em busca de encontros crapulosos, “afamado como era pelas aventuras amorosas”.

Como se vê, não poupa Bösche o nosso primeiro monarcha.

Pouco depois, era o seu batalhão transferido para o quartel da Guarda Velha, no centro da cidade, tão insalubre e desconfortavel quanto o da Praia Vermelha.

Tanto soffrera a tropa, que se achava notavelmente desfalcada.

Não só haviam morrido muitos soldados, como varios tinham “perdido o fraco bestunto que a natureza madraστα lhes concedera”.

Quanto aos officiaes estrangeiros, e na maioria allemães, quasi todos, sem excepção, continuavam a embriagar-se continuamente, entre elles reinando a maior indisciplina.

Nos ultimos tempos chegara a auctoridade de Ewald a nullificar-se. Era, pois, natural que, em consequencia de semelhante desordem, não tardasse a haver as mais sérias rixas entre soldados germanicos e brasileiros. Uma dellas, gravissima, provocou a destituição do desmoralizado dinamarque: o assalto do corpo da guarda da Carioca, onde doze soldados e inferiores nacionaes foram trucidados pela soldadesca teutonica, sequiosa de vingar a morte de dous camaradas, mortos em um conflicto com praças de corpos brasileiros.

Houve então, como repressão, formidavel pancadaria dos cabecilhas do assalto, que á vista das tropas soffreram o castigo de cem pranchadas.

Foi nesta occasião que o imperador chibateou Ewald formidavelmente, com as suas augustas mãos.

Passou a commandar o batalhão o coronel William Cotter, o irlandez, que se revelou excellente chefe.

Demittiu oito officiaes incapazes e preguiçosos ou liquidados pelo alcool, e as cousas melhoraram.

Nada mais triste do que a sorte destes excluidos. Dentro

em breve, avinhados e andrajosos, vagavam pelas ruas do Rio de Janeiro, arrastando os farrapos do antigo uniforme. Acompanhavam-n'os, geralmente, bandos de negros folgazões e vadios, "e as criticas e apreciações dos juizes pretos e descalços sôbre os filhos degenerados e desprotegidos da velha Germania eram as mais comicas".

E o peor é que, crueis como outr'ora haviam sido, sofriam continuos espancamentos dos seus ex-commandados. Morreram muitos em verdadeira indigencia, nos catres da Misericordia fluminense.

Infelizmente para os soldados germanicos, não tardou o coronel Cotter a afastar-se do batalhão, encarregado que fôra por d. Pedro I de angariar recrutas irlandezes para o nosso Exercito. Os elogios que faz Bösche acham-se em contradicção com os maus conceitos de diversos auctores, seja dicto de passagem.

Substituiu-o um portuguez, o coronel Moura Brito, que, embora com elle se não pudesse cotejar, era incomparavelmente melhor que Ewald.

Pouco depois via-se Bösche preso e encarcerado, durante dous mezes, por se ter negado a mandar o seu pelotão ajoelhar-se á passagem do Sanctissimo Sacramento, durante uma procissão. Recusara obedecer a uma intimação para tal fim, allegando os seus escrúpulos de lutherano.

A este proposito, consagra elle longo capitulo ás "Festas de egreja e procissões no Brasil", em que faz as peores e as mais perversas referencias ao nosso antigo culto externo e ao clero nacional. Procura ridicularizar as practicas catholicas, fallando do grotesco das viagens, anjos cyreneus, legionarios, patriarchas, apostolos, romanos e israelitas de nossas procissões de antanho, reminiscencias da ingenuidade medieval, cujo symbolismo poetico não percebia.

Extende-se a este proposito, insultuosamente, sobretudo em relação á moralidade do clero, revelando então quanto era o seu reformantismo exaltado e sectario.

Para se livrar da prisão, escreveu longo memorial em que ao imperador, com grande pedantismo de argumentos, expoz o seu caso. Aproveitando o ensejo, lembrou então ao monarcha as injustiças de que fôra victima desde a falta de cumprimento das promessas de Schäffer.

Despachou-lhe d. Pedro I a petição, com um laconismo proprio de sua feição soldadesca: "Soltem-no. — *Imperador*", e assim pôde voltar ao quartel.

Dava-se pouco depois — e na ausencia do monarcha — o fallecimento da excellente imperatriz, d. Leopoldina, cujos funeraes descreve o hannoveriano pormenorizadamente, delles dizendo que foram iníponentissimos, e realizados no meio do enorme pesar, com que toda a população fluminense viu baixar ao tumulo a tão boa e infeiz soberana, gravemente offendida nos sentimentos de esposa pelo voluvel e brutal d. Pedro I. Como successor, futuro, de seu affecto pelo Brasil, ficara aquelle menino' de berço, que, herdando-lhe a feição do character, ia ser uma das mais nobres personalidades do seculo XIX, cheio, no entanto, de tão majestosas figuras.

PARENTESE

Tiveram os meus modestos commentarios sôbre a obra de Bösche a honra de merecer do sr. Gustavo Barroso uma série de elogios que, si sobremodo me desvanecem, muito mais lhe apregôam a benevolencia.

Nada mais justo do que os excellentes conceitos por elle traçados em relação ao estudo a fazer-se da *litteratura dos mercenarios*, essa divisão, clara e synthetica, em tres capitulos, abrangedores de todos os *items* a examinar, exposta com o brilhantismo que sempre acompanha quantos traça o auctor da *Terra de Sol*. Si a outrem empresta erudição o sr. Gustavo Barroso, é que a modestia lhe inspira a inversão do conceito biblico relativo á visão da trave e do argueiro.

Lapso grave de memoria foi o meu ao deixar de lado a obra de Schlichthorst, quando esbocei a resenha bibliographica relativa aos mercenarios de Pedro I. Pouco antes, justamente, escrevendo-me Alberto Rangel acêrca da traducção do livro de Bösche, dizia: "Bom será que o amigo Vicente se dedique agora a verter o livro de Schlichthorst ou o de Seidler. Em ambos ha cousas interessantissimas, dizem-me quantos sabem o allemão".

A pormenorizada descripção que do primeiro nos dá agora o auctor de *Heróes e banditos*, assim sirva de incen-

tivo a quem já prestou tão valioso serviço ás nossas letras historicas divulgando os *Quadros alternados* de Bösche. Ha um topico do artigo do sr. Gustavo Barroso que me leva contudo a lhe apresentar uma rectificação cordial, visto como tracta de pessoas de minha familia, cuja memoria venero, e acêrca de quem, levado por uma falha momentanea de memoria, se escrevem referencias que não são exactas.

Assim, contando que ao livro de Schlichthorst accompanha uma lista de officiaes estrangeiros ao serviço do Brasil, nota o sr. Gustavo Barroso: "No meio desses officiaes attrahidos ao Brasil por um *courtier* sem escrupulos, que alliciava colonos e soldados na Europa, contavam-se nobres da velha raça allemã ou franceza; os barões von Kettler, von Leenhoff e von Moillet, o conde de Escragnolle-Taunay, um Platt von Steen, um von Falkenstein, etc."

Esta affirmação é inexacta quanto ao indicado official francez. Levado por uma associação moderna dos nomes de dous homens: o conde d'Escragnolle, coronel de infantaria, e Carlos Augusto Taunay, major do estado-maior — destas duas pessoas fez o illustre articulista uma só individualidade. Nesse tempo eram inteiramente extranhas as familias destes dous militares, que só se ligaram em 1840, quando Felix Emilio Taunay, mais tarde barão de Taunay, director da Eschola Nacional de Bellas Artes e preceptor de d. Pedro II, desposou Gabriella de Robert d'Escragnolle, filha do conde deste nome. O filho de ambos, Alfredo d'Escragnolle Taunay, nascido em 1843, foi o primeiro a realizar a união dos dous appellidos.

E, além de tudo, jámais foram os dous officiaes alliciados para servir ao Brasil. Expulso de sua patria pelas convulsões politicas, quando adolescente ainda, assentara o conde d'Escragnolle praça no exercito portuguez, em 1800, acceitando em 1822 a nacionalidade brasileira.

Official demittido em 1815 do exercito francez, por bonapartista, emigrara Carlos Taunay, em 1816, com o pae, um dos fundadores da Eschola Nacional de Bellas Artes no Rio de Janeiro. Em 1822 pedira inclusão no Exercito brasileiro, indo, pouco depois, para a Bahia, servir a patria adoptiva na campanha da Independencia.

Assim nada de commum tinham com o “asqueroso” Schäfer, como lhe chama Bösche, que só em 1824 começara as sordidas manobras de trampolineiro. Antes, pelo contrário, convidado o conde d'Escragnolle a commandar um dos batalhões de mercenários, exprimiu com a maior franqueza ao ministro da Guerra, o futuro marquez de Lages, quanto lhe era desagradavel a commissão, pedindo-lhe que della o eximisse, já o notei.

Do conde d'Escragnolle escreveu o illustre e erudito maranhense dr. José Ribeiro do Amaral, para quem a historia de sua terra não tem segredos, longa e pormenorizada biographia, inserta no tomo primeiro dos *Annaes do Primeiro Congresso de Historia Nacional* (de pags. 681 a 705).

Da extensa documentação que a acompanha, extrahimos os principaes apontamentos, addicionando-lhes algumas notas ainda, provenientes das tradições de familia.

Filho de Antonio de Robert d'Escragnolle e de Claudina de Suffret de Villeneuve, nasceu Luiz Alexandre Maria de Robert d'Escragnolle no castello deste nome, perto de Grasse, a 25 de Dezembro de 1785. Expulsa sua familia de França pela Revolução, refugiara-se em Verona, passando depois, com a invasão da Italia pelos exercitos francezes, para a Hispanha. Reduzido a extrema penuria, foi, mais tarde, ter a Lisboa. O irmão mais velho, Luiz Maria, emigrado em 1792, serviu no exercito de Condé, no segundo regimento de caçadores nobres, até á dissolução deste corpo. Chefe de familia, com a morte do pae, foi elle quem teve a idéa de ir pedir serviço ao principe regente de Portugal. Succedeu-lhe então pittoresco incidente.

De balde, durante longos dias, tentara o pobre emigrado fallar ao ministro da Guerra, visconde de Balsemão, a contar-lhe os terriveis transes em que se achava e pedir-lhe praça no exercito portuguez. Esbarrava com a gratuita antipathia de um porteiro, que, invariavelmente, lhe dizia ora “que sua excellencia não estava”, ora “que não podia receber”. Afinal, exgottada a paciencia e cada vez mais urgido, não mais se conteve o exasperado solicitante e, certo dia — em que mais uma vez se informou de que “sua excellencia não estava” — applicou formidavel tunda ao birrento puxa-repos-

leiros, que se defendeu gritando lancinantemente. Attrahido pelos berros, chegou a excellencia á janella, a indagar do facto. Tão perturbado estava o emigrado, que começou a gritar-lhe: "*Excusez moi, monseigneur: c'est ce valet qui m'a manqué!*"

Achando o caso curioso, poz-se o ministro a rir e, comprehendendo logo as angustias do pobre exilado respondeu-lhe, affavelmente: "*Montez, mon gentilhomme; montez.*"

Nesta mesma tarde, dava-lhe praça como official do regimento commandado pelo duque de Mortemart composto, quasi todo, de emigrados francezes.

Ao ermão, o joven Alexandre, além disto, mandava alista-lo na companhia dos caçadores nobres, de onde saiu para servir na Armada Real.

Accompanhou Alexandre d'Escragnolle a Familia Real ao Brasil, em 1807. Em 1809 pedia transferencia para o serviço do exercito. Em 1810 era capitão de infantaria, e, em 1811, desposava no Rio de Janeiro, Adelaide Beaurepaire filha dos condes de Beaurepaire, tambem expulsos de França pela Revolução, e ermã de Jacques e Theodoro de Beaurepaire, que acabaram general e vice-almirante brasileiros.

Servindo na campanha contra os revolucionarios de Pernambuco, em 1817, foi Escragnolle por actos de bravura promovido a major, e em 1822, por d. Pedro I, a tenente-coronel, em attenção aos serviços prestados por occasião dos dias difficeis da retirada e do embarque da forte divisão portugueza de Jorge Avilez, ameaçadora da auctoridade do joven principe regente. Mostrou-se então, diz-lh'o a fé de officio, "bravo, vigilante, activo, intelligente e imperturbavel". Coronel em 1824, foi mandado servir no exercito repressor dos revolucionarios pernambucanos. Já então possuia as ordens do Cruzeiro e de Aviz, havendo-lhe Luiz XVIII mandado a venera da de São Luiz. Nomeado commandante das armas do Maranhão em Junho de 1826, falleceu em S. Luiz a 16 de Dezembro de 1828, aos 43 annos incompletos, e quiçá em vesperas de ser official general.

Ao conde d'Escragnolle referem-se os illustres viajantes de Freycinet e Augusto de Saint-Hilaire do modo mais elo-

gioso havendo-o frequentado, em 1817 e 1819, no Rio de Janeiro.

Chama-lhe o primeiro "distinctissimo official" e em Saint-Hilaire (*Viagem nas provincias de S. Paulo e Santa Catharina*, tomo I, pag. 268), ha uma nota que lhe diz respeito: "Meu saudoso amigo o sr. d'Escragnolle, que passou a vida toda ao serviço de Portugal e do Brasil, e tanto se distinguia pela intelligencia, como pelos sentimentos de honra", etc.

Demos agora algumas notas biographicas sôbre o segundo dos officiaes, que o illustre escriptor confundiu com o conde d'Escragnolle.

Nascido, em Paris, a 17 de Agosto de 1791, saíu Augusto Maria Carlos Taunay, da Eschola Especial Militar, a 26 de Fevereiro de 1809, sendo, então, como 2º tenente, incorporado ao 116º regimento de linha. Mandado servir na Hispanha, foi ferido, em Maio de 1811, no cêrco de Tarragona, sob as ordens do marechal Suchet, duque de Albufera. Restabelecido deste ferimento, accompanhou os cercos de Sagunto e Valencia, como já assistira antes ao de Tortosa. Na batalha de Sagunto, a 25 de Outubro de 1811, ganha ainda por Suchet, sôbre o general Blake, teve dous ferimentos áilharga e no braço direito. Promovido a tenente, por acto de bravura, partiu com as tropas chamadas da Hispanha para reforçar o exercito de Napoleão, retirante da Russia.

Assim fez a campanha da Allemanha, e assistiu a diversas batalhas, entre outras á de Leipzig, onde um lançaço de cossaco lhe cortou o nariz, quasi lhe vasando o olho esquerdo. Caído prisioneiro dos Russos só pôde voltar á França a 28 de Junho de 1814, em que se apresentou, sendo a 16 de Agosto immediato promovido a capitão e mandado addir ao 5º Leger. A 6 de Agosto de 1811 tivera a cruz da Legião de Honra, por actos de bravura e intelligencia.

Suspeito de bonapartismo impenitente, ainda se tornou mais mal visto pela Restauração, graças ao modo insolito e violento, pelo qual, em plena sessão magna do Instituto de França, protestou, perante o duque de Angoulême, contra umas injustiças que dizia practicadas em relação a seu pae, então presidente da classe das Bellas Artes do Instituto. Este inci-

dente occorreu a 1º de Outubro de 1814 e está minuciosamente narrado pelo grande pintor Leopoldo Robert (*Gazette des Beaux Arts*, anno de 1872, pag. 18).

Voltando Napoleão da ilha de Elba, partiu o capitão Taunay para a campanha de Flandres, mas não lhe coube tomar parte na jornada de Waterloo. Vencido o “homem dos seculos”, pediu demissão do exercito francez. Organizada a missão artistica que devia fundar a Academia do Rio de Janeiro, para o Brasil partiu Nicolau Antonio Taunay, com a mulher e os cinco filhos. Em 1822 pediu Carlos Taunay a d. Pedro I sua inclusão no Exercito brasileiro e foi attendido, sendo-lhe dado o posto de major do Estado maior. Em 1823 fez a campanha da Independencia na Bahia, sob as ordens de Labatut. Envolvido num motim para a deposição deste general, por elle foi preso com diversos outros officiaes e ameaçado de fuzilamento.

Labatut, cuja severidade era conhecida, ao receber uma petição dos conspiradores pedindo um adiamento da execução, sob o pretexto de que desejavam confessar-se, dissera, no seu portuguez barbaro, mesclado de hispanhol—reminiscencias de sua campanha libertadora da Columbia: — “*confissa ou non confissa, ma fussia!*”

A deposição do brigadeiro francez por Felisberto Caldeira veio salvar a vida ao major Taunay e seus companheiros.

Reformado moço, viveu Carlos Taunay longos annos ainda, ora no Brasil ora em França, onde falleceu, perto de Paris, a 22 de Outubro de 1867.

Escreveu diversas monographias agricolas sôbre o algodão e o café, etc., um *Guia de Viagem a Petropolis*, collaborou muito no *Jornal do Commercio* e em outros orgams da nossa imprensa, tendo sido um dos grandes propugnadores da acção da Sociedade Imperial de Agricultura. Excellente latinista, traduziu para o verso francez as comedias de Terencio. Foi tambem um dos primeiros que ousaram, pela imprensa, tratar da abolição geral dos escravos no Brasil, isto no decennio de 1830 a 1840.

Era natural que o illustre auctor da *Terra do Sol* commettesse o engano em que laborou, tractando-se de duas personalidades cujos nomes só podem occorrer na nossa historia pormenorizada. Pareceu-me, porém, dever apresentar-

lhe esta contestação, havendo elle incidido num *qui-pro-quo* involuntario. Offerço-lha, reiterando-lhe os meus muitos agradecimentos pelas palavras generosas com que entendeu qualificar os meus summarios estudos sôbre os mercenarios de d. Pedro I.

SOLDAESCA AMOTINADA

Em fins de 1827 chegaram ao Rio de Janeiro os irlandezes alliciados pelo coronel Cotter, algumas centenas de individuos, "andrajosos, immundos com ares patibulares", relata Bösche

Aos Brasileiros deixaram a mais penosa impressão, affirmam unanimes historiadores e chronistas; dentro em breve principiaram a commetter numerosos attentados. Era de crer que Cotter esvasiara as cadeias e presidios de sua terra, e angariara a escoria da população das cidades com a mesma falta de consciencia, que presidia á escolha dos colonos de Schäffer.

Aos Allemães causou verdadeira indignação saberem que vinham os Irlandezes vencendo soldo muito mais elevado do que o delles.

Quinhentos desses insulares foram então incorporados ao 13º batalhão de granadeiros teutões. Novas levas acudindo, houve dentro em breve no Rio mais de dous mil. Aos soldados acompanhavam numerosas familias, além de muitos vagabundos e rameiras, affirma-o ainda o hannoveriano.

"E' difficil explicar o que era a grosseria e a rudeza desta gente" avança ao descrever alguns dos factos que entre elles presenciou, sobretudo certas ceremonias bacchico-funebres, — onde officiam velhas megeras, typos de feiticeiras-carpideiras — scenas decorrentes no meio de formidaveis carspanas daquelles que se associavam para chorar o defuncto guardado pelos harpias.

Pouco após a chegada dos Irlandezes, estalava a revoita geral dos mercenarios.

Não lhes era mais possivel, aos Allemães, supportar os maus tractos, explica Bösche. Commettiam-se barbaridades hediondas em materia de castigos corporaes. E, no entanto, estavam os batalhões germanicos muito bem reputados como

tropas disciplinadíssimas. A ellas recorriam as altas aucto-
ridades militares para conter a turbulencia dos Irlandezes,
cada vez mais desenfreada.

Duzentas, trezentas chibatadas ou pranchadas eram o
"pão nosso de cada dia", nos quartéis allemães. E' bom que
aqui se lembre, porém, que os auctores de tal pancadaria
eram os officiaes compatriotas dos castigados.

Certo dia, como um granadeiro, de comportamento exem-
plar, fosse cruelmente punido com 250 pranchadas, e por
motivo futil, rebellou-se o batalhão, fugindo os officiaes
espavoridos ante a terrivel explosão dos seus subordinados.

Narra Bösche muito pormenorizada e interessantemente
as scenas que então se passaram, em que Allemães e Irlandezes
commetteram os maiores excessos, queimando e assal-
tando muitas casas, batendo-se com as tropas brasileiras, etc.

Do saque dos armazens resultou a tomada de muito al-
cool com que os Irlandezes, sobretudo, se embriagaram horri-
velmente. Muitos soldados e inferiores houve que morreram
de collapso alcoólico. O segundo batalhão de granadeiros al-
lemães não se revoltara, contudo, continuando a dar as guar-
das para o Palácio Imperial. Reinava no Rio de Janeiro o
maior terror. Redobravam os excessos dos revoltados, sobre-
tudo dos Irlandezes, cujos "bandos não respeitavam o sexo
nem tampouco a idade — trucidando muitos velhos e crian-
ças". Afinal, esmagados pelo número e prostrados pela em-
briaguez, quasi geral, renderam-se os amotinados, que haviam
perdido septenta e tres homens mortos e tido innumerous fe-
ridos nos combates com as tropas leaes. Accusa Bösche aos
Brasileiros de covardia e crueldade, pretendendo que muitos
dos revoltosos foram, após a capitulação, assassinados, com
requintes de ferocidade, por magotes de populares, sobretudo
negros e mulatos.

A narrativa do motim dá-lhe ensejo para tentar incutir
ao leitor a idéa de que as nossas tropas se comportaram com
pusilanimidade ao enfrentar os rebeldes, no que, aliás, se
mostra coerente com os sentimentos de aversão ao Brasil,
tantas vezes manifestados.

Dispersos, Allemães e Irlandezes, despachados uns para
as colonias do Rio Grande do Sul, outros para as de Ilhéus,
embarcados numerosos Irlandezes para o Canadá, por inter-

venção do governo inglez, resolveu o conselho de guerra contudo, aproveitar o incidente para dar severa lição á soldadesca. A' morte foi condemnado um dos cabecilhas, muitos outros ás galés perpetuas e a diversas penas presidiarias.

Nada mais triste, avança Bösche, nem mais apparatuso, do que o fuzilamento do soldado Augusto Steinhausen, em presença de toda a guarnição do Rio de Janeiro, formada em parada, e de enorme multidão. Critica o hannoveriano acerbamente o procedimento do imperador, accusando-o de se haver "deliciado" com o espectaculo da execução. Pretende mais que o condemnado — verdadeiro bode expiatorio — se portou como um heróe, havendo merecido dos estrangeiros do Rio de Janeiro as maiores demonstrações de sympathia e admiração.

Fuzilaram-no deante dos demais amotinados, já condemnados. Pediram estes, então, que os mandassem tambem matar, promovendo nessa occasião um tumulto, em que, de modo atroz, injuriaram o monarcha e seus ministros... "O fuzilado era um homem de bem, affirma Bösche, e sómente a justiça turca ou a brasileira daquella epocha poderiam te-lo escolhido para victima" Pereceu, muito devido á denuncia de um official hungaro, seu inimigo pessoal, que contra elle levantara as mais odiosas calumnias, e isto quando em certa occasião lhe devera a vida. Apesar de tudo, teve a revolta salutarēs effeitos, affirma o mercenario. A numerosos officiaes allemães foram cassadas as patentes, de que tanto haviam abusado, e cessaram os castigos corporaes.

Ewald, logo depois expulso do Exercito, rolou pelo despenhadeiro dos vicios, passando a ser, no fim de algum tempo, uma especie de typo de rua, vagabundo profissional, cujos trajes estrambolicos provocavam as gaitadas dos garotos e o sorriso dos transeuntes sérios. Avinhado, como geralmente estava, adornava de um lado para outro a cabeça, encimada por gigantesco chapéo armado e emplumado. Desde muito o despachara a Dulcinéa indigena, pór quem tanto se embeicara.

Não tardava a chegar ao Rio, a contemplar a sua obra, o "asqueroso" Schäffer. Inteiramente dominado pelo alcool, "vivia em eterna bebedeira, a fallar uma algaravia sem nexo, denunciadora de adiantado amollecimento cerebral".

Pretende Bösche haver-lhe então dicto as mais duras verdades, responsabilizando-o pelas desgraças de tantos compatriotas por elle sordidamente embaçados. A causa de sua vinda, um tanto precipitada, ao Brasil era o temor em que se achava da justiça allemã. Denunciado por alguns infelizes, a quem enganará, haviam-lhe começado o processo de responsabilização. Refugiara-se, então, no Rio de Janeiro, onde d. Pedro I, enfurecido com os desastres da revolta recente, o recebera do modo mais desabrido. Não chegou, contudo, a chibateá-lo, como a Ewald; cobriu-o, porém, dos mais violentos insultos. Narra Bösche que a desculpar os seus alliciados, allegou o "navegador mundial" ao monarcha que a revolta fôra motivada pelo excesso dos maus tractos. "Sabe vossa majestade perfeitamente que na historia de todos os tempos não ha exemplo de povo tão capaz de supportar a tyrannia e as arbitrariedade como o allemão!", repetia em todos os tons.

Miseravel fim coube ao "excellente" Schäffer, justa represalia da sorte em relação áquelle que a tantas pessoas infelicitara. Abandonado por Pedro I, cada vez mais alcoolico e pobre, receoso do carcere, que em sua patria lhe reservavam, deixou-se ficar no Brasil, onde, de miseria em miseria, foi resvalando, até acabar como auxiliar da catechese dos Boto-cudos do Rio Doce, provavelmente a titulo de quem sabia conviver com selvagens, e fôra o experimentado civilizador de Canacas hawaianos.

Alli, entre os nik-nâmús, tomou as ultimas carraspanas o "navegador mundial", o confidente de uma archiduqueza da Austria, imperatriz do Brasil, o diplomata que durante alguns annos se considerava uma das columnas do imperio americano!

Quanto a Bösche, dissolvido o seu corpo, pretende que lhe quizeram aproveitar os serviços, offerecendo-lhe uma patente de official brasileiro.

Tinha, porém, criado horror á nossa farda, explica, e assim, em Abril de 1829, deixou o serviço do nosso Exercito.

Ainda se deteve cinco annos no Brasil, e fez diversas viagens ao Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro escrevendo sobre as colonias de S. Leopoldo e Nova Friburgo.

Assistiu ao 7 de Abril, traçando a seu respeito muito curiosas páginas. Afinal, em 1834, voltava á patria, onde, em

1836, publicou o seu pequeno e feio, mas interessante, volume de reminiscências.

Da sua longa odysseia brasileira, o unico resultado practico e, aliás, mediocremente rendoso, fôra o conhecimento da lingua portugueza. Em todo caso não o quiz deixar de lado, e assim compoz os dous dictionarios allemão-portuguez e portuguez-allemão, que foram muito apreciados e tiveram numerosas reimpressões, sendo até hoje de presença corrente nas nossas livrarias.

Inteiramente desilludido, não mais pensou Pedro I em recompôr os seus regimentos de mercenarios, em cujas fileiras contudo angariara fortes dedicações e devotadas amizades, como a do barão de Bulow, por exemplo, a apenas citarmos um nome de vulto.

Mau grado os detestaveis antecedentes da empresa, renovou-a o segundo Imperio, que alistou numerosos Allemães para a campanha contra Rosas. Nesta legião figuravam o major von Lemmers e o capitão Siber, que ambos escreveram reminiscências de campanha. A última destas obras traduziu a penna tão facil quanto erudita de Alfredo de Carvalho.

Em suas memorias insertas na *Revista do Instituto Brasileiro*, duramente maltracta o official germanico os nossos soldados e instituições militares, embora com imparcialidade, nota o traductor, pois "verberou com severidade igual os defeitos dos nossos e dos seus patricios".

A legião a que pertenceu contudo era muito melhor, quanto á composição, do que os bandos de Schäffer.

Alistara-lhe os soldados um official reformado do nosso Exercito, o coronel Sebastião do Rego Barros, homem probo. Apesar de tudo foi infeliz a idéa, cuja execução deu maus resultados, designando-a Alfredo de Carvalho pelos qualificativos de "malfadada aventura"

Obra de um desilludido, de alguem que muito soffreu physica e moralmente, de um exacerbado, nem por isto deixa o livro de Bösche de representar um depoimento pittoresco, interessante, e mesmo valioso, para certa face da historia do primeiro Imperio.

Já lhe assignalámos o espirito de justiça.

Si é severo para com o Brasil e os Brasileiros, não menos rude se mostra em apontar os erros, vícios e desmandos dos compatriotas.

Foi restricto o horizonte que a estada no Brasil abriu a Bösche. Apenas parece ter visto meia duzia de personalidades; não se abalança a criticar as nossas instituições e os nossos homens, nem os actos desse monarcha, que tanto o impressionara. Alheio a tudo quanto não se realizava no ambito restricto da caserna, passou longos annos no nosso paiz, extranho ao seu povo e aos seus dirigentes. Nem sequer se refere, uma só vez quẽ seja, á pessoa da marquezia de Santos, então no apogeu do seu poderio, e isto quando frequentemente allude á vida devassa do imperador! Era no entanto culto e intelligente, curioso e perspicaz.

Dá-nos, pois, a impressão de que se isolou das cousas do Brasil, desprezando a terra que lhe causara tantas esperanças e tantas decepções, para só narrar o que lhe foi immediatamente adstricto á vida penosa de granadeiro mercenario. Dá, aliás, ao seu livro esta série de circumstancias um cunho forte de sinceridade simples.

EXTRANGEIROS AO SERVIÇO DO BRASIL

Ao proclamar a Independencia viu-se Pedro I em verdadeira difficuldade para organizar os elementos defensivos da nacionalidade, que acabara de crear. Ao passo que em diferentes pontos do Brasil, como na Bahia, em Montevidéo, no Pará e no Maranhão, se aquartelavam fortes contingentes, sinão pequenos exercitos lusitanos, como os de Madeira na Bahia e d. Alvaro de Sousa de Macedo em Montevidéo, eram as forças brasileiras, propriamente ditas, não só diminutas como, em geral, commandadas por officialidade portugueza.

Destes reinóes muitos haviam, e com a maior lealdade, acceito a nova ordem de cousas, demonstrando inabalavel fidelidade á causa do Imperio, apesar da situação difficillima em que os collocaram a guerra da Independencia e a reacção nativista.

Basta citarmos os nomes illustres de Soares de Andréa, barão de Caçapava, pacificador e homem de *boutades*, de Lector,

visconde da Laguna, de Cunha Mattos, tão intelligente quanto sympathica personalidade, de Alincourt, Bellegarde, entre tantos outros.

Si, porém, falta havia e muita de officiaes nos quadros do Exercito e da Marinha do novo Imperio, era a de soldados ainda maior, e assim pensou o imperador angariar, como tanto se practicava ainda no seculo XVIII, alguns regimentos de mercenarios para refôrço de sua desfalcada primeira linha, onde se notava a mais sensivel ausencia de soldados do officio.

Officiaes estrangeiros havia, e de larga data no Brasil, numerosos. Trouxera-os d. João VI em 1808, inglezes e francezes, sobretudo. Espalhara a Grande Revolução franceza nobres pelos quatro cantos do mundo. A Lisboa haviam ido ter muitos desses exilados. Afim de os proteger e de lhes aproveitar o serviço, organizara d. João VI, então principe regente, corpos cujo commando e officialidade se recrutaram entre os aristocratas expulsos de sua terra; assim, por exemplo, quanto ao regimento chamado do duque de Mortemart, dirigido de 1796 a 1802 por um dos maiores fidalgos de França, e a Companhia dos Caçadores Nobres. Inglezes havia-os numerosos nas fôrças portuguezas, sempre por assim dizer, quer nas de terra, quer nas de mar.

Assim, por exemplo, entre os mais graduados officiaes generaes do nosso Exercito em 1808 vemos figurar o marechal John Shaldweil O' Connell.

Dos francezes, por d. João trazidos, galgaram tres os mais altos postos militares, cobertos de serviços de guerra, o conde de Beaurepaire, Jacques Antonio Marcos, fallecido general em 1838, seu irmão Theodoro de Beaurepaire, fallecido em 1849 no Rio de Janeiro, vice-almirante, e o cunhado de ambos Alexandre de Robert, conde d'Escragnolle.

Filhos do conde de Beaurepaire, capitão de mar e guerra, que em 1793 fôra um dos sublevadores da divisão naval de Toulon contra a Convenção, e em 1798 morrera no exilio na ilha d'Elba em verdadeira miseria, haviam os dous irmãos Beaurepaire passado para a Hispanha, e dahi para Portugal, em busca de serviços.

Tão pobres chegaram a Lisboa, que se viram forçados a trabalhar em uma padaria até que acolhidos com extrema

bondade pelo príncipe regente tivessem praça no Exército portuguez.

Soldado da campanha da Independencia e havendo desempenhado altas commissões, foi Jacques de Beaurepaire, o pae do visconde de Beaurepaire Rohan, um dos vultos eminentes do segundo Imperio.

Teve seu ermão carreira de muito maior destaque, ainda agora evidenciada pela bella bïographia que delle traçou o sr. contra-almirante Henrique Boiteux, incançavel relembrador de nossas glorias marítimas.

Distinguiu-se Theodoro de Beaurepaire sobremaneira na campanha da Independencia, na repressão da revolta pernambucana de 1824, cobrindo-se de louros na guerra cisplatina, nos combates de 15 de Março de 1827 em frente a Cabo Fric, com o corsario *Pampero*, que aprisionou, de 8 de Junho, no Cabo de Sancta Maria, com o *Hijo de Julio*, batendo-se numerosas vezes nas refregas do estuario do Prata com a esquadra de Brown, o que lhe valeu o officialato do Cruzeiro, a nossa grande medalha militar.

Em 1838 teve o commando da divisão naval mandada contra a "Sabinada", na Bahia, e em 1843, o da esquadilha que a Napoles foi buscar a imperatriz d. Teresa Christina. Morreu no Rio de Janeiro, coberto do maior e do mais merecido prestigio, a 2 de Novembro de 1849.

Do conde d'Escragnoille menciona a fé de officio serviços de guerra contra os Hispanhóes e Portuguezes e durante as rebelliões havidas sob d. João VI e d. Pedro I.

Expulsa de França, pela Revolução, muito tambem soffrera sua familia no exilio. Afinal, ainda adolescente, entrara ao serviço da armada portugueza, enquanto seus dous ermãos mais velhos assentavam praça no regimento do duque de Mortemart. Estes ermãos voltaram ao serviço da França, a convite de Napoleão I, e um delles distinguiu-se muito na retirada da Russia; Alexandre de Robert não quiz, porém, deixar o paiz, que lhe valera nos dias de miseria, e accompanhou d. João VI ao Brasil.

Bravo, energico e grande disciplinador, teve commissões e commandos perigosos, como, por exemplo, o dos corpos de mercenarios organizados sob o primeiro Imperio. Delle disse Saint-Hilaire que era "egualmente distincto pelo espirito e os

sentimentos de honra que o animavam" Morreu aos 42 annos, em 1828, quando commandante das armas na Provincia do Maranhão e quando já vizinho do generalato.

A seu respeito escreveu o prof. Ribeiro do Amaral, erudito maranhense, uma biographia pormenorizada.

Dos Francezes ao serviço do Imperio, cabe, porém, o maior destaque ao general Pedro Labatut, pelo facto de haver sido o commandante-chefe do exercito libertador da Bahia, o vencedor de Pirajá.

Numerosos foram ainda os officiaes estrangeiros que, sob suas ordens, serviram então. Entre elles, um veterano das campanhas napoleonicas, da Hispanha, da Austria e da Russia, ferido gravemente em Leipzig, e official da Legião de Honra, que o genio arrebatado fizera em 1814 excluir do exercito francez, ao cair o Imperio, como suspeito aos Bourbons: era elle Carlos Augusto Taunay, que, aliás, não se harmonizou muito com o seu compatriota general, pois tomou parte em um movimento para o depôr, escapando então de ser fuzilado.

Reformado como major do Exercito brasileiro, ainda viveu longos annos a escrever sôbre a nossa Agricultura e as nossas cousas, a prégar a abolição dos escravos, pela imprensa.

Seguindo o fio da tradição, outros Francezes se cobriram de gloria ao serviço do Brasil, e sob o segundo Imperio, prestando á nossa patria, com o maior amor, o concurso de suas obras valiosas. Entre elles, o almirante Augusto Leverger, barão de Melgaço, cuja memoria é tão querida e tão reverenciada pelos filhos de Matto-Grosso.

Hydrographo e chorographo do maior valor, deixou numerosas memorias — e notaveis — ácerca do Brasil central; por largos annos presidiu Matto-Grosso, cabendo-lhe a gloria de haver sustido a invasão paraguaia, em 1865, quando collimava attingir Cuiabá.

Não ha quem medianamente conhecendo a historia da guerra do Paraguai ignore quem foi o general Emilio Mallet, barão de Itapevi, o glorioso artilheiro de 24 de Maio, o commandante dessa terrível artilharia-revólver, cuja rapidez e precisão anniquilaram as heroicas investidas da infantaria paraguaia.

A bordo de nossa esquadra outro francez, Victor Jacques Subra, contemporaneamente adquiria a maior reputação. Commandando o *Brasil*, foi um dos que desmantelaram Itaipirú e destruíram as famosas chatas. Soldado da Independencia e das campanhas platinas galgou com honra todos os nossos postos.

Mais modesto na graduação mas não menos celebrado, lembremos ainda o capitão de fragata Fernando Etchebarne, o bravo Basco, piloto de nosso encouraçado, que tantas acções gloriosas practicou em torno de Itaipirú e Humaitá; tão valoroso quanto sereno, é das grandes figuras da campanha anti-lopesca.

Muito mais numerosos do que os francezes foram os Inglezes que defenderam o pavilhão auriverde, de si deixando gloriosa memoria. Varios os que em pról do nosso paiz perderam a vida e os que ficaram mutilados pelos inimigos do Brasil. O mais illustre de todos, ninguem o ignora, foi lord Cochrane, conde de Dundonald e marquez do Maranhão, cujos restos mortaes mereceram a consagração maxima do pãthcon de Westminster.

“Primeiro marinheiro do seu tempo e último de sua eschola”, bateu-se pela libertação do Chile e do Perú, e pela do Brasil. Terror dos Hispanhóes que lhe chamavam “El Diablo” coberto de gloria pelos grandes feitos practicados no Pacifico, como os ataques a Callau, a tomada de Guayaquil e de Valdivia e o notabilissimo feito de armas de 20 de Agosto de 1820, em que anniquilou a esquadra castelhana, não na quem lhe desconheça os serviços capitaes na nossa campanha da Independencia: o bloqueio da Bahia, que terminou com a capitulação de Madeira e de seu corpo de exercito lusitano, acossados, do lado de terra, pelas fôrças de Labatut, general dos Bahianos insurgidos. Foi ainda Cochrane quem libertou o Maranhão do jugo portuguez. O marquezado que lhe conferiu d. Pedro I a 25 de Novembro de 1823 lembra a acção por elle desempenhada no extremo-norte do Brasil. Grande é a divida de gratidão contrahida por nossa patria para com a memoria de Alexandre Thomaz Cochrane.

Ao lado do famoso marujo figura uma pleiade de no-

táveis officiaes, cujos nomes, embora não tão brilliantes como o seu, representam innumeradas acções de vulto nos annaes da Marinha brasileira.

Citemos dentre elles James Norton, John Pascal Greenfell, John Taylor, William Parker, Frederico Mariath.

Entrado para o serviço do Brasil, em 1823, como capitão de fragata, era, no anno immediato, James Norton promovido a capitão de mar e guerra pelos grandes serviços prestados na repressão da revolução pernambucana.

Fez toda a campanha da Cisplatina, batendo-se sempre com extrema bravura contra a esquadra argentina, ao mando de Brown.

A 16 de Junho de 1828, pelejando contra forças muito superiores ás suas, perdeu o braço direito, declarando, ao lhe acabarem a amputação do membro: "Estou contente de haver sido ferido em defesa do imperador e do Brasil, e prompto a arriscar a vida pelas mesmas causas..."

Falleceu o illustre mutilado, na flôr da idade, em 1835, quando muito ainda esperava o Brasil da sua dedicação e capacidade.

Em 1823, aos 23 annos, já servia Greenfell ao nosso paiz, sob as ordens de Cochrane, com quem viera do Pacifico.

Bateu-se na campanha da Independencia e na da Cisplatina, onde tambem perdeu um braço. Prestou os mais relevantes serviços, defendendo a causa da unidade nacional, nas luctas com os Farrapos rio-grandenses e os revolucionarios do Pará, de Pernambuco e da Bahia, durante a "Sabinada", e, em 1846, já official general, foi nomeado consul geral do Brasil em Liverpool.

Chamado em 1851 para commandar a nossa esquadra, na campanha contra Rosas, executou o glorioso forçamento do passo de Tolenero, e obrigou Montevidéo a render-se ás nossas forças, libertando, conjunctamente com o nosso grande Caxias, o Estado Oriental da sanguinaria tyrannia do sinistro Oribe.

Official de Cochrane igualmente, cobriu-se John Taylor de renome em 1823, graças ás façanhas practicadas pelo seu navio, a valente *Nietheroy*, perseguidora incançavel da esquadra lusitana de Felix de Campos, que abandonára a Bahia. Executou notáveis proezas durante esse *raid*, chegando a

acossar os vasos portuguezes até á foz do Tejo. Figura saliente na repressão da revolução pernambucana de 1824, vemos, em 1827, o valente Taylor bater-se com os Argentinos, e ferido gravemente no combate de 30 de Julho, em que Greenfell perdeu o braço. No lobrego periodo regencial serviu sempre com a maior dedicação á causa da legalidade, quer no Rio de Janeiro, durante as sedições militares e a revolta dos restauradores, reprimidas por Feijó, quer no Pará, em 1835.

Distinguiu-se Mariath, desde muito moço, batendo-se com os Argentinos na campanha da Cisplatina.

A 18 de Janeiro de 1827 combatia como um leão, correndo com a *Nitheroy* em defesa da *Macció*, encalhada e aggreddida pela esquadilha de Brown, e obrigando o inimigo a abandonar o campo de acção.

Assignalada tambem a sua conducta durante a revolução rio-grandense, quer dominando as aguas da Lagôa dos Patos e a cidade de Porto Alegre, quer retomando a Laguna ás forças de Garibaldi e David Canabarro.

Em frente ao seu tumulo declarou Joaquim José Ignacio, o illustre visconde de Inhauma: "Este foi Frederico Mariath, o mais bravo entre os bravos da nossa Marinha"

A William Parker deve-se tambem notavel papel na repressão das revoluções regenciaes, sobretudo no Rio Grande do Sul, em 1836 e 1837, onde serviu com Greenfell. Foi, portanto, dos obreiros da nossa unidade nacional.

Ao lado desses lobos marinhos de alta reputação, citemos ainda varios officiaes britannicos, que galhardamente usaram as nossas fardas.

Assim, mencionemos Thomaz Craig, official de Norton, commandante do *Niger*, que muito se distinguiu na Cisplatina, sobretudo no combate de 16 de Junho; Jorge Broom, que na mesma campanha mereceu os maiores elogios como commandante da pequena e valente *Bertioga*; Charles Rose, que se bateu com os *Balaíos*, no Maranhão; John William, um dos bravos da refrega de 16 de Junho de 1828, como commandante do *Nove de Janeiro*; William Eyre, da expedição desastrosa á Patagonia, em 1827, em que substituiu no commando o infeliz Shepperd, portando-se com muita bravura e capacidade.

Em 1835 foi quem com seu compatriota o capitão de fragata Jorge Manson defendeu Belém do Pará contra os bandos ferozes da "cabanagem". Nas luctas de Cisplatina, em Setembro de 1827, já se distinguira Manson, pelejando com o seu pequeno brigue, o *Cacique*, contra o forte corsario *General Bandzen*. Nem são menos dignos de menção, embora menos se tenham salientado, os serviços de outros officiaes, como Dare, Wilson, Cowen, Hayden, Crosbie, Usher, Mac Erwing, John Walsth, Fletcher, Steel, e tantos mais, muitos delles condecorados com o Cruzeiro..

Numerosos os que desta legião de bretões fieis e valerosos deram a vida pelo Brasil, como Shepperd, o commandante da desastradissima expedição á Patagonia em 1827; Cecil Browning, o heroico commandante da *União*, na batalha de 16 de Junho de 1827, onde pereceram dous outros marinheiros inglezes, os tenentes James Lollet e Philipp Chapter.

Deviam as nossas luctas civis custar a vida a um outro official britannico, James Ingle, chefe da divisão naval que operava contra os rebeldes do Pará, e assassinado em Belém a 7 de Janeiro de 1835, em companhia do presidente da Provincia, Bernardo Lobo de Sousa, e do commandante das armas, Silva Santiago.

Ao lado destes bravos notemos a figura de real destaque de outro marinheiro anglo-saxão e illustre: o do chefe David Jewett, norte-americano, glorioso veterano das campanhas da Independencia e do Rio da Prata.

Angariando os serviços destes guerreiros, realizara o Governo brasileiro o mais acertado dos actos, pois convocara, para a defesa da nossa nacionalidade nascente, uma série de homens prototypos da bravura e da lealdade.

Dous allemães illustres serviam nosso paiz, no limiar da Independencia: Guilherme, barão de Eschwege, e Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, pae do illustre Porto Seguro. Tanto o sabio auctor do *Pluto Brasiliensis*, a quem muito deve o paiz, quanto o director do Ipanema se afastaram do Brasil, porém, nas immediações do 7 de Setembro.

Poucos foram os officiaes germanicos, que em nossas fileiras militaram; entre elles citemos o coronel Swelow,

ajudante de ordens de Barbacena, e auctor de interessantes memorias sôbre a campanha cisplatina, e os coroneis Pedro Guilherme Meyer e Maximiliano Emmerich, excellentes instructores militares, em fins do segundo Imperio, da Eschola Militar do Rio de Janeiro.

A esta resenha já bastante extensa junctemos ainda um suiso, o marechal Carlos Resin, bom e léal militar, que pelo Brasil começou a se bater na Cisplatina e acabou fazendo-o no Paraguai, assistindo a Ituzaingo e a Campo Grande com um intervallo de 42 annos; — e um italiano, João Baptista Pozzo, o valente piloto da nossa *Belmonte*, em Riachuelo, de quem se disse em ordem do dia da Armada: “ferido gravemente, só dava attenção ás manobras do seu navio, embora todo coberto de sangue”

Embora nascidos fóra da communhão brasileira, foram todos estes officiaes, illustres alguns, modestos outros, os servidores dedicados da bandeira que haviam jurado defender; muitos delles, tanto quanto os mais exforçados filhos do Brasil.

Justo é que, de vez em quando, a gratidão nacional lhes recorde os nomes, exaltando a memoria desses, que tanto souberam servir a Patria que haviam eleito e é a nossa.

V

UMA PRINCEZA BRASILEIRA DESCONHECIDA

Dos vezos nacionaes poucos haverá tão desoladores, quanto o desdém que envolve as nossas tradições e a memoria de personalidades illustres, cada vez mais esbatidas no recúo do passado, quando, em um paiz de maior cultura, occupariam a attenção de numerosos historiadores, constantemente a resuscita-las, cheias de vida, perante o avido público dos leitores e dos assíduos ás conferencias.

Vultos ha em nossa Historia, cuja simples enunciação do nome representa uma epocha, evoca toda a sorte de lembranças intensas de largo e ainda recente trecho da vida nacional; queira, porém, o curioso fita-los detidamente, seguir-lhe os passos atravez do scenario em que tanto brilharam,

fazer idéa dos odios terriveis que levantaram, dos applausos phreneticos pela sua acção suscitados, queira alguém percorrer-lhes a biographia, encontrará as mais das vezes, quando muito, as quatro linhas de alguma ephemeride. Quasi tudo está a crear-se na Historia brasileira, que não gyra no ambito dos actos officiaes, traduzidos na enfadonha e incolor enumeração dos documentos, dos nomes e das datas.

Assim succedia, por exemplo, a uma personalidade feminina de excepcional importancia nos fastos brasileiros, digamos melhor, nos annos americanos: a marquezia de Santos.

Que se sabia da marquezia? da unica favorita de um dynasta da America?

Nada, absolutamente nada... ou antes, repetia-se á porfia uma meia duzia de anedotas grosseiras e salazes e só... Criam muitos que era uma antiga lavadeira esta Pompadour brasileira, aparentada no entanto ás mais fidalgas familias de Portugal e do Brasil, em cuja ascendencia se lêem os nomes illustres de cavalheiros que metteram lanças em Africa e dos bandeirantes que levaram o Brasil ao coração da America Meridional.

Typicos esta ignorancia e o desprêzo, com que a maioria dos Brasileiros tracta as cousas da Historia patria, pouco caso que, ainda ha pouco, causava o maior pasmo a Paul Adam, surpreso ao último ponto, da insciencia geral e absoluta de todos os seus *ciceroni*, os mais altamente collocados e os humildes — que assim os teve — acêrca da historia dos monumentos, das instituições de que lhe faziam as honras.

Ultimamente se tem melhorado um pouco de tão prodigiosa e impatriotica ignorancia, bom é lembra-lo.

Em meados do seculo XVIII dizia Pedro Taques dos seus contemporaneos: “vivem todos amortecidos na ignorancia dos seus nobres progenitores e das suas honrosas virtudes e acções”. E fosse alguém pensar em desperta-los da profunda indifferença! veria com o genealogista o clamor dos que contra elle tanto e tanto murmuraram.

Voltando, porém, á marquezia de Santos, recordemos o retumbante triumpho, a marcar epocha nos fastos da litteratura nacional, da obra de Alberto Rangel, o auctor illustre do *Inferno Verde* e das *Sombras n'Agua*.

Grato ao régio presente que lhe reservou o Destino, benevolos para com os queridos dos Deuses, Alberto Rangel correspondeu a tão alto chamamento de modo condigno. Lançou-se á treva densa que cercava a biographia de Domitila e, graças á pertinacia de rebuscador incansavel, aclarou o assumpto a ponto de, em tres annos, recolher a mais larga, curiosa, empolgante e inesperada documentação inédita, sobre a amada de Pedro I.

Que labor formidavel e que trabalho intelligente !

Senhor, como poucos, da historia minuciosa do primeiro Imperio, as excavações do biographo de Domitila não foram as do simples mineiro e sim as do geologo consummado.

Novo Victor Cousin, apaixonado da formosa Longueville patricia, não se contentou Alberto Rangel com o recolher papeis; conseguiu, vencendo as maiores difficuldades, a fôrça de paciencia e de constancia, soberba documentação iconographica. A' collecção magnifica de *Pedro I e a Marquesa de Santos*, pertence o retrato inédito da duqueza de Goiaz, filha primogenita do nosso primeiro imperador e da favorita, desconhecida princeza compatriota, a cujo meigo e bello rosto tanto encanto empresta o véo nupcial.

Nasceu Isabel Maria de Alcantara Brasileira a 26 de Maio de 1824, no Rio de Janeiro; o nome, que a muitos parecerá estrambolico, deu-lhe o augusto pae, que, cada vez mais, apaixonado pela amante, não tardou, por decreto de 4 de Julho de 1826, em reconhecer a menina, conferindo-lhe solennemente neste mesmo dia o titulo de "duqueza de Goiaz".

Arrebatado e sentimental como era, amou Pedro I a esta filha natural, tanto quanto ás legitimas; e disto provas deu constantemente.

Sem ligar attenção aos reparos, não trepidou em baptizar dous navios da esquadra brasileira com o titulo da querida Bebella. Um destes *Duqueza de Goiaz*, foi naufragar nas costas patagonias, por occasião da desastrosissima expedição de 1827, tristissimo episodio da guerra cisplatina; o outro, depois de 7 de Abril, passou a chamar-se *Pernambuco...*

Rotas as relações do imperador e da marquiza, jámais consentiu elle em separar-se da pequena duquesa de Goiaz, que viveu em S. Christovam, ao lado das quatro ermãs legítimas, a futura d. Maria II, d. Januaria, d. Francisca e d. Paula e do futuro Pedro II.

Rôta a conveniencia dos dous amantes, nem por isto saíu a menina do Paço.

Em 1829, ante a imminecia do segundo casamento de Pedro I, eclipsou-se a marquiza de Santos definitivamente, recolhia-se á cidade natal, de onde nunca mais devia mudar-se; passou Bebella a ser educada pela linda Amelia de Beauharnais, segunda imperatriz do Brasil que, boa como era, lhe consagrou a maior amizade.

Mandou-a d. Pedro I para a Europa, em 1830, educar-se no "Sacré Cœur" de Paris; o desembarque no velho mundo, em vez de ser em Brest, foi feito em Plymouth, graças á inclemencia do tempo.

Pouco depois, porém, estava a pequena duquesa internada no famoso pensionato e entregue á guarda do visconde de Itabaiana, nosso ministro em França. Nunca mais devia rever a terra natal!

Em 1831, a revolução de 7 de Abril fe-la encontrar-se com o pae, que logo depois se dedicava de corpo e alma á aventura romanesca da reconquista do throno de sua filha, cercada pelo triumpho de Evora Monte.

No vigor da idade, aos 36 annos incompletos, a 24 de Setembro de 1834, desapparecia o rei soldado; no leito de morte, recomendou calorosamente a sua querida Bebella ao carinho de d. Amelia, viuva inconsolavel do marido ultra voluvel, do esposo que na Corte ingleza, ainda recentemente, fêra classificado: *very frisky*.

Tinha d. Pedro I desenvolvida a fibra paterna em relação aos filhos de sua querida Títula.

A Maria Isabel, futura condessa de Iguassú, deixou um bom legado, assim como a Rodrigo Delphim Pereira, que houvera da baroneza de Sorocaba, ermã da marquiza de Santos.

D. Amelia, sensível como era, converteu-se na duquesa de Bragança, a inconsolavel viuva. Viveu para a filha Maria

Amelia, que um fado adverso devia arrebatá-lhe na aurora da vida, e para os exercícos de piedade. Não se esqueceu, porém, da solenne promessa feita a d. Pedro I moribundo: continuou a ser a mais affectuosa das madrastras para a pequena duquesa de Goiaz.

Correram velozes os annos: em 1843 contava Bebella 19 annos e era linda como no-la mostra o seu retrato; a langurosidade dos seus olhos de Carioca mitigava a expressão physionomica herdada da belleza materna: tinha Domitila um aspecto de imponencia majestatica, que a muitos não agradava. "Sua formosura era do genero das imponentes e não possuía a gracilidade propria do sexo femenino", conta-nos um contemporaneo, em umas linhas e conceitos, que o conselheiro Acacio subscreveria gostosamente.

Era Bebella apatacada, mas não muito rica, além de linda e eminentemente feminina; entendeu d. Amelia achar-lhe logo um marido, um bom partido, e assim recorreu a seu tio materno, o rei Luiz I de Baviera, pedindo-lhe que arranjasse um *phenix* para a cara enteada.

Indicou-lhe este um, promptamente, na pessoa de Ernesto von Fishler, conde de Treuberg, que, embora 14 annos mais velho do que a duquezinha, tinha apreciaveis vantagens a seu favor para que tractasse a imperatriz de "o agarrar".

Não pertencia á primeira nobreza bavara: sua fidalguia era até muito recente, havendo quem lhe irrogasse ao sangue certos laivos judaicos; mas enfim, além de ser homem de qualidades solidas, tinha bella fortuna. O paé fundara a casa — agora condal — de Treuberg, pois fôra ennobrecido em 1807, com o titulo de cavalleiro von Fischler von Treuberg. Em 1817 obtivera do rei de Saxonia o titulo de conde, e afinal, em 1831, a sua elevação ao condado na Baviera, onde alcançara, além deste, outro titulo: o de Barão de Holzen.

Excellent financeiro, ajunctara grande fortuna, dando ao filho bom dote.

Apaixou-se Ernesto pela linda moça que lhe offerciam e, a 17 de Abril de 1843, desposava-a em Munich, no Palacio de Leuchtenberg.

Dahi em deante passou Bebella a ser uma princeza alemã. Muito felizes lhe correram os annos de casada; teve duas filhas e dous filhos: Amelia, nascida a 6 de Fevereiro de 1844; Fernando, a 24 de Janeiro de 1845; Augusto, a 8 de Outubro de 1847; e Francisco Xavier, a 2 de Julho de 1855.

O marido augmentou immenso os bens do casal; prosperaram singularmente as centenas de contos do dote e o que herdara do pae. Ao morrer no seu bello Castello de Holzen, a 14 de Maio de 1867, deixava aos filhos as propriedades de Osterbuch, Heretsried, Holzen, Druisheim, Murnau e Allmannshofen, todos feudos de grande importancia, nada menos de cinco mil *tagwerk*, ou cêrca de mil e setecentos hectares, na Suabia e Franconia.

Sobreviveu-lhe a duqueza de Goiaz longos annos, 31, pois só falleceu no Castello de Murnau a 13 de Novembro de 1898, com a idade de 74 annos.

Tão distante se achava das cousas brasileiras, pela educação recebida na Europa e o afastamento completo da patria, que passou a fallar o portuguez com certa lentidão, muito embora o comprehendesse perfeitamente.

A 3 de Novembro desse mesmo anno de 1867, em que lhe morreu o marido, perdia a mãe, a marquêza de Santos. Correspondiam-se de longe em longe; costumava dizer a marquêza que muito desejava tornar a ver a filha; pensava até em fazer a viagem á Europa para este fim, desistia porém do intento ao reflectir que de nada lhe valia avistar-se com Bebella "si ella se exquecera de fallar portuguez"

Deixou-lhe contudo ricas joias dos numerosos adereços que devia á munificencia imperial e á paixão pelas pedrarias.

A 26 de Janeiro de 1873 perdia a duqueza de Goiaz a sua querida e boa madраста, fallecida aos 60 annos em Lisboa, no Palacio das Janellas Verdes, onde passara o final da sua existencia austera, dividida entre a prática da maior piedade e as saudades infindaveis da linda filha que em 1853 lhe morrera, na ilha da Madeira.

Nada mais prendia a duqueza de Goiaz ao Brasil, por assim dizer. Não conhecia os irmãos, nem os filhos de d. Pedro I. nem os da marquêza de Santos, a todos era extra-

nha; deixou-se pois ficar na Allemanha, em Munich, em suas terras, a levar uma vida de *grande dame*, singella, discreta e caridosa, contudo. Ia frequentemente a Carlsbad e a Berlim, Naquelle estação de aguas conheceu numerosas Brasileiros, a quem procurava sempre obsequiar muito.

Affavel, em extremo communicativa, indagava das cousas do Brasil com verdadeira amizade. Contristou-a muito a queda do throno bragantino, pois professava grande admiração pelo imperador d. Pedro II.

Excellentê mãe de familia interessava-se immenso pela felicidade dos filhos.

A filha mais velha não se casou; accompanhava-a sempre, desempenhando na Córte de Baviera um cargo de dama de honor.

A segunda, Augusta, desposou em 1869 o barão Maximiliano Tänzl von Trazberg, de uma das mais antigas casas bavaras, e falleceu em 1901 em suas terras de Dietldorf, perto de Raßisbonna,

Fernando, o filho primogenito e herdeiro do nome, alliou-se á baroneza de Poschinger, Occupava na Córte bavara alto cargo, e falleceu em 1897, mezes antes de sua mãe, circumstancia esta que muito devia ter concorrido para abreviar os dias da velha duqueza.

Contam d. Pedro I e a marquezia de Santos, hoje, entre a nobreza bavara, numerosos bisnetos e tataranetos, bem collocados, como; Ernesto Luiz Fernando, conde de Treuberg e barão de Holzen, chefe da casa, official de artilharia e yeador do rei da Baviera; Luiz Maximiliano von Treuberg, capitão de cavallaria e tabem fidalgo da Córte bavara; Humberto Ricardo von Treuberg, doutor em Direito; Fernando Luiz von Treuberg, official porta-estandarte de infantaria na Guarda real bavara; Ernesto Fernando Xavier von Treuberg, capitão-tenente da esquadra imperial allemã; Carlos Francisco von Treuberg, tenente de metralhadoras; Fernando Carlos von Treuberg, official da Guarda, grão-ducal de Hesse; Philippe von Trazberg, yeador do rei da Baviera, e secretario do Supremo Tribunal do Reino; Maria Antonia von Trazberg, dama de honor da princeza real da Baviera, etc,

Inspirou esta circumstancia ao historiador de Domitila as seguintes linhas das suas notas diárias de 14 de Novembro de 1911, transcriptas no bello e curioso livro, em que continuou a série dos triumphos encetada com o *Inferno Verde* e as *Sombras n'Água*, estas *Quinzenas de Campo e Guerra*, obra de um pensador á margem da Grande Guerra, onde o desatavio nervoso das impressões das vinte e quatro horas serve de poderoso contraste á profundeza das observações e dos conceitos.

E' dos livros de *bonne foy*, e o nosso público lhe soube fazer a mais calorosa recepção; não existe em lingua portugueza cousa que no genero se lhe compare, nem documento de significação psychologica tão altamente suggestiva como este "jornal de um extranho" traçado em Cuissy sur Loire, a dous passos das linhas da frente e palpitante das angustias e das esperanças francezas no primeiro semestre da catastrophe.

« 16 de Novembro — Que será feito de Ernesto von Treuberg, tenente da marinha allemã; de Carlos Francisco von Treuberg, tenente da reserva, addido ás metralhadoras do exercito bavaro e de Fernando Carlos, tenente porta-estandarte do regimento de guardas do Grão Ducado de Hesse?... Quaes terão sido as proezas dos jovens officiaes, cuja lembrança me vem tragica por esse vento tristonho e frio, que se occupa em atirar as últimas folhas no fossario de Cuissy? Quem sabe si já não se debruçaram para sempre no sólo da Gallia, longe de Murnau, ou Holzen, onde se acha a estampa da avó, essa duqueza de Goiaz, nos seus véos de noiva e olhos grandes e velludosos de Carioca, figura silenciosa e phantasmagorica atirada pelas vagas disparatadas do destino, da collina de S. Christovam a um nobre solar da Baviera? Correria o sangue paulista e açoriano, que palpitava nas veias da marquezia de Santos, nos campos catalaunicos, nas charnecas da Galicia, das feridas de filhos dos filhos de sua filha?

Na nevoeirada, de onde fareja o chuvisco algido e molesto, vejo passar a procissão em que entram agora as personagens de tres casas reaes, os Toledos Castelhanos com os primeiros povoadores de S. Vicente e batedores do sertão

brasileiro; e mais esses Portuguezes de Angra, dinheirosos corredeiros e provedores de armadas e naus da India e senhores de Conto e casa dos Cantos, provindos de João de Kaint — sombra remota de um condestavel do principe de Galles, aventurado na Galliza... fechando a caravana a excellentissima dona Domitila de Castro do Canto e Mello, por quem se perdeu de amor o monarcha aventureiro, digno de outras terras e outro seculo. Certo barão e conde judeu arrebatou para o leito conjugal a descendente desse abolorio de heroismos, de grandeza e de amor impuro, e dahi esses tres tenentes que o dia chovediço traz á memoria do sujeito que se emprega a escrever a chronica da bis-avó materna. »

Isto traçava em 1914 o escriptor brasileiro. Que restará da progenie allemã de Pedro I, nascida da duqueza de Goiaz após o furacão derribador do throno que tambem colheu a dynastia de Wittelsbach, a que tão apegados eram estes Fischler von Treuberg? E a quantos destes netos do nosso imperador não terá a morte surpreendido, quando bravamente pelejando *für König und Vaterland*, a honrar o sangue do Rei Soldado?

VI

UM ALBUM DE ELISA LYNCH

A 12 de Agosto de 1869 caía Perebebuí — a improvisada e terceira capital de Lopez — em poder dos alliados após duas horas de renhida peleja, que lhes custou quinhentas baixas e um dos heroes da campanha: o general João Manuel Menna Barreto.

As perdas do inimigo foram totaes; ficou elle todo ou morto ou prisioneiro. "Perto de septecentos cadaveres contados, entre os quaes o do tenente-coronel Caballero, commandante da praça, o major Lopez, trezentos e tantos feridos e oitocentos prisioneiros são formavam o effectivo da guarnição. Dezenove canhões, treze bandeiras e bastante munição de guerra caíram em nosso poder", conta o visconde de Taunay, nuns ineditos que tenho á vista.

« Oh, a guerra ! sobretudo a guerra do Paraguai ! Quanta creança de dez annos e menos ainda, morta, quer de bala, quer lanceada, juncto ás trincheiras que percorri a cavallo, contendo a custo as lagrimas ! E naquelles rostos infantis uma expressão estereotypada ou de muita calma ou então de terror e agonia, que cortava o coração, essa mais frequente, como si os pobres coitadinhos houvessem expirado, comprehendendo bem o horror da morte, quando toda a natureza lhes sorria em tórno !

Faziam-se prisioneiros, no momento em que eu passava, e, entre parentese, ainda se matava, bem inutilmente aliás ! Salvei um dos desgraçados que iam ser degolados, e elle se agarrou a mim, não me deixando mais; por signal que, alta noite, por tê-lo feito dormir num couro no mesmo quarto que fui occupar, raspei não pequeno susto,

Tomado Perehebuí e abafada qualquer resistencia houve o seu saque, apesar dos esforços para reprimi-lo. Os soldados, porém, entravam nas casas e saíam com muitos objectos que iam tomando violentamente ou apanhando pelo chão. Das moradas occupadas antes pelo diotador Lopez e por mme. Lynch tiraram não pequena quantidade de prata amoedada, peças hispanholas do valor de dous mil réis, das chamadas *columnares*, por terem as armas de Castella e Aragón gravadas entre duas columnas. Depois vimos muito desse dinheiro gyrar no commercio. Não poucos soldados, quando penetrei na morada de Lynch, passaram por perto de mim, levando em pannos e mantas grande porção dessa prata, quanto podiam carregar. Eu, avisado pelo Tihurcio, ia em procura de um annunciado piano. Havia tanto tempo que estava privado dessa distracção ! Achei, com effeito, e desejado instrumento — bastante bom e afinado até —, e puz-me logo a tocar nelle, embora triste espectáculo perto me ficasse: o cadaver de um infeliz paraguajo, morto por uma granada que furara o tecto da casa e lhe arrebentara bem em cima. Estava o desgraçado sem cabeça. Depois de algum tempo fiz remover o funebre *dilettante*, tocando com grande ardor talvez mais de duas horas, seguidamente. Assim festejei a tomada de Perehebuí. No quintal daquella habitação onde havia trastes de luxo, modernos, e objectos

bastante curiosos de antiguidades jesuíticas, restos de grandezas passadas, a custo o á última hora trazidas da Assumpção, encontrou o Tiburcio um deposito de vinhos de excellente qualidade, sobretudo caixas de *champagne* e de indiscutível e legitima procedencia e das melhores marcas. Nunca o bebemos tão saboroso e perfumado — força é confessa-lo. Tractava-se em regra a imperiosa e intelligente mulher, que teve tão vasta e tão pernicioso influencia sobre o espirito de Solano Lopez e tanto concorreu para a desgraça, as loucuras e os horrorosos desmandos do amante e as calamidades do valente e malaventurado povo paraguaio. Bem curiosa deve ser a historia ainda tão imperfeitamente conhecida dessa Elisa Lynch.

Em Perebebuí apanhei, entre varios livros que pertenciam á Francisco Solano Lopez, o segundo volume de um *Don Quixote*, edição de luxo, em hispanhol, ornado de boas gravuras. Procurei com afan o primeiro volume, e não o encontrei no meio dos livros que lá havia, atirados a um canto. Durante toda a campanha muito li e reli o meu *Don Quixote*, sendo cada vez mais augmentada a admiração que consagro áquelle livro, obra prima do engenho humano.

Abençoado Miguel de Cervantes Saavedra, quantos momentos de despreoccupação me dáste, assim como os tens dado a milhões de entes neste mundo! E o que mais querer do que trechos de distração no continuo assalto de tristezas e desgostos da vida? Esteve muitos annos em meu poder esse exemplar apanhado em Perebebuí; perdi-o mais tarde não sei como, e muito senti tal perda. Procurei em toda acasa de Lynch e na de Lopez documentos, afanadamente; poucos havia e quasi todos dilacerados; descobri no quintal um monte de cinzas visivelmente provenientes da queima de papeis.»

No *Diario do Exercito* (pags. 171 e 172) por Taunay redigido encontram-se a respeito das presas de Perebebuí as seguintes referencias:

« Os archivos todos da Republica, grande quantidade de prata pунhada e de egreja, livros, papeis, mobílias de Lynch e muitos objectos interessantes foram entregues á repartição fiscal, hem como tudo quanto pôde ser subtrahido ao

saque, aliás rapidamente comprimido. A habitação de Lynch estava atulhada de trastes ricos, porcellanas, camas douradas, e possuía até um piano em bom estado. No pateo fez-se uma excavação de onde saiu grande quantidade de vinho delicado e licôres.»

Ao encontrarem no archivo de meu pae o album de Elisa Lynch, que constitue o assumpto deste artigo, e verificando que ainda em Junho de 1869, dous mezes antes da queda de Perebebuí, nelle escrevia o ministro dos Estados Unidos, Mac Mahon, uma longa poesia, quero crer que tal album tenha sido arrecadado entre os papeis dilacerados e avariados, a que se refere o trecho que transcrevi, e tão afanosamente revistados.

Angariou o escriptor, então, uma boa cópia de documentos e sobretudo numerosos jornaes paraguaios formando valiosa colleção, offerecida, alguns mezes mais tarde, ao Instituto Brasileiro.

O que resta do album vem a ser um caderno de papel não pautado, de grande formato e bordos dourados (24 centímetros de largura sobre 35 de comprimento) separado da capa, de papel mais grosso, e recoberta de seda azul ferrete. Ha evidentes signaes de que numerosas folhas lhe foram subtrahidas, e que o caderno, assim como está, devia, outrora, achar-se dentro de alguma rica pasta ou envolvero qualquer. Na sua lombada notam-se vestigios dessa encadernação, provavelmente arrancada por algum soldado avido, que ao conteúdo não ligou a menor importancia.

Conta o album, agora, doze folhas em branco e dez onde ha escriptos assignados por seis personagens diversos: os ministros americanos Washburn e Mac Mahon, o prussiano F. von Gülich, o delegado apostolico Marino Marini, arcebispo titular de Palmyra e seu auditor del Vecchio, e um agente dos Lopez, nos Estados do Prata, Juan José Soto.

Numa folha existem algumas linhas tão apagadas, que é impossivel a meu ver reconstitui-las.

Curiosa e interessante a figura de Elisa Alice Lynch, a quem certamente, em grande parte, deveu o Paraguai o seu anniquilamento. Quanto seria desejavel que se reusesse a personalidade da mulher, que soube fixar os amores

voluveis de Lopez, muito embora as suas continuas aventuras de toda a especie, — desde o estupro de donzellas e a violentação de mulheres casadas da sociedade paraguaia até a crapula mais baixa com infimas proletarias — o afaslassem por algum tempo da favorita.

Fechava Elisa Lynch os olhos aos desmandos do amasio e dahi talvez, dessa complacencia da mulher que sabe perfeitamente que tem o homem preso pela pelle, segundo a energica e feliz expressão franceza, dessa tolerancia pelas incursões no terreno da infidelidade, talvez lhe houvesse vindo o prestigio enorme.

Tinha Lopez caprichos, serios caprichos, alguns duradouros; mas a mulher a quem amava realmente, a mulher que o governava era Elisa Lynch.

Não é minha pretensão estudar a personalidade da famosa inimiga do Brasil; não me parecem descabidas, porém, algumas referencias á "voluptuosa sultana que de uma mancebia na moderna Athenas passou a viver reclinada em um leito de prazeres, graças a um filho soberbo das selvas paraguaias, que a deslumbrou com os raios de ouro de um porvir de gloria e de grandeza, aponetando-lhe, embriagada de orgulho e de esperanza, o throno de Assumpção", na phrase do publicista argentino Heitor Varela.

Pouco conhecido entre nós é o curioso livro deste escriptor sôbre a amasia de Lopez II, a descripção de uma viagem ao Paraguai em 1856, quando Francisco Solano occupava a pasta da Guerra, sob as vistas do pae, Carlos Antonio.

Publicado em Buenos Ayres, no anno de 1870, sob o pseudonymo *Orion* constitue valioso documento sôbre a vida paraguaia, nas immediações da grande catastrophe de 1865-1870.

Privou Varela familiarmente com Elisa Lynch, a quem votava desprêzo, pois não perde occasião alguma de lhe chamar *lorette* e lhe lembrar a ligação irregular.

No prefacio faz-lhe uma pequena biographia antes da chegada ao Paraguai: filha de paes modestos, linda e muito culta, resolvera um bello dia abandonar os paes sem que os rogos e lagrimas destes a detivessem.

Desmandou-se, cansou-se da vida desregrada, casou-se, e dentro em pouco foi a mais infiel das esposas.

«Têve um amante, teve dez, até que as *lorettes* parisienses a vissem entrar no templo de suas orgias, coroadas de belleza e de brilhantes.»

Si entre ellas não foi a soberana, nem por isso deixou de ser sempre uma mulher da moda, festejada, e tendo constantemente em torno de si uma roda de admiradores. Da alcova de um príncipe levou-a um lord a viajar; fez furor entre as *lionnes* de Baden Baden, captivou a attenção do cardeal Antonelli em Roma, humilhou o orgulho de um Tenorio afortunado em Madrid; explorou, sem commiseração alguma, a um rico banqueiro de Londres, até que, dominada pelas qualidades de um joven Sevilhano, delle se enamorasse perdidamente sem que, no entanto, conseguisse, nem pela formosura, maneiras ou talento, vencer o desprêso com que elle lhe retribuia.

Fôra nesta situação, triste para o espirito, desesperadora para o amor proprio de mulher, que encontrara Lopez. O que lhe havia succedido, em relação ao sevilhano, aconteceu ao Paraguaio. Apaixonou-se por Elisa.

Esta, depois de conhecer o general das selvas americanas e de relance descortinando o futuro que lhe antolhava ás ambições, prometteu-lhe a fidelidade de um coração virgem; conseguiu impor-se-lhe á vontade, obrigou-o a viajar em sua companhia para melhor estudá-lo na intimidade de um tracto constante; e quando, satisfeito o amor proprio, pôde vangloriar-se da facil conquista, abandonou os habitos de passado licenciado, veio plantar a tenda de peregrina na morada sombria daquella, que mais tarde devia dar-lhe a cerviz de um povo, por degráos de um throno.

Companheira de Lopez nas bacchanaes de Paris, também o foi nas orgias sanguinolentas do Paraguai, no meio das quaes appareceram sempre unidas estas duas figuras, sôbre cujas cabeças pousam as almas de milhares de victimas, muitas das quaes ella poderia ter arrancado do martyrio, si em vez de estimular os ferozes instinctos do amante, se houvesse inspirado no exemplo daquella sublime Esther da Biblia.»

Conta Heitor Varela que ao passar por Buenos Ayres, após o sinistro de *Aquidaban*, lhe disse Elisa: — “Si o seu livro não me ultrajar, si me não pintar como a mais perversa e sanguinaria das mulheres, fique certo de que não encontrará echo”, ao que lhe retrucara: — “não penso escrever um livro destinado a satisfazer aspirações de quem quer que seja, nem as dos que em v. ex. vêm a mais infame das mulheres, nem a ambição daquelles que, pelo contrário, encontram uma excusa para todas as faltas da conducta de v. ex., ao lado do marechal Lopez. Limitar-se-á minha conducta a expôr factos de uma authenticidade, que ninguem possa derrocar. Serão estes feitos os julgadores de v. ex.

Intentava o biographo escrever tres volumes: tractava o primeiro da sua viagem a Assumpção em 1856, anno em que pela primeira vez viu a sua heroína; destinava-se o segundo a relatar as suas aventuras de cortezã antes da ligação com Lopez; o terceiro, a historia de sua vida durante a campanha do Paraguai. Cremos que tal plano se não completou, assim nos informou o sabio Vieira Fazenda; os dous volumes não eram tão faceis de composição quanto o primeiro: muitissimo longe disto.

Ficou o livro de *Orion*, assim mesmo interessante para nds outros, Brasileiros.

Tractando-se de uma obra estrangeira muito pouco ao alcance do nosso público em geral, e aliás hoje exquecida por assim dizer, seja-me permittido resumi-la rapidamente. Ha de perdoar-me o leitor a digressão, pois lhe trará algumas compensações sérias.



Que idade teria Elisa Lynch em 1870? Indaga Heitor Varela ao encetar o seu primeiro capitulo. Indiscreta pergunta, de difficillima resposta! Jurava ao seu biographo a interessada que nascera em 1834; mas este, como historiador inflexivel, declara peremptoriamente que no minimo pretendia ella escamotear um lustro, fixando em 1828 para a en-

trada provavel no mundo da *gran Loreta* de los amenos sitios de París y la *leona* de *Regent Street*, levantada en el Paraguay á la categoria de una Reina, por el que, no habiendo se contentado com llenar el mundo con el ruido de su barbarie, lo ha querido llenar tambien con el escándalo de sus amores e la voluptuosidad de sus deleites'

Singular e tremendo rol o desta cortezá na immensa tragedia, "en que su arrogante figura de mujer se destaca pisando los cadaveres de una generaci3n entera, aterrada por los gritos de un millar de criaturas, que contemplaron inocentes el fuzilamento de sus madres infelices, que quizá ella pudo arrancar á su verdugo, amansándolo como se amansan las fieras, con una caricia

Deixada em branco esta quest3o da idade, para ulterior soluç3o, occupa-se Heitor Varela em descrever a sua viagem a Assumpç3o, em busca de bons ares para restabelecer a saude comprometida. Corriam dias de Setembro de 1855, e a anarchia assolava o territorio da Republica Argentina.

Fez a intolerancia partidaria com que o viajante, vulto politico de destaque nas luctas causadoras da qu3da de Rosas, n3o ousasse visitar as cidades marginaes do Paran3 dominadas por adversarios, sin3o depois que as auctoridades lhe mandar3m offerecer todas as garantias. Numa parada para que o vapor pudesse tomar lenha e reparar avarias encontrou Varela, num lugar miseravel e deserto, certa dama mysteriosa de nobre nascimento, e fulgurante belleza, filha de um marquez francez que lhe fazia as vezes de pae e era tambem um fidalgo dotado de grades virtudes, al3m de real sciencia.

Dezenas de p3ginas de insupportavel prolixidade gasta o escriptor com o romance de Maria; — pois assim lhe chama — cheio de incidentes complicadissimos, e inverosimeis muitos delles. Merecera Maria n3o s3o a attenç3o como a benevolencia de Elisa Lynch, quando esta cruzava aquelle trecho selvatico da Argentina, e os elogios por ella feitos á amante de Lopez incenderam os desejos do informado, em conhecer t3o famosa pessoa. Pouco depois entrava o vapor em aguas paraguai3s e começava a manifestar-se o regime dos Francias e Lopez na sua ferrea feiç3o.

Nas Tres Bocas, surgiu pela prôa do vapor, numa canôa, certo funcionario do govêrno paraguaio, á frente de uma patrulha de soldados descalços. Perguntou logo aos passageiros: Acatan ustedes al Supremo ?”

Continuando rio acima cruzou o navio as fortificações de Humaitá, onde trabalhavam milhares de operarios, dia e noite, convertendo o estreito passo na formidavel praça de guerra que chegou a ser.

O official da guarnição de Humaitá, que foi a bordo conferir a lista de passageiros, tinha ares de um Murawieff, despachador de infelizes para o knut e a Siberia, e com prodigiosa insolencia negou o desembarque aos viajantes.

Afinal chegou o escriptor a Assumpção, á capital da terra “convertida por Francia, primero, por su sucesor, despues, en la cárcel imensa de una nación, que prostada, abatida, sin derechos ni garantias, sin consciencia de sua personalidad augusta, vivia como la China, cerrada al bulicio del mundo. La vida del Paraguay tenia para mim lo sombrío de un drama espantoso y lo festivo de una comedia ridícula. En ambos extremos los protagonistas eran los mismos: Francia y Lopez”. Um ajudante de ordens, do general Lopez, Francisco Solano, então ministro da Guerra, subiu a bordo do *Uruguay* afim de saudar a Varela, circunstancia que causou grande impressão aos viajantes: offerecia Lopez hospedagem, que o publicista argentino recusou.

Depois de rapida passagem pela Alfandega foram os recém-chegados á Policia, onde um coronel, de camisa e ceroulas, entre observações grosseiras e ameaças, leu-lhes curiosissimo regulamento policial:

Art. 1.º Queda prohibido hablar de politica de las Provincias de Abajo (Rep. Argentina) por no importarnos lo que por ali pasa.

Art. 2.º Queda prohibido andar del brazo por las calles de la capital.

Art. 3.º No se podrá asistir a ningun baile ó diversión pública, sin licencia prévia de la Policia.

Art. 5.º E’ absolutamente prohibido trasitar ó passar delante el Palacio de Gobierno, habitado por el Supremo de la República.

Art. 6.º No se podrá entrar ó salir de la capital, sin una licencia de la Policía.

Art. 7.º Toda vez que en el transito se encuentre el caruaje de S. E. los transeuntes se detendran y sacando-se el sombrero lo saludaran con todo respeto.

Cuidado con no respetar el Reglamento! disse despedindo-se dos advertidos o mal enroupado funcionario.

Apenas alojado, foi Varela visitar Francisco Solano Lopez. Uns amigos argentinos, residentes em Assumpção, entre outros o consul, já lhe haviam contado o que de sobra sabia aliás: estava Lopez perdidamente enamorado de uma ingloza, linda mulher, altiva e orgulhosa, com quem era de grande vantagem entreter as melhores relações.

Pareceu-lhe Lopez elegante, com maneiras naturaes, desembaraçadas. A physionomia, tinha-a sympathica e expressiva. Acolheu-o amavelmente e apenas lhe disse maliciosamente: "Para una alma como la de Ud. nuestro aire debe ser demasiado pesado. No teme, pues Ud. que la espantosa tirania paraguayana pueda tener influencia sobre su espiritu, acostumbrado á la encantadora libertá de su Patria?" E sublinhou muito as palavras. Agradavel correu a entrevista contudo, retirando-se o escriptor argentino com muito melhor impressão do interlocutor do que a que esperava.



Curiosa feição a da capital paraguaia, em 1856! Saíndo a passeio pela manhã admirou-se Varela do que ia vendo. Um dos primeiros encontros teve-o com um velho em fraldas de camisa, que á porta da rua tocava violão. E não era outro o pouco ceremonioso personagem sinão o bispo do Paraguai!

— E não falta aqui quem o tenha visto em trajos mais summarios!, observou o cicerone do viajante portenho.

¶Pelas ruas, bandos de mulheres iam ao mercado tendo apenas uma leve anagua sôbre o corpo. Innumeros meninos e meninas, alguns de treze e quatorze annos vagueavam totalmente nus, circumstancia que o calor suffocante parecia em parte desculpar.

“Não havia dúvida, reinava no Paraguai profunda aversão a se queimarem palmas nas aras do pudor. Um passeio com senhoras não era dos mais amenos nem poeticos”. Ao regressar á casa soube Varela que Elisa Lynch mandara dar-lhe as boas vindas. Retribuindo a gentileza, á noite pagou-lhe a visita.

Morava a amasia de Lopez numa casa luxuosamente arranjada, cheia de *boules* e *aubussons*, quadros, porcelanas e bronzes. Como ficasse só no salão deteve-se a examinar os cartões de um porta-cartões, constantemente lhe passando sob os olhos os nomes dos diplomatas acreditados no Paraguai e os dos mais illustres políticos platinos. Afinal appareceu-lhe a cortezã: alta, esbelta, cutis alabastrina e admiravel, soberbos olhos azues, cabellos louro-castanhos, mãos e pés pequeninos e perfeitos, um conjuncto de belleza e voluptia. Não se lhe daria então mais de vinte e seis annos, nem se diria que experimentara os transes de uma vida sensual e desregrada.

Longa conversa entreteve com o escriptor, cuja franqueza ao lhe dizer que lhe ignorara a estada em Buenos Ayres, a principio não lhe agradou. Fez a apologia da mulher ingleza, como amante apaixonada, querendo contestar um preconceito corrente, tudo isto em presença de um personagem mulato e mudo, com ares de espião ou esbirro. Fallava o francez com grande pureza e correcção, demonstrando, ao mesmo tempo, um espirito muito vivaz e prompto. Compreendeu Varela, ao admirar-lhe a intelligencia superior e a formosura, quanto fôra facil á antiga *lorette* apossar-se do homem rudimentar, que era Francisco Solano Lopez.

Commentando o escriptor esta visita com os amigos e compatriotas residentes em Assumpção, affiançaram-lhe estes que Elisa não o teria recebido em casa, si o amante não lh'o houvesse aconselhado. Tinha Lopez sempre alerta o tal esbirro e só manifestara ciumes violentos de um paraguaio: Carlos Saguier. Gostava de experimentar a fidelidade da amasia, mandando que recebesse em casa estrangeiros, sobretudo aquelles que julgava poderem impressionar fortemente a mulher. Logo depois pagava Lopez a visita do pu-

bleicista argentino. Vestido com o máximo apuro não perdia ensejo algum de fazer notada a pequenez das mãos e dos pés, de que parecia ter a maior faceirice. Fallou muito da sua viagem e estada na Europa, da politica sul-americana, accusando acerbamente o Brasil de pretender absorver o continente. Como ajudantes de ordens levava officiaes superiores. Viu Varela, nauseado, dous coroneis do exercito paraguaio, um a lhe segurar o cavallo e outro o estribo para que cavalgasse!



Apesar da subserviencia geral na nação paraguaia, pôde Heitor Varela verificar quanto entre as senhoras da melhor sociedade de Assumpção reinava, profundo e rancoroso, o odio a Elisa Lynch, cujas relações recusavam. Acerbamente se referiam á cortezã, muito embora a tremer de medo, accompanhando-as nesse temor os circunstantes, que geralmente rogavam com a maior instancia, se mudasse o assumpto da conversa.

Voltando a visitar Lopez, teve Varela a coragem de lhe fallar com a maxima franqueza da oppressão paraguaia. Retrucou Solano vivamente, e entre as suas ponderações fez acerbos criticas á "supposta liberdade argentina. Não fôra tão sanguinario, seria Rosas o governador ideal para a Republica Argentina, avançou. Depois de uma série de phrases dictadas pela cholera, declarou-lhe peremptorio: "Meu pai está velho, e sua vontade e a dos meus compatriotas é que eu o substitua no supremo mando da nação. Neste dia farei o que elle, apesar dos meus conselhos, não tem querido. O Brasil e vocês argentinos cubiçam o Paraguai. Temos, porém, elementos sufficientes para resistir a ambos. Não esperarei, porém, que me ataquem: hei-de ser o aggressor. Ao primeiro pretexto que me dêem, declararei a guerra ao Brasil e ás Republicas do Prata. Não poderei garantir a independencia e segurança do Paraguai sem abater, antes, a preponderancia do Imperio e das republicas platinas. *Para quando chegar o dia começamos a nos preparar...* Impressionou-se com estas palavras, e tanto, o publicista ar-

gentino, que, ao voltar a Buenos Ayres, as relatou por miúdo aos homens mais eminentes do seu paiz, como o então presidente Alsina e o general Bartholomeu Mitre.

Não deixou Lopez que o interlocutor partisse sem lhe perguntar si conhecia Elisa Lynch, a quem classificou "viajara inglesa distinguida de una solida instrucción".

Dias depois passeando Varela pelos arredores de Assumpção, em companhia de alguns compatriotas, teve occasião de encontrar ao longo do Paraguai numerosos bandos de banhistas em trajos paradisiacos. Por elle cruzou, então, a galopar num soberbo corecl, que guiava como verdadeira amazona, Elisa Lynch, maravilhosamente vestida e indifferente ao espectáculo proporcionado por aquella scena frescal. *Elle en avait vu bien d'autres...*



A *Orion* coube o ensejo de frequentar um dos estrangeiros que viviam prisioneiros, com menagem no Paraguai, facto este comesinho no paiz, desde que Francia o transformara em carcere de homens como Aimé Bonpland e Artigas. Era elle um hispanhol, homem de letras, certo don Ildfonso Bermejo, que a conselho de Solano Lopez viera estabelecer-se em Assumpção. Pessoa muito instruida tivera logo mil occupações, fôra nomeado director da Eschola Normal, da Imprensa Official e redactor chefe do famoso *Semanario*. Haviam-lhe promettido mundos e fundos, e faltavam-lhe os Lopez com a palavra. Era miseravelmente pago e matavam-no de trabalho. Verdadeiro prisioneiro do Paraguai seguidamente lhe davam mil encargos; entre estes o de construir um theatro e o de preparar e ensaiar uma *troupe* de actores paraguaios, apanhados a laço, chucros e boças.

Após insano trabalho fizera o pobre Bermejo o seu pessoal decorar uma zarzuela: *O valle de Andorra*, peça com que se inaugurou o theatro, justamente no anno de 1856. A este magno acontecimento acudiu a sociedade paraguaia em peso. No camarote de Estado destacavam-se Carlos Lopez, a mulher, os dous filhos, Francisco e Venancio, e as duas filhas. Em frente á frisa presidencial Elisa Lynch. "Cora Pearl, a

mais celebre cortezá parisiense de então, não se teria apresentado mais bem vestida, nem mais luxuosa e elegante, na Grande Opera”.

Contemplavam-na os homens com certa admiração respeitosa. As senhoras, sobretudo um grupo á esquerda, na platéa, deitavam-lhe olhares, cuja expressão não era exactamente a de uma terna sympathia.

A mais curiosa figura do theatro era, sem dúvida alguma, a de Carlos Antonio Lopez, disforme de gordura, mamuthico. A cabeça completamente unida ao rosto prosegue numa immensa papada, sem linhas nem contornos, e como que tinha a fórma de uma pera”. Cobria-a colossal chapéu de palha, com quasi um metro de alto, verdadeiramente carnavalesco na sua feição de *kiosque*.

Comportava-se a assistencia como se assistira, compungidissima, ao mais solenne dos *requiems*. Mesmo nos intervallos, apenas, e com difficuldade se percebia o ligeiro murmurio de uma ou outra conversa, iniciada com apparente temor e não tardando a suspender-se.

Reflectia o auditorio a immobildade, a impassibilidade do presidente. De repente poz-se elle de pé.

Em massa, como impellida por possantes molas, levantaram-se então, e de chofre tambem, os espectadores.

Minutos depois saja da sala, seguido pelos seus pretorianos, o “Monarcha das Selvas”.

Não lhe ouviu Bermejo uma unica palavra acêrca da funcção theatral, e este silencio enfureceu-o ao último poncto, desanimando-o ao mesmo tempo, profundamente.

Sua mulher, humilhada e tambem exasperada, relatou então quanto sabia de Elisa Lynch, a quem attribuia em grande parte as attribulações do casal. Tudo isto se devia ao facto de se negar ella, terminantemente, a entreter relações, siquer de cumprimento, com a cortezá, affirma. Assim, pois, a sra. Bermejo dizendo-se perfeitamente informada passou a enumerar as seguintes façanhas da amada de Solano Lopez.

Esposa de distincto official do exercito francez, de familia nobre, seguira-o á Argelia, quando o seu regimento para lá fôra destacado. Linda e elegante, inspirara vehemente paixão a um official superior; pouco depois era sua amante.

Um nobre russo de grande fortuna, viajando em Africa, pouco depois lhe alcançava também as boas graças. Dahi um duello, que ao general francez custara a vida; quinze dias mais tarde fugia Elisa, voltando a Paris, onde se entregava á vida airada. O marido, que fôra destacado para o centro da Argélia, viera então busca-la, tentando regenera-la. Convencido da triste situação, em que caíra, della se separara afinal e para sempre.

A um lord coubera a successão. Gastara rios de dinheiro com a formosa compatriota. Fizera-a viajar muito pelas estações de aguas, dera-lhe um *hotel* em Paris, luxuosissimo, satisfazendo-lhe os mil e um caprichos.

Isto não impedira que o deslocasse um segundo russo, também riquissimo, joven principe e ajudante de ordens do imperador Nicolau I. Durante quatro mezes viajara Elisa com o seu moscovita pela Italia e Hispanha. Regressando a Paris, ao seu quartel-general, notaram todos que o russo desaparecera. Substituiu-o um conde, francez, de uma das principaes familias de Normandia. *Reindva* o normando, quando fôra Elisa assistir a uma parada no Campo de Marte. Fardado de grande gala, figurava Lopez no sequito de Napoleão III. Passou pela fila de carruagens, cruzando a soberba victoria da cortezã, cujos magnificos baios chamavam a attenção geral. Rodeada de galanteadores, analysava ella o cortejo, quando um dos amigos, certo argentino, mostrou-lhe o paraguaio. — Quem é? perguntou desdenhosamente. — O filho do presidente do Paraguai e seu herdeiro. Será um dia dono de colossal fortuna. — Você o conhece? — Sim. — Então faça-o vir ceiar commigo. — Perfeitamente.

Dous dias depois estava Lopez nas garras da irlandeza, de quem nunca mais conseguiria desfazer-se.



Um dos espectaculos, que a Heitor Varela mais impressão causaram no Paraguai, foi a da attitude do povo á passagem do presidente, as demonstrações do mais absoluto servilismo: multidões inteiras prostrando-se de joelhos, ao encontrar a carruagem de Carlos Lopez.

“ Os pobres Paraguaioes hão de morrer todos, quando e onde Lopez os mandar matar , reflectia, devassando o futuro.

Bermejo, que privara com o presidente, informou-lhe então que este não era propriamente um homem mau. Ao filho, Solano, a quem Lopez I idolatrava, a este, sim, cabia a suggestão dos actos de barbaria do Governo.

Tinha Carlos Lopez certa instrucção e leitura. Percorria frequentemente as obras de Machiavel e os livros de Historia. Acompanhava a politica universal analysando a acção dos governos com grande presumpção e fatuidade, pois, como politico e administrador, julgava-se superior a todos os governantes contemporaneos. Com a maior facilidade lhes verberava os actos. Detestava os Estados Unidos, cujo governo dizia ser uma quadrilha de ladrões, e cujos ministros e diplomatas apregoava compraveis por meia duzia de pesos. Viesse ás aguas paraguaias alguma demonstração naval americana, que elle, abrindo a bolsa, saberia arrumar-se com o plenipotenciario e o almirante.

Ao fallar destes assumptos exprimia-se Carlos Lopez com relativa calma; bastava porém tocar no nome do Brasil, para que, allucinado pelo odio, desvairasse.

Jámais pronunciava a palavra *brasileiro*; só nos designava pelos epithetos *los negros* ou *los cambá* (macacos, em guarani)

Qualquer nota, vinda do gabinete de S. Christovam, era motivo para furiosos accessos da cholera do tyranno. Poucos dias antes ouvira-lhe Bermejo dizer no Conselho de ministros: — *Yo no me he ido ya hasta Rio Janeiro porque les tengo lastima a esos macacos: no hay un solo que tenga la figura de hombre. Con diez mil paraguayos yo conquisto el Imperio de Don Pedro.*

E redobrando de ira acrescentara, sem se importar com o que poderia affectar ao filho.

“Venham estes corruptos, estes cevadijas com a sua esquadra! eu os espero nas Tres Boccas com a *Ingleza*. Desde o seu pretenso almirante até o último *mono* das suas tripulações todos se hão de entreter com ella a poncto de se exquecer do objecto da expedição!”

Tinha Carlos Antonio Lopez verdadeiro odio á sua nora

da mão esquerda. Nunca quizera com ella trocar uma unica palavra, e nem admittia que a seu respeito se fizesse a minima referencia, siquer lhe repetissem o nome.



Nas últimas páginas do seu livro relata Heitor Varela horrivel episodio, de que foi protagonista Francisco Solano Lopez: uma tentativa de estupro praticada sôbre uma linda rapariga da melhor sociedade paraguaia, Pancha Garmendia.

Don Juan barato, depois de uma série de facilimas conquistas, " pois poucas eram as que desejava e a elle se não rendiam pelo terror ", cubiçou Pancha, conjuncto de graça e formosura realçado pelas maneiras e distincção".

Repelliu-o a moça violentamente desde as primeiras demonstrações, que se seguiram continuas, e cada vez mais apaixonadas.

Afinal, vendo que o objecto dos seus desejos o evitava de todos os modos, pediu-lhe Lopez uma entrevista. Espavoridos, rogaram os paes de Pancha á pobre moça que cedesse. Estêve ella a sós com o seu perseguidor e disse-lhe, de modo peremptorio que o detestava, por mais que lhe protestasse elle violentamente seu affecto.

Enfurecido, prometeu-lhe então que se vingaria e retirou-se para, dalli a uns dias (facto que basta para caracterizar a vida de então no Paraguai), voltar uma madrugada, a assaltar a casa da sua perseguida como o mais vulgar dos satyros. Conseguindo attingir-lhe o aposento, não o detiveram os gritos da infeliz, que para se defender o mordia desesperadamente, implorava a misera soccorro lancinantemente, e circumstancia atroz! ninguem da familia, paes e ermãos, reunidos num quarto ao lado, ousava acudir-lhe, tal o pavor inspiado pelo despota.

Ia vencer o fauno, quando Pancha, armada com um grande alfinete de chapeu, fundamente o feriu.

Pasmo da resistencia e louco de ira, sacou Lopez do bolso uma pistola e visou a sua victima.

— "Atira, miseravel ! é o unico bem que me podes fazer!" disse-lhe a heroica joven.

Vencido então, e sem retorquir palavra, retirou-se o sa-
lho acabrunhado, pelo jardim por onde passara.

Logo depois entrava no quarto a mãe de Pancha, a chorar
convulsamente. — “Perdoa-me” disse-lhe a infeliz. “Pro-
metteu mandar matar-nos a todos, si lhe vedassemos o passo!”

Tedas as minucias da repugnante scena, affirma Varela
te-las ouvido dos esposos Bermejo, intimos da familia da des-
venturada donzella; algumas semanas mais tarde, confirmou-
lh'as a propria Pacha.

— “Vingar-me-ei”, ameaçava o tyranno ao sair, si não
és minha, jamais serás de pessoa alguma” Foi então que,
exasperado com o insuccesso, retirou-se para a Europa, onde
longo prazo viveu na maior libertinagem. Voltou com Elisa
Lynch que, conhecedora do voluvel amasio e receiosa de uma
recrudescencia da paixão antiga, quiz conhecer Pancha Gar-
mendia. Recusou esta o encontro altivamente, motivo pelo
qual sôbre si attrahiu o rancor perigoso e inapagavel da Ir-
landeza.

Alguns annos mais tarde, Lopez, que nunca perdera de
vista, um dia siquer, a antiga e linda desejada, a quem
constantemente fazia espionar, inflingia-lhe, já em tempos
dos seus revezes militares, toda a especie de ultrajes. Afinal
mandou assassina-la, depois de requintâdos e longos sup-
plicios!



Terminou a estada do publicista argentino em Assumpção
com uma excursão á colonia *Nueva Burdeus*, de infelizes im-
migrantes francezes, localizados a uns sessenta kilometros da
capital e á margem do Paraguai. Realizou-se a excursão a
bordo de um vapor recentemente adquirido pelo govêrno de
Lopez e transformado em vaso de guerra.

Nelle fazia a sua primeira aprendizagem nautica um co-
ronel de cavallaria fardado e exotico ao último poncto: mãos,
pés e braços de dimensões pasmosas; cabellos e barbas, que
eram verdadeiras cerdas.

Ah! si Gavarni e Paulo de Koch apanhassem! reflecte
o viajante portenho. Era o instructor um official francez, que

lhe mandava repetir os commandos em sua lingua materna, cousa totalmente impossivel ao aspero lárnyge do paraguaio e provocadora de homericas gargalhadas dos passageiros. Não insistiriamos acêrca do marinheiro de cavallaria ou do cavalleiro de marinha, si não fosse para nós o muito conhecido chefe Mesa, o vencido do Riachuelo, dez annos mais tarde! Educavam os Lopez o seu futuro almirante! Este incidente bem frisante é de quanto naquelle paiz, unico no universo, e onde tantas singularidades e tantos despropositos havia, contribuiram de modo capital para o descalabro da infeliz e heroica nação, na lucta insana sustentada com a Tripllice Alliança, o desvario do orgulho do tyranno. Suppunha o allucinado que a simples designação da sua vontade bastava para crear aptidões e supprir a superioridade dos tirocinios longos.

Sem que ninguem a esperasse, surgiu do camarim Elisa Lynch, vestida de seda, com um luxo e elegancia inexcediveis, accompanhada de uma ama que carregava ao collo um menino de anno, parecidissimo com Lopez II e cujas roupas e rendas eram dignas de um principe de Galles”

Ao vê-la descobriram-se o chefe Mesa e todos os passageiros presentes com infindo respeito; della se acercaram então alguns dos passeantes. Viu-se Varela em dura contingencia; a senhora a quem accompanhava, uma argentina, recusou-se terminantemente a ser apresentada á ingleza, que para os dous olhava com a maior insistencia. Sentindo-se em falsa posição decidiu-se o jornalista, depois de larga hesitação, a saudar a soberana do Paraguai. Recbeu-o esta ironicamente, alludindo irritada á senhora que recusava a sua companhia e, sem a minima cerimonia, despachou os corte-zãos paraguayos afim de conversar á vontade. Pareceu ao interlocutor que pretendia debica-lo. Estomagou-se e, resolvendo responder-lhe no mesmo tom, perguntou-lhe á queima roupa — “ si algum dia havia amado

Provocou a questão interminavel discussão da *ex-lorette*, em que lhe narrou a vida, a dissecar o coração e a explicar lhe a complicada psychologia do ser.

Expressiu-se eloquentemente, expoz-lhe os embates d'alma com verdadeira paixão. Incontestavelmente, reflecte o interlocutor, tinha eu deante de mim uma mulher de intelli-

gencia superior — Acabou Elisa o seu discurso a enxugar lagrimas; precisa de um desafogo como aquelle que tivera, declarou. Desde muito tinha a alma enferma e ninguem que a consolasse.

Seria esta scena um tributo á verdade dos factos ou pura comedia da cortezã, habil em fingir emoções e sentimentos? Pareceu a Varela mais plausivel a primeira hypothese.

Cessando as suas expansões sentimentaes, mandou Elisa aos lacaios que offerecessem as fructas e os vinhos de tres riquissimas bandejas á dama argentina. Persistindo na imprudente altivez, demonstrada desde o principio, voltou a obsequiada as costas aos creados.

Uma expressão de desvairada cholera incendeu o rosto da amasia de Lopez; contentou-se porém em dizer que nunca vira mulheres tão orgulhosas como as 'buenayrenses: .e, accrescentou: "además las hay mal educadas". E tomando uma vingança, characteristic de *cocotte* de baixo cothurno, ordenou que ao rio arremessassem os lacaios tudo o que nas bandejas havia.

Em *Nova Bordeus* não tardou a atracar o navio. Alli viam, como já o dissemos, uns miseros Francezes, ao Paraguai emigrados, embahidos por funesta miragem que se convertera na mais terrivel das decepções. A vida se lhes tornara verdadeira tortura, mixto de oppressão e miseria inacreditaveis. Confinados a um pequeno territorio, eram os infelicissimos emigrantes vigiados, dia e noite, pelas auctoridades paraguaias; dizimavam-nos a malaria e o typho. A transição de clima os aniquilava, exigindo a pujança da seiva tropical trabalho dobrado dos agricultores para defender as plantações dos insectos e das hervas damninhas. Fracos como estavam, haviam visto as miseraveis roças arrasadas.

Chibateados e estaqueados homens e mulheres a todo o proposito e por questões de nonada, tinham alguns dos colonos enlouquecido. Outros haviam tentado escapar áquelle inferno e então caçados por escoltas, como feras, e assassinados covardemente. De nada valiam as reclamações do ministro francez a Lopez. Bem sabia o tyranno quanto a posição dos seus dominios lhe permittia zombar da fôrça das maiores potencias militares.

Souberam os visitantes que um dos colonos mais conceituados pela posição e familia na terra natal, tinha a esposa á morte, de typho.

Commovida, ou simplesmente para se fazer notada pela acção caridosa, ordenou Elisa Lynch que o desditoso casal embarcasse para Assumpção. Chegado o vapor á capital paraguaia, annunciou que levaria a doente para a propria casa.. Queria ser-lhe a enfermeira. Não sabia o pobre marido o que pensar de tanta generosidade. Mal havia porém a doente caminhado duas quadras numa padiola, entrou em agonia. Fê-la Elisa transportar para a casa mais proxima e assistiu-lhe ao rapido fim.

Dahi a pouco apparecia a soberana do Paraguai ao publicista argentino e sem apparentar a menor commoção, dizia-lhe: "Accompanhe-me á casa, estou suffocada de calor". Voltava-lhe integral a insensibilidade propria das cortezãs, adquirida pelo desvirtuamento dos sentimentos que lhes impõe a tortuosidade da vida.



Pouco conhecedor das cousas platinas, ignoro qual o valor exacto documental do livro de Heitor Varela, de onde extrahi os interessantes pormenores que aos benevolos leitores nos precedentes artigos apresentei. Do sabio e saudoso mestre dr. Vieira Fazenda ouvi que a obra de *Orion* faz fé.

Graças á amabilidade de erudito historiador paraguaio a quem, a proposito do assumpto que nos occupa, tive o ensejo de consultar, consegui de um parente proximo da célebre Irlandeza as aliás restrictas informações, que passo a condensar..

Nasceu a companheira de Lopez II em Cork, condado de Galway Filha de distincto medico, procedia de uma das mais velhas familias daquella parte da Irlanda, contando no seu abolório chefes de clans, sheriffs, etc., "em número de más de ochenta", diz o noticiarista.

Havendo irrompido gravissima epidemia em Cork, prestou Lynch os mais abnegados serviços profissionaes aos concidadãos, sendo-lhe então confiado o govêrno civil da cidade, posição em que revelou a maxima energia na repressão

das depredações e desordens então ocorridas. Quando o flagello estava por assim dizer extinto, enfermou e falleceu. Recordá-lhe os meritos uma placa de bronze com significativa inscripção, num dos mais frequentados locais da terra, a que serviu devotadamente. Silenciando quaesquer outros pormenores, a ponto de declarar desconhecer a data do fallecimento de Elisa Lynch, estendeu-se o consultado, longamente, sobre um ermão que ella transportara ao Paraguai, muito mais moço aliás, o tenente Lynch, da marinha do seu cunhado da mão esquerda e, ao que parece, ex-official da esquadra britannica de guerra.

“Era un distinguido official de marinha, criado y educado como tal, desde su niñez, como acostumbran en la marina britanica”, — relate o informante. “Era un correctissimo gentleman y mui querido por sus compañeros, hasta, no más: joven, rubio, alto de estatura, bien proporcionado; lleno de vida, alegre, se reia a mandibulas abiertas de las penurias y peligros y (lo que fué causa de su muerte prematura) muy y generoso amigo y adorador insigne de las chicas — á quienes festejaba sin tregua ni descanso, — por quienes gastaba todos sus haberes y alas que, en definitiva, terminó por dar su vida, se puede decir, pues a causa de ellas, murió tísico”

Nascera o tenente Lynch assim como a sua linda ermã, sob o signo venusino, deduz-se do aranzel do seu parente...



E' tempo porém justificar a epigraphe dos despretenhosos estudos que tanto desenvolvimento tiveram com as digressões, a que me entreguei. Movia-me o desejo de apresentar aos leitores alguns aspectos physionomicos de uma personalidade, cujo nome é em nosso paiz tão conhecido, e cuja biographia se reveste contudo da ausencia de pormenores perante o público brasileiro.

Do esfrangalhado album de Elisa Lynch restam dez paginas, in-4º, escriptas, onde se lêem as lucubrações em prosa ou poeticas de seis personagens notorios, já o disse eu, por ordem chronologica: a 14 de Fevereiro de 1862 um trecho em prosa do sr. von Gülich, desde 1852 ministro plenipoten-

ciário da Prussia no Paraguai e Republicas Platinas; a 19 de Março de 1862 longa poesia de Juan José Soto, politico uruguaio, agente secreto e espião chefe dos Lopez, nas Republicas do Prata; — a 28 de Maio immediato, longo trecho de prosa do então ministro americano no Paraguai, Charles Ames Washburn; a 20 de Agosto seguinte as linhas curtas do internuncio por Pio IX enviado á republica, monsenhor Marino Marini, arcebispo titular de Palmira, e de seu auditor Luiz del Vecchio. E afinal as tres páginas, onde se esparrama a larga e optima calligraphia do successor de Washburn, o general Martinho Thomaz Mac Mahon, auctor de dez arroubadas e violentas estrophes enaltecedoras do valor paraguaio e portadoras dos votos para que (isso em Junho de 1869) dentro em breve possa a heroica e esmagada pequena nação triumphar dos oppressores.

Este grande lapso de sete annos, entre os cinco primeiros escriptos e o último, decorrente de 1862, epocha de paz e prosperidade, e do apogeu da cortezã, aos dias amargos de 1869, em vespervas de Perebebuí, Campo Grande e Aquidaban, faz-nos crer que do album tenham desaparecido muitas folhas. Seja como for, assim como está, abre-o o ministro prussiano com as suas vinte linhas de excellente gothico.

Bem se sabe quanto, em occasiões destas, é difficil escrever alguma cousa que valha e quanto inçada de perigos e deslises para o ridiculo, a trivialidade e até mesmo o calinismo, é a litteratura "albumnesca". O que o representante do govôrno de Guilherme I traçou é aão chatamente infeliz e vulgar, tão bajulatorio que chego a suppôr haja o diplomata, — no entanto homem de velha estirpe aristocratica — fiado na impunidade conferida pela insignificante divulgação do seu idioma na America Meridional de antanho, deixado uma série de conceitos carregados de acirrada ironia. E realmente só a titulo de impertinente remoque se poderá admittir a lealdade das expressões de quem affirma a existencia da Civilização "não sómente na capital *quasi européa* do Paraguai, como nas mais pobres choupanas dos mais longinquos páramos deste paiz livre!"

Ahi vão, na integra, as phrases *sinceras do ministro prussiano*:

Em que consistirá a civilização ?

Acaso no aperfeiçoamento ou elegante imitar das mais recentes modas parisienses? na interpretação fiel de grandiosas operas? na applicação das mais modernas invenções de mecanismos? não residirá antes, acaso, no Christianismo, nos ensinamentos das Sagradas Escripturas e na sua practica, o fundamento basico da verdadeira Civilização?

Si assim esta é com effeito a essencia de tão celebrada Palavra, muitá civilização vim encontrar no Paraguai que, até hoje, tem conservado encantadora originalidade, e isto em tempos como os nossos, em que as idéas niveladoras pouco a pouco estão roubando ao globo o interesse tão agradável da diversidade. E civilização existe não sómente na capital quasi européa, como nas mais pobres choupanas dos mais longinquos páramos deste paiz livre (1).

F. von Gülich.

Assumpção, 14 de Fevereiro de 1862.

Quicá a trôco de tanta lisonja e por intermedio da possuidora do seu autographo almejasse o plenipotenciario alguma mercê do tyranno. pois já ahi não ha sómente innocuas amabilidades nessas phrases repassadas de funda deturpação da verdade.

Em todo caso não fez cumprimento algum á amasia do bajulado despota.

Juan José Soto, velho estipendiado de Lopez I, parasita constante do Thesouro paraguaio, amigo do peito de Lopez II, um de seus galfarros móres no Prata e confidente de tranquibernas de toda a especie... Seria pasmoso lhe não dêsse o estro charro e baratissimo para celebrar a ligação que ao patrão, por quem fôra herdado, tão cara sabia ser.

E assim o fez nas seguintes nove quadrinhas de bala de estaló, fructo talvez de larga e densa locubração altamente

(1) Traducção do sr. dr. Edmur de Sousa Queiroz..

desphosphorante de sua cerebração beleguinesca e mercenaria...

La flor transplantada

Desde una pradera umbrosa
De la nebulosa Albión
Fué llevada a la Asunción
La más elegante rosa.

Y en el ameno pensil
De aquella zona abrazada
Esta flor privilegiada
Descubre bellezas mil.

A los fuertes resplandores
Del nuevo sol que la alienta
La preciosa flor ostenta
Más vividos sus colores.

Alli un habil jardinero
Lleno de amor y ternura
Cifra toda su ventura
En cuidarla con esmero.

Y en cada estación que asoma
Lujósa en nuevos destellos
Brotan pimpollos más bellos
Exhala más rico aroma.

Y ufana con sus primores
Es en lánguido desmayo
En el verjel Paraguayo
Reína de todas las flores.

Tu eres Elisa en verdad
Esa rosa purpurina
Que mi mente se imagina
Como emblema de amistad.

Si en medio de los placeres
De una vida venturosa
Alguna vez hondadosa
Estas lineas recorrieres

Esenta de amargo hastio
Digan tus labios discretos:
"Improvizó estos cuartetos
Un sincero amigo mio"

Asunción, Marzo, 19 de 1862.

Juan José Soto.

Admiravel o fecho, gryphado, — note-se bem, das nove quadras hepta-syllabicas. Transcrevendo-as lembrámes apenas a razão de ser da presença de Juan José Soto na côrte de Assumpção, como chefe dos esbirros platinos dos dictadores paraguayos.

Muito mais habil que os seus collegas de diplomacia foi o internuncio nas poucas linhas, que a pressão das circumstancias o fez deixar no album de Elisa. Realmente nada mais constrangedor do que este caso de um arcebispo, legado papal, obrigado a fazer zumbaias documentadas a uma *ex-cocotte*, a quem officialmente visitava, na sua qualidade de soberana, embora da mão esquerda.

Creado nas tradições da velha diplomacia romana, unctuosa e matreira, safou-se brilhantemente o finorio arcebispo de Palmira do difficil passo:

"Me es muy grata la oportunidad que me proporciona la distinguida Señora D. Elisa Lynch para minifestarle que en mi corta permanencia en el Paraguay he admirado no solo los ricos y abundantes dones con que la divina Providencia lo ha faborecido sino tambien sus adelantos en todo sentido, el trato fino y amable de sus habitantes, y con especialidad la acertada política del hombre eminente, que dirige sus destinos. Felicito, pues, a la Señora D. Elisa Lynch por haber elegido para su residencia este Pais tan privilegiado.

Asunción, Agosto, 20 de 1862.

Marino, arzobispo de Palmira."

Faz grandes barretadas ao Paraguai, ao "homem eminente que lhe dirigia os destinos", más á Sra. D. Elisa apenas acha meios de lhe applicar o innocuo "distinguida", felicitando-a "por ter eleito para sua residencia tão privilegiado paiz..."

Quanto ao seu secretario, não lhe cabendo as mesmas responsabilidades que ao Prelado seu chefe, nem sendo homem de igreja — escreveu umas quatro a cinco linhas amáveis e galanteadoras, na sua vulgaridade inventiva:

"A la Sñra. D. Elisa Lynch.

Asunción, Agosto 20 de 1862.

Pocos son los dias de dicha, muy estimada e interesante Señora: pero el haber podido apreciar muy de cerca las caras prendas que le adornan, ha sido uno de ellos para el que se honra en suscribir-se. Su afmo. y Seguro Servidor.

Luis del Vecchio."



Sabem quantos conhecem a historia da guerra do Paraguai um pouco além dos seus traços geraes, que ao principiar a campanha contava o Brasil fervoroso inimigo na pessoa do plenipotenciario americano alli acreditado, Charles Ames Washburn.

Intimo amigo de Lopes II e Elisa Lynch, contribuiu fortemente para que a opinião pública de seu paiz se deixasse embaçar pelas apparencias enganosas do conflicto: a tão aponctada desproporção de fôrças, que levava o immenso e covarde Brasil a alliar-se ás Republicas Platinas afim de esmagar o minusculo e heroico adversario.

Era isto o que impressionava o público nos Estados Unidos, tanto mais quato gosava Washburn, no seu paiz, da melhor reputação.

Accusam-no varios escriptores da auctoridade de perversa invencionice, que á porfia repetiram os inimigos de d. Pedro II, brasileiros e estrangeiros, e tanto correu mundo, sobretudo nas Americas. Assim lhe attribuem a paternidade da patranha insustentavel, quo filia a verdadeira causa da guerra

do Paraguai aos sentimentos de vingança do imperador do Brasil, grave e pretensamente insultado nos sentimentos dynasticos e pessoas pelo pedido da mão da princeza d. Leopoldina pelo despota de Assumpção.

Homem intelligente e cultô, embora sem maneiras, grosseiro mesmo, segundo affirma Masterman, pertencia Washburn a uma familia de dilatado prestigio.

Filho de Israel Washburn, grande constructor naval e armador muito conhecido, nascera em 1822 na Nova Inglaterra. Apenas formado em Direito resolvera transplantar-se para S. Francisco da California, exactamente na epocha das grandes *rushes* do ouro. Alli advogara e politicara activamente, dirigindo um grande jornal, o *San Francisco Daily Times*, e organizara o partido republicano do Estado, de onde lhe viera muita influencia juncto aos *leaders* supremos da sua aggrimação politica. Homem de multiplas aptidões era ao mesmo tempo um excellente mechanic. Imaginara um typo novo de prelo e vendera algumas e rendosas patentes de invenção.

Rodeava-o a aura de varios irmãos altamente collocados, sobretudo a de Israel Washburn Junior, advogado de fama, innumeradas vezes enviado como deputado ao Congresso Nacional, abolicionista *enragé* e afinal em 1860 governador do Estado do Maine.

Mostrara-se no desempenho deste cargo um dos mais firmes sustentaculos do glorioso Lincoln, sendo tido como dos grandes *Governadores da Guerra*. Outro irmão, Caldwell Colden Washburn, tambem advogado de notoria reputação, grande influencia no Estado de Wisconsin, de que viria a ser o governador, era egualmente, na epocha, um dos homens proeminentes do partido republicano. Tomara a mais activa parte nas operações da guerra civil, chegando a ser coronel major-general de voluntarios.

O mais velho da ermandade, Elihu Benjamin Washburn, deputado ao Congresso, sempre reeleito, desde 1852, e onde haveria de permanecer até 1869, este chegaria a secretario do Estado com Grant e mais tarde a embaixador em Paris, de 1870 a 1880.

Os dous mais jovens da familia tambem faziam carreira brilhante: Samuel Washburn, official da *Marinha*,

coberto de serviços e citado pela sua pericia e bravura (*Skill and galantry*), e William Drew Washburn, politico de larga influencia no Estado de Minnesota, a ponto de, em 1865, ser nomeado *surveyor general*, apesar da mocidade.

Assim, por si e pelos seus, revestia-se o ministro Washburn de grande auctoridade para encaminhar deste ou daquelle modo a opinião pública norte-americana.

Chegado em 1861 ao Paraguai é de suppôr não haja resistido aos encantos da Circe celta, *en tout bien tout honneur* queremos crer, pois não era Elisa mulher que se ahalançasse a desencadear a explosão dos ciumes do feroz amasio, sobretudo no pequeno scenario paraguaio, onde se sabia rigorosamente vigiada.

Em 1862 estava o ministro Washburn nos melhores termos de amizade com o despota e sua amante.

E este sentimento lhe dictava duas longas páginas de prosa, com pretensões humoristicas, aliás, a nosso ver, mediocrementemente realizadas. Pelo panno de amostra do album de Elisa Lynch não nos parece o causidico diplomata escriptor, cujo espirito seja dos que cream ou acreditam uma feição litteraria.

Avaliem-no, porém, os leitores; e não nos exqueçamos contudo de quanto é perfido e escorregadio o terreno do album de pensamentos:

«Muito desejaría, minha boa amiga, escrever algumas linhas originaes e espirituosas, si tal me fosse possível, mas infelizmente:

A minha unica feição original, é a do peccado.

Conhecedor desta falha já me contentara com o redigir certo número de phrases sensatas, embora estafadas mas... ainda infelizmente tanto me favoreceu a sorte quanto á sabedoria, como quanto ao espirito.

Desde muito é fido o nescio quando calado, por avisado; quantos não tem passados por sabios só porque não fallam ! e si de uma cabeça violentamente saecida nunca se ouviu dizer que a sabedoria houvesse escapado, é que certamente lá ficou ella sempre presa. Traçasse eu aqui a minha rude assignatura, sómente, que dahi me viria talvez reputação identica quanto á sabedoria; quem sabe mesmo si

os que para ella olhassem não exclamariam como sir Roger de Coverly no tumulto do dr. Brusby:

“Este, em verdade era um grande homem”.

Imaginariam, com certeza, que me teria sido facil escrever por cima da firma palavras de tão profunda sabedoria e scintillante humorismo, como jámais ainda houvessem sido apreciadas quer:

Pela immensidade dos ceus, dos abysmos da terra ou sob as aguas que cobrem o globo

Poderiam crer-me tão sensato quanto Goldsmith; aliás mestre-eschola. Cresceu o portanto a ponto de uma pequena cabeça poder conter tudo quanto conheço.

Mas, quando as palavras perfazem phrases inspidas e vacias não ha ensejo para illusões; apparecem *in totum* os periodos chatos, prosaicamente monotonos, e o escriptor que poderia — si se tivesse limitado a rabiscar o nome — passar por um oraculo de sabedoria e um poço de humorismo, revela-se privado destas qualidades por não conhecer bastante a arte de nada dizer.

Occorreu-me a idéa de que para mim o melhor seria não imitar a boa sra. Partingdon, que “nunca abria a bocca sem dizer um churrilho de asneiras” e deixar-me quieto, fazendo entrever que, si quizesse, derramaria a jorros espirito e sabedoria.

Não me posso furtar, porém, cara amiga, a dizer, que tendo vindo a este longinquo paiz estrangeiro foi para mim motivo de grande alegria nelle se me deparar uma senhora nobre pela educação, pela alma e apurado gosto, com quem pude conversar acêrca dos grandes mestres da lingua saxonia e discutir assumptos da litteratura contemporanea.

E’ com estas calorosas expressões de consideração e estima, que me assigno seu amigo grato

Assumpção, 28 de Maio de 1862.

C. A. WASHBURN.”

Encantado pela belleza da sua homenageada e ao mesmo tempo satisfeito de haver encontrado, no rude e ignorante Paraguai de 1860, uma mulher de grande e culta

intelligencia com quem podia trocar idéas sôbre questões que lhe eram gratas, deixou-se Washburn suggestionar a ponto de cerrar olhos e ouvidos ás manifestações da tyrannia lopezca.

Pouco a pouco, porém, dissipando-se a nuvem enganosa que lhe obliterava o espirito, voltou-lhe a consciencia da verdade dos factos, sobretudo quando viu o regulo encaminhar-se para o terreno das crueldades em massa e systematicas.

A principio suspeito a Lopez II, dentro em breve era por este odiado e afinal, após as horriveis matanças de S. Fernando, gravemente ameaçado. Foi então necessario que o Governo de Washington tractasse de lhe proteger a existencia, pois o autocrata paraguaio o aponctava como um dos organizadores, sinão o principal, da supposta conspiração tramada para o derribar.

Teve o *Wasp*, navio de guerra norte americano, de ir ás aguas paraguaias buscar o diplomata que, uma vez escapo ás garras do autocrata, violentamente se desabafou, escrevendo, já de Buenos Ayres, tremendas — bastava-lhes o character da veracidade — objurgatorias contra o grande assassino de S. Fernando.

Denunciado ao seu Governo pediu uma abertura de inquerito para se justificar, havendo nesta occasião obtido a sua conducta a mais completa approvação da juncta encarregada pelo Ministerio das Relações Exteriores de estudar o caso.



Dous annos e meio após a data em que o diplomata norte-americano assignara as suas páginas de humorismo no album da Lynch, irrompia a guerra.

Qual teria sido a attitudo de Elisa durante a campanha?

Desde os primeiros dias, no dizer de várias testemunhas oculares, deu o amasio inequivocas mostras de ferocidade tal, e tão desorientada, que parecia inspirado por absoluta insania.

Assim nos conta Thompson, quando refere por exemplo a execução de dous transfugas argentinos mortos a chibatadas, por terem enfermado de variola! E, sobretudo, o horrível fuzilamento de um misero sargento da guarda presidencial, accusado de conspiração, e cujo crime consistia em haver perguntado ao official inglez, si a rainha Victoria saía com a corôa á cabeça, quando estava a passeio e outras cousas de egual gravidade.

Em perpetuos transe viveu certamente Elisa Lynch, desde os primeiros dias de desánimo, quando a realidade das cousas se lhe desenhou ao espirito, após os desastres de Riachuelo, Tujutí, Curuzú, etc.

Assistia ao embarque dos batalhões, frequentemente, acompanhando os soldados até bordo onde lhes dava cigarros e moedinhas, e passou a residir no Passo da Patria, por algum tempo.

Quando este foi evacuado após o bombardeio tremendo da esquadra brasileira, Lopez espavorido, diz ainda Thompson, fugio precipitadamente, longe do alcance dos canhões navaes, deixando Lynch e seus filhos, que se arrumassem como pudessem”.

Ella, o bispo Palacios e os seus ajudantes de ordens passaram metade de um dia a procura-lo. Afinal o acharam a tres leguas do Passo: como as balas brasileiras se approximassem a uma milha do poncto onde estava, partiu immediatamente. “Estando fóra do alcance dos projectis começou a fazer-se de valente. Possuia um genero peculiar de valor; achando-se a coberto dos tiros, muito embora cercado pelo inimigo, conservava o bom humor; não supportava porém o silvo de uma bala”

Sempre ao lado do amante, relata Thompson que, ao fracassar o accôrdo tentado na entrevista de Lopez e Mitre em Jatahi-Corá, foi Elisa quem consolou o amante, de regresso ao seu quartel-general, secundando-a o bispo, o deploravel Palacios.

Dias depois, embaçado o generalissimo alliado pelo embuste grosseiro da proposta de armisticio, dava-se o terrivel desastre de Curupaíff o que, segundo narra Thompson,

proporcionou á Irlandaesa mais uma demonstração do seu espirito de rameira, avida de dinheiro.

Vergonhosamente despojados os nossos mortos pelos vencedores, grande quantidade de ouro appareceu em campo paraguaio, ouro que Elisa embolsou em troca de papel moeda, recentemente emittido.

Quando o general Diaz foi mortalmente ferido, em fins de Janeiro de 1868, Elisa o visitou várias vezes, depois da amputação que o dr. Skinner practicara, da perna do heroe.

Em 1868, affirma o auctor inglez, fôra ainda ella a instigadora do movimento pseudo-patriotico, pelo qual as infelizes paraguaias se despojaram, em proveito dos cofres nacionaes, de suas joias, joias que Lopez e ella *roubaram*, escreve-o por extenso.

Tiveram ainda as infelizes tributadas que pedir permissão para pelear ao lado dos ermãos, tudo sob a inspiração da Irlandaesa. Havendo algumas raparigas da aldeia de Areguá insistido, fardou-as Elisa com um uniforme de sua invenção: traje branco com faixa tricolor, completado por uma especie de gorro escossez.

Viviam taes amazonas a percorrer as ruas de Assumpção cantando hymnos patrioticos. Passadas algumas semanas, dispersaram-se.

Aproveitou-se Elisa Lynch da guerra para satisfazer antigos e fundos rancores, avança o engenheiro britannico. Assim, como detestasse o digno consul geral francez Cochelet pelo facto de jámais haver consentido que a familia a visitasse, serviu-se de sua substituição pelo tão tristemente famoso Cuverville para o expôr e aos filhos a graves perigos.

Mandou-os encerrar em um local da fortaleza de Humaitá, onde estes desgraçados passavam muitos dias expostos ao bombardeio da esquadra brasileira. O que os salvou foi o apparecimento inesperado de um navio francez, que os vinha buscar.

Entre outras increpações feitas á cortezã por Thompson citemos estas: logo que Lopez soube ser fatal o forçamento de Humaitá, encarregou-a de "acautelar" os objectos precio-

sos do casal, isto é, os que lhe eram proprios e as offerendas dos Paraguaioes sôbre o "altar da patria", além de muitos outros valores.

Vivendo continuamente desde o principio da guerra em companhia da bella e tão desventurada mulher do coronel Martinez, o heroico defensor de Humaitá, nada fez Elisa para salvar a companheira, quando o tyranno a mandou torturar ferozmente, em represalia á capitulação do marido.

Chegando a canhoneira *Beacon* ás aguas paraguaias para repatriar os Inglezes, exforçaram-se Lopez e Elisa para fazer crer ao commandante e officiaes do vaso de guerra, de que "nenhum inglez queria sair do paiz".

Esmagadas as suas forças em Iomas Valentinas, fugiu o dictador, como se sabe, pela "picada da selva" tão apressadamente, que abandonou a amasia á sua sorte, "andando ella, bravamente, a procura-fo entre as balas, com perigo continou de morte".

Afinal desanimando encontra-lo, fugiu em companhia dos generaes Resquin e Caballero, indo reunir-se ao homem a quem se ligara. Valeu-lhe esta attitude a admiração dos seus sequazes. Acaso não receitaria cair prisioneira, sabendo-se odiada como era?

Para Von Wersen — o obsecado official prussiano, que se encaquestara a mania de servir o Paraguai contra os alliados, arriscara muitas vezes a vida para alcançar o *desideratum*, e, afinal, em troca de tanta sympathia, só de Lopez recebera toda a sorte de maus tractos, havendo mesmo milagrosamente escapado á morte pelo supplicio, — para Von Wersen foi Elisa a inspiradora de muitos crimes do amasio.

Tambem para o dr. Jorge Masterman, cirurgião militar inglez ao serviço do Governo paraguaio, e auctor do livro tão interessante dos *septe annos de aventuras no Paraguai*, foi Elisa quem "pelos conselhos perversos e desenfreada ambição se constituiu a causa remota da terrivel guerra", arruinadora da heroica e desgraçada república central.

Segundo este escriptor, Elisa e Lynch não passavam de nomes de guerra. Pretende que a ex-hotaira, nascida em

França, de paes irlandezes, desposara um medico militar francez.

“ Quando a conheci era notavelmente bella; e embora o tempo e o clima lhe houvessem diminuido a belleza, comprehendi perfeitamente quanto os Paraguaioz, vendo-a des- embarcar, acharam-se os encantos de um realce extra-terreno tal e o vestuario tão sumptuoso, que tanto para uns como para outros não encontraram phrases que lhes traduzissem o pasmo. Recebera esmerada e mesmo brilhante educação e fallava, com a mesma facilidade, o inglez, o francez e o hispanhol. Dava magnificos jantares, podendo impunemente beber tanto *champgne*, quanto jámais vira quem quer que fosse faze-lo.

Mulher intelligente, egoista e destituída de escrúpulos como ninguem, comprehende-se immediatamente quanto devia ser immensa a influencia por ella exercida sobre um homem tão imperioso, embora tão fraco, vão e sensual como Lopez. Com admiravel tacto, manifestava-lhe aparentemente a maxima deferencia a respeito, quando na realidade delle fazia o que bem lhe passava pela mente e era virtualmente a soberana do Paraguai.

Dous projectos ambiciosos a afagavam: desposar o amasio e delle fazer o Napoleão do Novo Mundo.

O primeiro constituia difficil empresa, pois o marido, como francez, não podia divorciar-se; quiçá, realizando-se o segundo, não lhe teria talvez sido muito custoso obter dispensas e trocar a equívoca situação por outra garantida. Assim gradativa e insidiosamente fôra imbuindo Lopez da idéa de que era o maior cabo de guerra de seu tempo, e lisongeava o fatuo, credulo e avido selvagem, de modo a inculcar-lhe a noção de que o destino lhe reservara tirar o Paraguai da obscuridade e torna-lo a potencia dominante da America do Sul.

Tornava-se necessario para a realização da ambiciosa trama o desencadeamento de uma grande guerra. Com vizinhos tão açambarcadores como o Brasil e tão turbulentos e anarchizados como a Argentina não foi difficil descobrir pretexto para as hostilidades, nem muito esperar por tal oportunidade.»



Na opinião de Masterman, ainda foi graças a Elisa que Lopez commetteu o erro gravissimo de arrastar a Argentina á guerra, occupando Corrientes. E isto porque nesta cidade se publicava um jornal, em que frequentemente a insultavam. Nutria a esperanza de capturar o apodador, a quem tinha "mortal odio"

Assim "a ambiciosa mulher destituida de escrúpulos, de quem fizera Lopez a sua maxima confidente, veio a ser a sua inimiga capital, pois os desastrados conselhos lhe inspiraram o desejo da gloria militar, que se converteu na paixão dominante da sua vida, quando poderia, quando muito, ter sido passageira veneta".

Acêrca da desmarcada cupidez da cortezã e dos processos de aquisição de propriedades pela tribu dos Lopez narra o auctor inglêz curiosas historias. Por exemplo: pretende que certo Paraguaio velho, chamado Pereira, achando-se um dia urgido de dinheiro offereceu — e por baixo preço — vender uma boa casa que possuia, na Calle del Sol, uma das melhores ruas de Assumpção, a madame Lynch. Immediatamente aceitou ella a offerta, passando escriptura de compra, sem entregar, porém, o dinheiro que o vendedor não ousou reclamar. Tranquillizou-o logo depois, dizendo-lhe pedisse a somma a Caminos, o secretario do presidente, habilitado que estava este a satisfazer-lhe o debito. Indo Pereira ter com Caminos, este mandou-o ás favas, declarando que jámais ouvira fallar de tal negocio. Caíu o pobre diabo na miseria e durante a guerra, veio a morrer de fome. Relatando o incidente, declara Masterman que o processo estava muito ao sabor dos Lopez, desde muito, desde o velho Carlos Antonio: e, a tal proposito, refere uma extorsão indigna e avultada por este practicada em relação a certo Recalde, capitalista de Assumpção.

Conta ainda o medico britannico que em certa occasião entregou o padre que guardava o sanctuario de Caacupé todas as valiosas joias e alfaias da egreja a Elisa Lynch, que para tal fim apresentara uma ordem do amasio.

Não havia o que saciasse a cobiça de Lopez e Lynch, avança o cirurgião inglez. Com a guerra foram os vencimentos do tyranno elevados a 60.000 dollars annuaes, e, logo após o inicio das hostilidades, inventou a Ingleza pedir ás mulheres paraguaias que offerecessem um decimo do valor de suas joias ao Erario nacional, isto é, á caixa do dictador. Já antes, unas celebres subscripções para a estatua de Lopez I. para uma espada de ouro, incrustada de pedrarias, destinada a Lopez II, haviam rendido dezenas e milhares de dollars, de cujo paradeiro ninguem jámais imaginara indagar.

Assim tambem quanto ás projectadas corôa e gorra triumphal de ouro e brilhantes, offertas do bello sexo paraguaio ao marechal presidente, e para as quaes em toda a Republica as infelizes mulheres se haviam despojado das suas joias.

A estas extorsões presidira uma commissão composta de Carmen Palacios, a digna ermã do bispo tristemente célebre, que em Corumbá tanto se locupletou com os despojos brasileiros, Innocencia Barrios, ermã do tyranno, e Josefa Carrillo, sua prima. Incalculavel o número de adereços então arrecadados, perolas e pedras preciosas em profusão extraordinaria, dizem-no todos os auctores. De tudo isto ninguem se atreveu a saber o destino.

A prataria antiga e massiça das egrejas paraguaias; esta, "por segurança" a fizera Lopez recolher á estancia de sua mãe em Itacurubi "em cuja casa estavam accumulados numerosos thesouros pertencentes aos despojos de todas as egrejas do Paraguai" relata o *Diario do Exercito*, em data de 7 de Agosto de 1869, ao noticiar o apresamento desses valores consideraveis.

Apaixonada do confôrto, como sabem se-lo os de sua raça e civilização, inspirara Elisa ao amasio a idéa da construção de uma casa de campo, cujo local soube, com admiravel intuição esthetica, escolher em Patiño Cuê, nas vizinhanças de San Bernardino e daquelle formosissimo lago de Ipacarai, em tôrno do qual abundam as mais encantadoras paizagens. E assim, contrastando com a rusticidade e singelleza das *haciendas* dos seus mais ricos subditos, erguia-se a villa, com que Lopez II brindara a sua querida.

No dizer do *Diário do Exército* era digno de real nota o conjunto das construções da chacara de Patiño Cuê, onde longe do bochorno da Assumpção vinha a família presidencial villegiaturar em liberdade.

“Em Patiño Cuê, achava-se em construção a casa de campo de madame Lynch”, conta o visconde de Taunay, redactor do *Diário*, nas notas relativas a 23 de Maio de 1869. “Era um bonito edificio composto de dous espaçosos pavimentos, ambos ornados de ostentosa columnata, cujas intercolumnas deviam receber grades de ferro fundido e, o que mais realce e valor lhe dava, rodeado de magnifico pomar, onde não só se encarreiravam centenas de laranjeiras e limoeiros, mas tambem se viam os principaes typos da Pomologia européa. taes como macieiras, damasqueiros, pereiras, etc. Não é só esta notavel habitação que dá belleza á localidade: a estação da estrada de ferro é bem construida, como todas as outras, e sobretudo muito elegante”.

Assim, apesar dos desastres successivos da campanha, das angustias inexprimiveis, dos soffrimentos sem conta da misera nação paraguaia proseguia a grande construção de Patiño Cuê, regio brinde do marechal presidente á sua amada. Não chegaria ella a destructa-lo. Fugida de Assumpção, occupada nos primeiros dias de 1869 pelos alliados, não tardaria a saber — provavelmente com que furor! — que a sua casa rica da cidade se achava convertida em hospital de sangue dos odiados Brasileiros.

E breve estaria a peregrinar de Perebebuí ás margens do Aquidaban, onde seria testemunha ocular do desfecho tragico de 1º de Março...

*

Curioso documento oriundo da ex-cortezã, durante a guerra, veio ter-me ás mãos, inesperadamente: uma carta intima, datada de 27 de Agosto de 1867 e endereçada a Panchito, o primogenito dos oito ou nove filhos, que de sua ligação com Lopez haviam nascido, o coronel Lopez, como lhe chamavam, o bello e destemido rapaz de vinte annos que ella haveria de ver prostrado pelos lanceiros do general Camara, ao lado do pae.

Acha-se esta epistola nas collecções do Museu Paulista, a que se incorporou com a aquisição do antigo Museu Sertorio.

Absolutamente maternal esta carta da mamãesinha ao seu querido e amado filho, a quem se queixa do laconismo das cartas e a quem ministra conselhos calligraphicos.

Dá-lhe noticias dos ermãositos e conta-lhe as gracinhas do caçula. Pedê-lhe que entregue os doces, que a Vovó remette ao querido filho, seu futuro chibateador e algóz, detido pela avançada brasileira, seja dicto de passagem — si houver sobra da guloseima, procure distribui-la entre os generaes, coroneis e capitães do Estado Maior e da casa militar de papae, sem que se esqueça o bravo Alen, commandante da praça de Humaitá. Por seu intermedio manda ainda cinco mil cigarros, lindos, a distribuir pelo Quartel-General, em nome da mamãe, que tambem deseja saber si os criados foram gratificados. Sinão, peça dinheiro a papae para que o faça. Com a carta vai um pentinho lindo para este. Termina-a por uma serie de conselhos para que o filhinho tracte bem do pae, procurando evitar-lhe todos os desgostos, e ao mesmo tempo fuja das occasiões perigosas.

Transcrevamos porém e na intrega o documento:

«E. L.

Asunción, 27 Aout (sic) 67.

Mi querido y amado hijo:

Estoy sumamente apurado (sic) pero no quiero que salga este vapor sin agradecerle las cartas que me escribes; solo que me quejo de que son muy cortas, y pon un poco más cuidado en la letra, como algunas veces no puede (sic) ler las palabras.

Me es muy grato avisarte que tus hermanitos están ya casi buenos, y dirás á Papá que esperamos que Carlitos sanará radicalmente de las hemorroides. — Todos te envian muchissimos recuerdos lo mismo que a Papá á quien piden la bendición. Leopoldo (1) es muy gracioso cuando echa la bendición y espero que ya no tardarás en verlos.

(1) O último dos filhos de Lopez II.

Te mando por este vapor cinco tarros de dulce, que Mamá grande quiere que gastes para Papá o para lo que él quiera. Si tiene mucho de sobra, quisiera que enviase un poco al General Barrios y al sr. Obispo y creo que Vera debe tener dulce para enviar un poco a los G.rales Bruguez y Resquin, al coronel Alen, Toledo y Ctes. Nuñez y Roa.

Quiero tambien que Vera te dé cinco o seis mil cigarros lindos para repartir a todos los del Cuartel General en mi nombre y espero que cumplirás bien esta comisión.

Deseo saber si has dado alguna cosa en mi nombre a todos los sirvientes? Si no lo has hecho, hazlo. Papá tendrá la bondad de darte un poco de dinero para este efecto. Te mando dos estrellas, una para el Mayor Ricarola y la otra para el capitán Medina. Te mando un sombrero para tu uso y las botellas para probar; las demás no encuentro.

El pentecito que va en la carta es para Papá. Dile que me lo han regalado y como es muy lindo se lo mando.

Cuide mucho con las provisiones que habrás recibido y repara que nada se gaste de balde.

Don Pancho me apura mucho y concluyo con pesar enviandote mil cariños y recibe la bendición de tu amorosa

MAMITA.

Cuida mucho á Papá y no te descuides un instante en vigilarle y evitarle todos los disgustos que te será posible precaver.

Espero que pronto volveré otra vez cerca de V. Recuerdos a todos.»

*

Como successor de Washburn mandaram os Estados Unidos ao Paraguai o general Martinho Thomaz Mac Mahon, canadense naturalizado americano, nascido em 1838 e formado em Direito em 1860.

Fizera o novo ministro rapida carreira. Empregado superior dos Correios, na região do Pacifico, fôra alguns tempo commissario dos Indios no extremo oeste da Republica. Ao arrebentar a guerra civil, alistara-se voluntario, servira de ajudante de campo do general Mac Clellan, e distinguira-se,

sempre pela coragem e intelligencia, a ponto de lhe conferir o Governo da União as patentes de brigadeiro e afinal de major-general de voluntarios. Politico de grande influencia no Estado de New-York, enviou-o o vice-presidente Johnson ao Paraguai em 1868.

A 3 de Dezembro deste anno apresentava-se a Lopez, exactamente quando o dictador se via na imminecia de abandonar a sua capital. Nos ultimos dias do anno davam-se, como se sabe, os combates sangrentos de Lomas Valentinhas, os ultimos baluartes efficientes do Lopismo.

A 23, no mais acceso da batalha, esteve o ministro americano nas linhas paraguaias, affrontando bravamente a morte. Confiou-lhe o despota o seu testamento e uns documentos de doação feita á amasia, narra Thompson, e entregou-lhe com mil recommendações o mais moço dos filhos, Leopoldo, menor de tres annos.

Quando Lopez quasi abandonado escapou aos adversarios victoriosos, foi Mac Mahon quem lhe conduziu os filhos a Perebebuí. Deu-lhe enfim todas as provas de amizade.

Teria elle chegado dos Estados Unidos já com o espirito preconcebido em relação aos Brasileiros, ou acaso cairia victima dos enredos da fascinadora Elisa? Certo é que se manteve tão constante na affeição a Lopez quanto, como era logico, violentamente infenso ao Brasil e seus alliados.

Foram estes sentimentos que lhe inspiraram as estrophes arroubadas e violentas que, a pedido de Elisa, traçou no seu album. em Junho de 1869, em vespuras de abandonar o Paraguai, de regresso á patria, onde talvez esperava poder, com os seus depoimentos, fazer mudar a feição dos acontecimentos internacionaes sul-americanos e salvar ainda o throno de seus amigos:

« Linda e jovem Republica da zona florida,
 Rainha de tantos caudaes! embora teu nome
 Tarde se tenha divulgado entre as nações,
 Já conquistou tua espada immorredoura fama!
 Ah! não guiara a Guerra com sangrenta mão
 Teus tão firmes passos a um destino implacavel!
 Não sulcassem teus rios inimigas esquadras
 Nem destruissem teus lares vandalias hostes!

Mas como te cobre bem o virgineo peito
 Reluzente escudo, e á cabeça resguarda
 Einphunado elmo, campos e campos attestam
 Os logares onde dormem as legiões de teus mortos !
 E si é o valor que a paz conquista
 E renome alcança o patrio Amor
 O sangue que a jorros se escapa de tuas veias deverá es-
 [tancar-se

Para a Honra vir de louros coroar-te !
 Saúda-te um forasteiro, ó terra formosissima,
 E faz votos enquanto ouve os teus clarins,
 E o troar dos canhões, e enquanto vê chammejar,
 Mil fogos de sentinellas, para que tua nascente estrella,
 A mais bella do firmamento tropical, possa refulgir
 Com o maximo brilho e a mais serena luz,
 Quando todos os teus inimigos colligados tiverem desistido
 De te conquistar em desigual porfia.

Nem é de se extranhar que um peregrino
 Que sob os teus ceus viveu em angustiosos dias
 E testimunhou o valor de tuas phalanges heroicas,
 Combatendo sob os olhos de incomparavel chefe,
 Te almeje todas as benções enquanto roga a Deus
 Para que os teus orphãos, as lagrimas de tuas viuvas
 E as afflições que te pungem neste momento doloroso
 Possam encontrar consólo em epocha que não tarde.

Choraste pela Polonia — todas as nações assim o fizeram
 E nada mais ! — ella succumbiu para eterno opprobrio
 Daquelles cujas espadas então cobardemente descansavam,
 Quando por motivos futeis costumavam ser desembainhadas.
 [Teu futuro
 Não terá destino mais nobre? Não o permita Deus, nem vós
 Em tal consintaes, vós que com firme coração e valeroso
 [braco,
 Escreveis com sangue os decretos do Omnipotente,
 Que hão de dar liberdade á vossa terra natal !

.....
 Adeus, umbrosos laranjaes do Paraguai,
 Ricas florestas dos tropicos, formosa expansão
 De floridas planicies, onde em perpetuo brincar
 As aguas crystallinas de frescos ribeiros rolam!
 E vós, ridentes collinas, onde se espadanam as brisas,
 Trazendo ora o sôpro hibernal dos Andes
 Ora a generosa saudação de mares distantes
 Ou o gelido bafejo das neves patagonias.

Vós cordilheiras, cujos alterosos picos
 As lanças da Liberdade coroam, e onde retumbam
 Os terriveis echos da Guerra, enquanto os batalhadores
 Juntam ás vigias diarias as nocturnas rondas,
 Possa a Paz, voltando ás vossas altitudes, restituir
 A frescura e a belleza aos vossos pincares,
 Quando o canhão inimigo não mais ouvido for
 E todo o paiz descansar no seio da abundancia.

Bellas filhas desta terra, cujo porte gracioso
 Nunca deveriam contemplar profanos olhos,
 Com o ardor' espartano que em vosso tumido peito se abriga,
 (Vós que ensinaes a morrer, mestras de negros olhos !...)
 (Qual a terra, que com taes filhas se entrega ao desespero ?)
 Acaso poderão os filhos, que criardes, aprender a gemer,
 Sob o jugo que lhes preparam implacaveis inimigos
 Ou jurar obediencia a um throno estrangeiro ?

Não! ao menos estes! que á luz melancholica
 Dos fogos chammejantes dos acampamentos, por asperas
 [serranias,

Rejubilam com o pensar, no albor das batalhas,
 Que a cholera generosa a lhes entumescer os peitos,
 Explodirá contra o triplice inimigo, encerrando
 O já tão longo periodo das patrias desgraças
 Com um hymno triumphal, como jámais se levantou
 Em dia jubilar ou pela voz de um canticó!

nossas linhas. No dia seguinte retirava-se, levando grande bagagem, "quarenta e cinco fardos, dos quaes oito eram visivelmente cunhetes com dinheiro em moeda ou valores metallicos, denunciados, não só pelo peso como tambem pelo tinido", narra o *Diario do Exercito* em data de 2 de Julho. Certamente parte das economias de Elisa Lynch, que a precavida mulher tractava de pôr a bom recato, por intermedio do diplomata...

Ainda, no *Diario*, com data de 4, lê-se o seguinte: "O general Mac-Mahon tem practicado em Assumpção diversas tropelias indignas do seu character official, não só negando-se a pagamento da morada em que se acha, por pretender ser ella de propriedade do paraguaio Jara, que o acompanha, como consentindo que este homem ande publicamente fallando a favor de Lopez, no sentido de alliejar gente. Os Paraguaiois têm sido os proprios denunciantes destes factos, mostrando-se indignados contra as propostas daquelle embaixador".

A 6, pela tarde, embareava o plenipotenciario a bordo do vapor *Eduardo Eweret*. "O dinheiro que levava na bagagem, relata o *Diario*, "fôra convertido em letras passadas por Lesica, Lanes e Molina e montava no valor de vinte e cinco mil patações"

"As irregularidades, que em Assumpção practicara", commenta ainda o documento official, "haviam de provocar qualquer medida; por isso não pouca satisfação causou a sua retirada".

Indignação com tal procedimento, fôra o chefe do Estado-Maior da nossa esquadra o bordo do *Eweret* "fazendo ao ministro sentir sua descortezia (*falta de etiqueta*) em deixar bruscamente e sem participação ás auctoridades brasileiras, a praça de Assumpção, e o porto ainda sujeito ao bloqueio"

E, como para lhe vigiar os passos, partira a corveta *Belmonte* até o Cerrito, a escoltar o *Eweret*.

Saíu portanto Mac-Mahon do Paraguai furioso com as auctoridades brasileiras. Chegando aos Estados Unidos, fiel aos rancores e ás amizades, procurou fazer o maior mal ao nosso Governo.

JÁ porém Washburn fallara largamente, "traçando um quadro horripilante, mas exacto, do que vira", na phrase de

Von Werssen, e assim muito poucos lhe prestaram attenção. Tanto mais quanto, logo depois, surgia o terrível depoimento constituído pelos *Seven eventful years in Paraguay*, de Masterman, victima milagrosamente escapa, após mil martyrios, ás garras do tyraano. Curiosamente leu o publico anglo-saxonio esta descripção apavorante e singella, das atrocidades lopezas. "Não se pejou Mac-Mahon, contudo, de affirmar pela imprensa que Lopez era o mais liberal dos governantes sul-americanos", affirma Von Werssen na sua *Historia da Guerra do Paraguay*. "Falsos os actos de crueldade a elle attribuidos; assim mostrou-se indignado que a imprensa ingleza publicasse as calumnias propaladas pelos Alliados".

Declara, contudo, o auctor prussiano, que provavelmente agia o diplomata de inteira boa fé. Na curta permanencia no Paraguai "nunca tivera occasião de conhecer a realidade das cousas".

Deixando a diplomacia, voltou Mac-Mahon á Advocacia e á Politica. Foi em 1872 nomeado thesoureiro da Municipalidade de New-York e de 1885 a 1889 exerceu, sob o govêrno de Cleveland, a chefia de policia da enorme *urbis*. Senador, em 1892, pelo Estado de New-York, dispunha de enorme prestigio nos meios politicos da grande cidade e occupou elevados cargos em diversas associações notaveis. Falleceu em 1906. Já-mais perdoou ao nosso Governo Imperial o attrito de 1869. Assim nos lembramos que em 1892 a nossa imprensa se referiu a um discurso seu, pronunciado num grande banquete, e em que, acêrca dos nossos generaes e homens politicos do Imperio, exarou desagradaveis apreciações, calorosamente felicitando então o Brasil pelo facto de haver expulso a dynastia bragançina.

Da sua sympathia pelo tyraano paraguaio e sua amasia resta mais um documento litterario até agora inedito: as dez estrophes que transcrevemos. Revelam um verzejador de estro facil, cheio do arroubo dos trinta annos, mas sem grande envergadura poetica. "Homem de bello talento e superiores qualidades de acção, possuia grande magnctismo pessoal", exprime-se a seu respeito um biographo. Deixara-se quiçá dominar pelos dotes hypnoticos da linda Irlandeza, apesar do "magnetismo" que lhe era attribuido.



Depois dos desastros de Perechuf e Campo Grande, quando a fuga para o Norte assumiu as proporções de completa derrocada, dias terríveis devia ter vivido Elisa Lynch. Por mais insensível que pudesse ser ao soffrimento alheio, não é possível que lhe não abatesse o ánimo o martyrio das hordas em debandada de soldados, prisioneiros e *destinados*, tangidos para a fronteira boliviana pela epilepsia do dictador, allucirado na sua obstinação ferrea e selvagem.

No dia 25 de Outubro entregara-se prisioneiro o seu costureiro, referindo novas e hediondas barbaridades lopezcas, e — circumstancia curiosissima — que mesmo então, apesar de tudo, de todas as privações, sustos e perigos, não conseguia a antiga *lorette* exquecer as violentas inclinações das mundanas pela toilette; o alfaiate a acompanhava sempre, a cortar-lhe novos vestidos.

A 7 de Novembro narrava outro prisioneiro, o sargento Pedro Decoud, que o coche de Elisa Lynch, por falta de animaes, era frequentemente puxado por homens, entre os quaes muitos officiaes. A 14 libertavam nossas forças numerosas senhoras das principaes familias de Assumpção, reduzidas, já se vê, á mais hedionda penuria; a 29 muitas outras, entre ellas a conhecida madame Lasserre, a escriptora da odysséa pavorosa dos *destinados* de Lopez.

No dia 13 de Janeiro de 1870, relatava o alferes Angelo Benites, recém-capturado, que o dinheiro entregue ao general Mac-Mahon, além de seiscentas onças de ouro, cêrea de dezeseis kilos deste metal, orgava por 28.000 patacões. Outros 20.000 tinham ainda ficado em poder de Lopez. Outr'ora, verificara elle, Benites, que o marechal enviara a certo Gregorio Benites, em França, vinte mil patacões.

Quando se deu a catastrophe de 1º de Março estava Elisa Lynch, como se sabe, junto ao amante. “O numero de prisioneiros feitos sobe a 244”, refere a parte official do visconde de Pelotas, “entre os quaes se acham os generaes Resquin e Delgado, quatro coronéis, dezenove majores, tres medicos, oito padres, e um escrivão. Mme Lynch e quatro filhos entram no numero dos prisioneiros e são tropheus preciosos deste triumpho. Ao lado do carro, em que ella

pretendia fugir, foi dispersa a escolta que a guardava e morto o coronel Lopez, filho do dictador, que não quiz render-se”

Sobre os pormenores de Aquidaban ha excellente apinhado do eminente historiador paraguaio, dr. Juan Silvano Godoy na sua *La Muerte del Mariscal Lopez*. Refere uma série de cousas, que o nosso público desconhece, e por isso, aqui as transcrevo.

Na refrega soffreu Elisa as maiores emoções. Si já devia estar archi-cansada de Lopez e desejosa de se libertar de sua companhia, teve a dor de assistir á morte do seu primogenito, do seu querido Pancho, e ver outro filho, Henrique, rapazito de nove annos, atirado do cavallo abaixo com uma coronhada na cabeça, desfechada por um dos nossos cavallarios. O coronel Silva Paranhos e o major Floriano Peixoto, percebendo de quem se tractava, apressaram-se em cercar o carro «de la odiada compañera del Mariscal Lopez», para lhe garantirem a vida, a dos filhos e demais parentes.

Deu-se então repugnante e macabro incidente: “cuando regresaba a pié al antiguo cuartel-general paraguayano para tomar el camino de Concepción, la señora Lynch con sus hijos, sus servidumbres, los señores Paranhos y Peixoto deran con los restos del Mariscal Lopez, traídos de onde murió enterrado a flor de tierra, rodeado de un gentio de mujeres y hombres, y un soldado brasileño bailando e haciendo piruetas sobre la barriga del cadaver que estava cubierto.

La señora Lynch ante este espectáculo, dándose cuenta de lo que sucedia, apesar de que acompañantes procuraban distrairla con su conversación, se lanzó hacia el lugar, se abrió paso y desalojó el soldado de un empujón, dije con viveza dirigiéndose al coronel Paranhos y major Peixoto: “y es esta, caballeros, la civilización que nos han traído a cañonazos?” El major Peixoto afugentó los profanadores, que eran personas de color.

Se desenterró el cadaver. La fosa fué alargada y profundada. Lynch compró por tres onzas una sábana blanca en la cual envolvió cuidadosamente el cuerpo del Mariscal que estava completamente desnudo y depositó a su lado izquierdo el del malogrado joven coronel Juan Francisco”.

Só depois de haver verificado que a inhumação estava perfeitamente segura e bem assignalado o local da sepultura é que a mãe infelicitada continuou a sua marcha.



Rapidamente passou Elisa Lyneh, após o episodio do Aquidaban, pelos antigos dominios, em demanda de Buenos Ayres, de onde partiu para a Inglaterra e onde teve com Heitor Varela o encontro, que já se narrou.

Julgava-se multimillionaria e a vida lhe sorria, livre do pesadelo paraguaio. Bem sabia que as quantias passadas por Lopez em seu nome ascendiam a alguns sinão muitos mil contos, sem eontar que a esta somma se devia ajuntar o valor de muitos milhares de arrobas de matte a ella consignadas na capital argentina.

"Da desgraçada e impavida nação, para euja ruina tanto contribuíra, iria tranquilla e faustosamente usufruir os despojos, e isto quando no territorio do povo muito graças a ella dizimado, não existia — já não se falla em bois, cavallo e carneiros — não existia uma só gallinha!" repara energica e frisantemente o escriptor paraguaio citado.

Enganava-se, porém. Das eentenas de milhares de libras esterlinas, depositadas em sua conta corrente do Banco da Escossia, mais de 200.000 se haviam volatilizado !.. Accusa o dr. Godoy ao medico inglez dr. William Steward, do furto desta enorme quantia. Fôra o dr. Steward o dedicadissimo chefe do corpo de saude do exercito paraguaio, a quem, durante a campanha, prestara inexciveis serviços; casara-se no Paraguai e angariara a amizade e a maior confiança do dictador e sua eompanheira. Após a queda de Assumpção, quizera o Governo Provisorio confiscar-lhe os bens, mas o visconde do Rio-Branco, attendendo sobretudo ao facto de que o cirurgião se mostrara sempre altamente humanitario para com os prisioneiros brasileiros, obstara a que se levasse a cabo tal medida.

Masterman, no appendice do seu livro, explica o facto, minuciosamente. }

Era o dr. Steward "tão rico quanto caridoso e pões corações jámais houve tão bem formados quanto o seu", affir-

ma em um depoimento que se coaduna com a justificativa da acção do visconde do Rio-Branco, perfeito avaliador de grandezas d'alma.

Em 1866, sentindo-se Lopez doente, convencera-se de que o cirurgião britânico pretendia envenenar-lo e um bello dia dissera-lhe os maiores insultos, acenando-lhe com atrozes ameaças.

Fôra Steward, apavorado, ter com Elisa Lynch e desta ouvira: "oh! dr., receio muito que o presidente faça alguma coisa que eu nunca lhe possa perdoar!" Cada vez mais apprehensivo, não pudera então o medico recusar um pedido de emprestimo (?) de 1.000 esterlinos que a favorita lhe extorquiria, dinheiro este sobre cuja sorte jámais ousara, como era de esperar, pronunciar-se.

Em 1868, obrigara-o ainda Lopez, a remetter pela canhoneira ingleza *Beacon* mais onze mil libras a um correspondente de Lynch. Aprisionado em Lomas Valentinas, pouco depois soubera que o tyranno a titulo de represalia (?) mandara commetter toda a sorte de perversidades com sua mulher e filhos pequenos, do que resultara a morte de uma das crianças. Além disto ordenara-lhe uma *razzia* geral dos bens. Além das joias da mulher, da prataria e dinheiro, perdera elle só em gado, mais de vinte mil esterlinos.

Assim, partindo para a Inglaterra, procurára obstar o pagamento das onze mil libras, que um agente do seu antigo perseguidor, certo francez, chamado Gelot, pretendia realizar.

No processo que a Lynch lhe moveu depôz Masterman, cujas palavras tiveram a confirmação plena de personalidades notorias, como o honesto ex-consul francez no Paraguai, Cochelet, do coronel Thompson, o antigo commandante de Angustura, de varios officiaes inglezes, do engenheiro Valpy, etc.

Provou o dr. Steward que ao irmão, residente na Escocchia, escrevera, pedindo que agisse afim de se não effectuar o desconto de suas letras.

Creio que os tribunaes inglezes lhe deram sempre razão.

"Depois de 1870, viveu Elisa, algum tempo, em Bologne sur mer", conta Von Wersen. Diz-nos o dr. Godoy que em certa epocha transferiu a residencia para Paris.

Apesar dos grandes prejuizos (?!), ainda muito lhe restava, mau grado o confisco, que dos bens de raiz averbados em seu nome e no de Lopez fizera o novo Governo paraguaio por decreto de Maio de 1870.

Em Paris consumiu os restos dos despojos roubados ao infeliz e heroico Paraguai, a quem havia sido inenarravelmente funesta, e alli falleceu, em fins de 1888, nas vizinhanças dos sessenta annos.

“Murió completamente pobre, después de haber despilado los injentes recursos que le entregó Lopez” relata o historiador paraguaio, pues apesar de las docientas mil libras esterlinas, que le robó el medico Guilherme Steward, ella quedaba todavia con una fortuna que non fué capaz de conservaria para sus hijos. La señora Lynch poseía propiedades en Paris: una soberbia casa en la que daba regias recepciones semanales. Mas tarde realizó suntuósos viajes por el Oriente”, etc., etc...

Assim, acima de tudo, cortezã até á raiz dos cabellos, dominada pelo conjuncto desses sentimentos que formam a alma obscura das hetairas, tão cupida quanto prodiga, megalomaniaca e despreocupada da sorte dos seus, ferozmente egoista, insensível ao remorso, sectaria irreductível do *après moi le déluge*, coube a Elisa Lynch uma última prova de carinho do insondavel destino.

Desappareceu, exactamente quando os recursos pecunniarios lhe iam faltar, e um último trecho de vida se lhe antolhava terrível para quem, como ella, tinha descommunaes appetites de dinheiro e ostentação.

Versada nas litteraturas como era, não lhe seria certamente desconhecido o famoso livro precautorio de Philosophia balzaciaana sôbre o esplendor e a miseria das mulheres de sua categoria.

Apesar do tudo, jámais pudera refrear os instinctos... Assim lhe veio a morte poupar muito desgosto e muita humilhação insupportavel...
